



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Caio Abitbol Carvalho

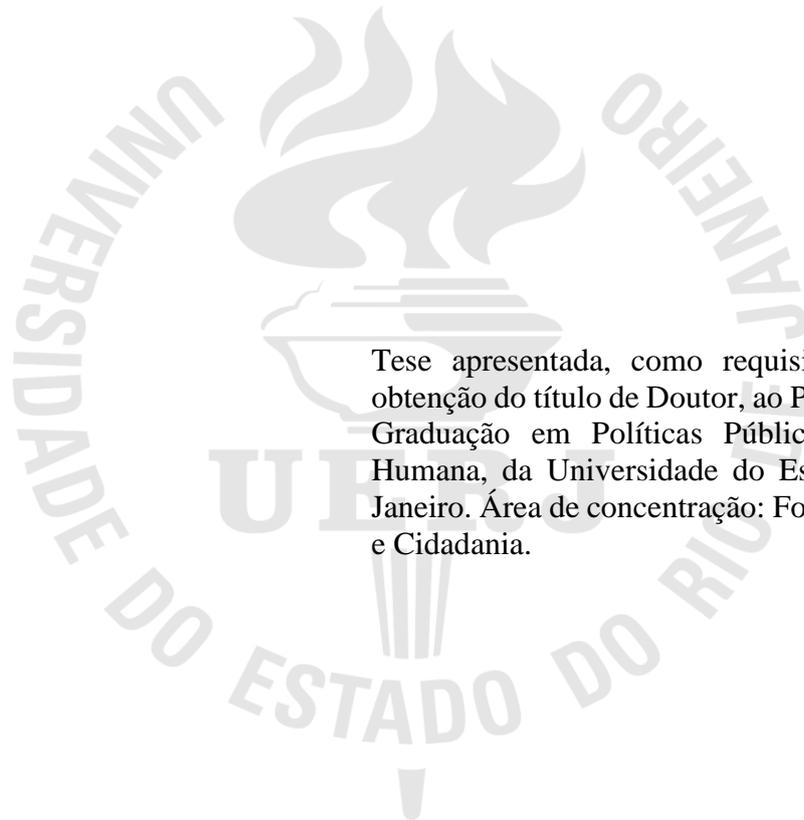
**Disseminação da desinformação on-line & tecnologias de informação e
comunicação**

Rio de Janeiro

2024

Caio Abitbol Carvalho

Disseminação da desinformação on-line & tecnologias de informação e comunicação



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Formação Humana e Cidadania.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Bastos Costa de Oliveira

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C331 Carvalho, Caio Abitbol
Disseminação da desinformação on-line & tecnologias de informação e
comunicação / Caio Abitbol Carvalho. – 2024.
94 f.

Orientador: Rafael Bastos Costa de Oliveira
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Centro de Educação e Humanidades.

1. Comunicação de massa – Teses. 2. Tecnologia da informação – Teses.
3. Notícias falsas – Teses. I. Oliveira, Rafael Bastos Costa de. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Centro de Educação e Humanidades. III. Título.

br CDU 659.3

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Caio Abitbol Carvalho

Disseminação da desinformação on-line & tecnologias de informação e comunicação

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Formação Humana e Cidadania.

Aprovada em 30 de outubro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Bastos Costa de Oliveira (Orientador)

Faculdade de Educação - UERJ

Prof. Dr. Michel Gherman

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rodrigo dos Santos Rainha

Universidade Estácio de Sá

Prof.^a Dr.^a. Alexandra Monteiro Grisolia

Faculdade de Ciências Médicas - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Kamilla Corrêa Loivos

Instituto Multidisciplinar de Formação Humana com Tecnologias IFHT/UERJ

Prof.^a Dr.^a. Maíra Martins Moraes

Universidade de Brasília

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Maria Luiza e Felipe. Que tenham a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguirmos umas das outras. E em memória da minha eterna orientadora, amiga e chefe, Eloiza Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Maria Luiza e Felipe, que me deram a força necessária para enfrentar todos os percalços que a vida trouxe e me deram esperança por dias melhores. A vitória é de vocês.

Aos meus pais, Geraldo e Ienta, e minha irmã Priscilla. Minha “Ohana”, que sempre me deram suporte, apoio e fizeram o possível e o impossível para que eu chegasse onde estou.

Para minha companheira, Fabiana, por toda amizade, parceria, compreensão e ajuda para que eu pudesse me dedicar a alcançar os objetivos.

Para minha eterna orientadora, amiga, chefe e praticamente segunda mãe, Eloiza Oliveira. Que durante mais de 12 anos me orientou e guiou. Que sua memória seja uma bênção.

Para meu orientador, Rafael Bastos, que aceitou ser meu orientador e me auxiliou a chegar ao fim do percurso.

Ao meu coorientador, professor Zacarias Gama. Que, além de um amigo, foi um incentivador para que eu terminasse a tese.

Aos meus sogros e familiares que me auxiliaram para que eu pudesse ao longo desses anos conseguir cumprir meus deveres.

Aos professores Michel Gherman, Rodrigo Rainha, Alexandra Monteiro, Kamilla Loivos e Maira Martins, por terem aceitado fazer parte da banca e serem fundamentais na trajetória.

Eu sou, porque nós somos.

A utopia está lá no horizonte.
Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos.
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos.
Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei.
Para que serve a utopia?
Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Eduardo Galeano

RESUMO

CARVALHO, Caio Abitbol. *Disseminação da desinformação online & tecnologias de informação e comunicação*. 2024. 94 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Estudar o fenômeno da desinformação on-line e sua relação com as tecnologias de comunicação e informação (TIC) revela-se essencial e desafiador, especialmente no contexto contemporâneo, em que as redes sociais se tornam veículos tanto de informação quanto de manipulação. O presente trabalho investiga como as TIC, particularmente durante a pandemia de covid-19, influenciaram a proliferação de desinformação e quais os impactos para a sociedade, a saúde pública e a democracia. A partir de uma abordagem crítica fundamentada na teoria crítica de Andrew Feenberg, analiso a conexão entre Internet, política e o capitalismo de vigilância, destacando a erosão do debate democrático em meio à ascensão dos dados como principal recurso econômico. Exploro, também, o papel dos algoritmos e das câmaras de eco na disseminação da desinformação, examinando como esses mecanismos contribuem para polarizar discussões e solidificar falsas crenças. O estudo inclui uma análise de postagens em redes sociais de grandes veículos de comunicação, como *O Globo* e *UOL*, que buscaram desmentir informações falsas relacionadas à covid-19. O comportamento dos usuários diante dessas postagens, suas reações, comentários e o engajamento geral foram analisados, revelando os desafios que os veículos enfrentam para combater a desinformação de forma eficaz. Ao longo da pesquisa constatou-se que a desinformação on-line não apenas desestabiliza os esforços de saúde pública, mas também amplia a desconfiança nas instituições e no jornalismo tradicional. Por fim, discuto sobre estratégias mais eficazes de combate à desinformação que precisam considerar não apenas o conteúdo, mas também o contexto em que as informações são recebidas e interpretadas. Proponho a reflexão para políticas públicas que visem mitigar os efeitos da desinformação e promover um ambiente digital mais saudável e construtivo. A complexidade do tema requer, contudo, mais pesquisas futuras que o aprofundem.

Palavras-chave: desinformação; tecnologias de informação e comunicação; redes sociais; propaganda digital.

ABSTRACT

CARVALHO, Caio Abitbol. *Dissemination of online disinformation & information and communication technologies*. 2024. 94 f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas e Formação Humana) – Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

Studying the phenomenon of online misinformation and its relationship with communication and information technologies (ICTs) is both essential and challenging, especially in the contemporary context where social networks become vehicles for both information and manipulation. This work investigates how ICTs, particularly during the covid-19 pandemic, influenced the proliferation of misinformation and the impacts it had on society, public health, and democracy. Using a critical approach grounded in Andrew Feenberg's Critical Theory, I analyze the connection between the Internet, politics, and surveillance capitalism, highlighting the erosion of democratic debate amid the rise of data as a primary economic resource. I also explore the role of algorithms and echo chambers in spreading misinformation, examining how these mechanisms contribute to polarizing discussions and solidifying false beliefs. The study includes an analysis of social media posts from major news outlets, such as *O Globo* and *UOL*, which attempted to debunk false information related to covid-19. The behavior of users in response to these posts, their reactions, comments, and overall engagement were analyzed, revealing the challenges that media organizations face in effectively combating misinformation. The research found that online misinformation not only destabilizes public health efforts but also amplifies distrust in institutions and traditional journalism. Finally, I suggest that more effective strategies for combating misinformation need to consider not only the content but also the context in which information is received and interpreted. I propose guidelines for public policies aimed at mitigating the effects of misinformation and fostering a healthier and more constructive digital environment. However, the complexity of the issue requires further future research to deepen understanding.

Keywords: disinformation; information and communication technologies; social media; digital propaganda.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Print</i> sobre matéria “Pazuello mente ao dizer que Saúde nunca indicou remédios contra a covid-19”	23
Figura 2 – Reações à matéria “Pazuello mente ao dizer que Saúde nunca indicou remédios contra a covid-19”	23
Figura 3 – <i>Print</i> da matéria “Bolsonaro mente ao menos sete vezes em entrevista a podcast em temas como vacina, cloroquina e urnas”	28
Figura 4 – Reações à matéria “Bolsonaro mente ao menos sete vezes em entrevista a podcast em temas como vacina, cloroquina e urnas”	28
Figura 5 – Reações à matéria “Bolsonaro mente ao menos sete vezes em entrevista a podcast em temas como vacina, cloroquina e urnas	29
Figura 6 – <i>Print</i> da matéria “Bolsonaro conta cinco mentiras sobre a covid-19 em um dia e diz mortes ‘interessam a alguns’”	30
Figura 7 – Reações à matéria “Bolsonaro conta cinco mentiras sobre a covid-19 em um dia e diz mortes “interessam a alguns”	30
Figura 8 – Compartilhamentos da matéria “Bolsonaro conta cinco mentiras sobre a covid-19 em um dia e diz mortes ‘interessam a alguns’”	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 METODOLOGIA	19
1.1 A metodologia utilizada e uma breve explicação	19
1.2 Análises dos resultados.....	31
2 TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO	38
2.1 A teoria crítica de Andrew Feenberg.....	39
2.2 Internet e política.....	43
2.3 Os impactos dos comentários na Internet	49
2.4 Capitalismo de vigilância	54
2.5 A ascensão dos dados: uma análise crítica	57
3 A DESINFORMAÇÃO ON-LINE	60
3.1 Desinformação, problema da atualidade.....	60
3.2 Aqueles que arquitetam o caos e os impactos na sociedade.....	65
3.3 Algoritmos, Internet e a câmara de eco.....	68
4 A PANDEMIA DO COVID-19	72
4.1 A Covid-19.....	73
4.2 A pandemia da Covid-19 e da desinformação.....	75
4.3 Efeitos da contextualização realizada	79
CONCLUSÃO	82
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

Em 2016, a palavra *post-truth*, traduzindo para o português, pós-verdade, foi eleita a palavra do ano pelo Oxford Dictionaries, departamento da Universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários.

A pós-verdade seria, então, um termo usado por quem avalia que a verdade estava perdendo importância no debate político.

O jornal *Nexo* trata desta questão em uma matéria publicada naquele mesmo ano:

Ainda de acordo com a Oxford Dictionaries, o termo “pós-verdade” com a definição atual foi usado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich. Ele tem sido empregado com alguma constância há cerca de uma década, mas houve um pico de uso da palavra, que cresceu 2.000% em 2016. “‘Pós-verdade’ deixou de ser um termo periférico para se tornar central no comentário político, agora frequentemente usado por grandes publicações sem a necessidade de esclarecimento ou definição em suas manchetes”, escreve a entidade no texto no qual apresenta a palavra escolhida¹.

Na época, a pós-verdade vinha sendo empregada em análises sobre dois acontecimentos de extrema importância: a formação do Brexit (referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia) e a eleição de Donald Trump para presidente dos Estados Unidos.

Esses dois acontecimentos ficaram marcados, principalmente, pela quantidade de notícias falsas ou, em um linguajar mais atual, as *fake news*, que eram divulgadas em massa em ambas as campanhas. Na do Brexit, por exemplo, uma das notícias falsas apresentadas era a de que a União Europeia custava à Grã-Bretanha US\$ 470 milhões por semana.

Para diversos jornais e acadêmicos, um fator foi muito importante para a disseminação dessas notícias: o crescimento das redes sociais digitais. Plataformas como Facebook, Twitter e WhatsApp favoreceram a replicação de boatos e mentiras.

Isso se dá, em grande parte, porque essas notícias eram compartilhadas por conhecidos e amigos, nos quais um usuário comum tem confiança, o que aumenta a sensação de legitimidade.

Em algumas redes sociais, os algoritmos que são utilizados fazem com que os usuários tendam a receber informações que corroboram com seu ponto de vista, uma vez que o usuário curte e compartilha aqueles mesmos assuntos, formando uma bolha que isola narrativas que suscitam questionamentos diferentes.

Os algoritmos da Internet, embora muitas vezes invisíveis aos olhos do usuário comum,

¹<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>

desempenham um papel fundamental na organização e apresentação de conteúdo, influenciando diretamente nossas percepções, opiniões e até mesmo nossas decisões. Algoritmos de Internet são conjuntos de regras e instruções computacionais utilizados pelos serviços on-line para realizar uma variedade de tarefas, desde a organização de conteúdo até a tomada de decisões sobre o que exibir aos usuários. Esses algoritmos desempenham um papel crucial em muitos aspectos da experiência on-line, incluindo mecanismos de busca, redes sociais, recomendações de produtos, publicidade direcionada e muito mais.

Eles são a espinha dorsal dos serviços on-line modernos, moldando a maneira como interagimos e consumimos informações na era digital. Seu impacto é profundo e multifacetado, e compreender seu funcionamento e suas implicações é essencial para uma participação informada na sociedade digital.

Já não é mais estranho ouvirmos o termo *fake news* (notícias falsas) no nosso cotidiano. O que muitos chamavam antigamente de mentira, “balela”, “caô”, entre outros termos e expressões regionais, ganhou muita força na Internet. O debate político, as discussões sobre questões da atualidade e outros assuntos de interesse das pessoas nos mostram que, cada vez mais, recebemos e compartilhamos mensagens que não são verdadeiras, as chamadas *fake news*.

O nível desse tipo de compartilhamento foi tão grande que a Agência Brasil divulgou, em 2018, um estudo realizado por professores universitários e por uma agência de checagem de fatos que fazia uma verificação sobre os tipos de conteúdo compartilhados pelos brasileiros pelo WhatsApp, aplicativo de troca de mensagens, ligações, conversas e envio de arquivos.

O estudo analisou conteúdos enviados entre os dias 16 de setembro de 7 de outubro, ou seja, em boa parte do 1º turno das eleições deste ano. A amostra trouxe 347 grupos monitorados pelo projeto Eleição sem Fake, da UFMG. Os resultados, portanto, não podem ser generalizados. Mas trazem indícios importantes para a compreensão deste fenômeno. Ao todo, eles reuniram mais de 18 mil usuários. No período, circularam 846 mil mensagens, entre textos, vídeos, imagens e links externos (Valente, 2018, n.p.)

Por meio do estudo, verificou-se que, no total, 56% das imagens que mais circularam foram consideradas “enganosas”.

Considerando a importância dos debates acerca de *fake news* e pós-verdade, tomo como objeto a disseminação da desinformação on-line e as tecnologias de informação e comunicação.

Meu objetivo geral, portanto, é estudar a desinformação on-line no contexto das tecnologias de informação e comunicação, com foco particular nas reações do público às publicações relacionadas à Covid-19 em plataformas como o Facebook.

E, especificamente:

- Analisar a propagação de desinformação em plataformas digitais.

- Discutir a desinformação, as tecnologias de informação e a comunicação.

A escolha se justifica segundo os seguintes fatores: a atualidade e a importância de estudar a desinformação on-line, que, cada vez mais, vem sendo discutida e impactando a sociedade. A segunda é uma justificativa pessoal. Os impactos das tecnologias de informação e comunicação são meus objetos de pesquisa desde a graduação em pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Fui bolsista de iniciação científica em dois projetos: um chamado “Formação continuada docente com apoio das tecnologias de informação e comunicação”; e outro projeto chamado “Formação humana e tecnologias da informação e a comunicação: a educação superior e seus desafios na oferta de disciplinas com mediação tecnológica”.

Os dois projetos me trouxeram o gosto pela pesquisa, pela temática de formação humana e pela academia. Trabalhei na elaboração e produção de artigos, construí e tabulei questionários, realizei pesquisas, publiquei artigos, trabalhos, participei de eventos e congressos.

Na minha monografia, o foco recaiu sobre as relações sociais na Internet e o impacto na subjetividade humana e em como a educação estava diante desse novo cenário. No mestrado, discuti sobre a possível referência à banalidade do mal atualmente, a partir dos impactos das redes sociais digitais na construção da identidade humana. A dissertação foi avaliada de forma muito positiva. Entendo que a temática da desinformação on-line e da influência da Internet sobre esta questão é de extrema importância.

Para a realização deste trabalho, elaborei as questões a seguir que servirão de norte para o desenvolvimento.

- As tecnologias de informação e a comunicação estão impactando a divulgação de informações e comunicações?
- Por que a desinformação on-line virou um conceito tão difundido?
- A Internet facilitou a divulgação das “desinformações” ou fez com que mais pessoas construíssem “desinformações”?

A pesquisa vai explorar como as grandes plataformas de mídia, como *O Globo* e *UOL*, lidam com a disseminação de informações, especialmente quando essas publicações abordam temas polêmicos e contestados, como mentiras ou *fake news*. Por exemplo, uma publicação intitulada “Bolsonaro mente ao menos sete vezes a *podcast* em temas como vacina e covid” serve como um estudo de caso para entender as dinâmicas de reação e engajamento em torno de temas de alta polarização.

Um dos aspectos deste trabalho é verificar as reações às publicações, considerando a

quantidade de reações, a natureza dos compartilhamentos e as diferenças nas reações, como “curtidas”, “amei”, “raiva”, entre outras. Além disso, a análise se estende aos comentários feitos nas publicações, observando a quantidade total de comentários e identificando quais comentários receberam mais curtidas, refletindo a opinião pública ou as tendências dentro das comunidades on-line. Este enfoque permite compreender não só como as informações são recebidas, mas também como elas são reinterpretadas e amplificadas nas interações sociais.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) desempenham um papel fundamental na forma como as informações são divulgadas e consumidas. Com a massificação da Internet, a divulgação de informações, verdadeiras ou falsas, tornou-se mais rápida e acessível. No entanto, a mesma tecnologia que possibilita a disseminação de informações corretas também facilita a propagação de desinformação. Isso ocorre porque a Internet não só permite que mais pessoas acessem informações, mas também que criem e disseminem desinformações com relativa facilidade. O algoritmo das redes sociais, que prioriza conteúdos que geram mais engajamento, muitas vezes amplifica conteúdos polêmicos ou falsos, agravando o problema.

A desinformação on-line se tornou um conceito amplamente difundido devido a seu impacto significativo na sociedade. Ela influencia eleições, afeta políticas de saúde pública e contribui para a polarização social. No contexto da Covid-19, a desinformação teve consequências graves, como a resistência à vacinação e a disseminação de tratamentos ineficazes. A pesquisa mostra que desmentir informações falsas não é suficiente para corrigir os danos causados. De fato, muitas vezes, quando se tenta desmentir uma informação já disseminada, ocorre o efeito oposto ao desejado: as pessoas reafirmam suas crenças pré-existentes em vez de aceitarem a correção.

As estratégias de combate à desinformação precisam ir além da simples correção de fatos. Elas devem considerar a maneira como as mensagens são percebidas e internalizadas pelas diferentes comunidades, promovendo, assim, novas formas de engajamento que busquem ativamente despolarizar as discussões e fomentar um diálogo mais construtivo. Isso inclui a necessidade de se desenvolver políticas públicas que abordem a raiz do problema, promovendo uma alfabetização digital que capacite os usuários a navegarem criticamente em um ambiente de informação cada vez mais complexo e saturado.

Não por acaso exploro as complexas interações entre as tecnologias de comunicação e informação, a proliferação da desinformação on-line e o impacto profundo da pandemia da covid-19 nesse cenário. Meu trabalho visa fornecer uma análise crítica de como esses fenômenos se interconectam, influenciam a sociedade contemporânea e desafiam as estruturas

políticas e sociais tradicionais. Ao longo dos capítulos, discutirei teorias fundamentais, analisarei dados e refletirei sobre as implicações desses processos no futuro da democracia e da comunicação pública.

O primeiro capítulo do trabalho é dedicado à metodologia utilizada para investigar os temas discutidos. Este capítulo detalha o desenho da pesquisa, explicando as escolhas metodológicas e as técnicas de análise de dados que sustentam as conclusões da tese. Iniciamos com uma descrição das etapas de coleta de dados, que podem incluir a análise de conteúdo on-line, entrevistas, questionários, ou análise de dados secundários. Cada método é contextualizado dentro dos objetivos da pesquisa, garantindo que as abordagens selecionadas sejam as mais adequadas para responder as questões de investigação.

Irei analisar as postagens que tratam de assuntos ligados à Covid-19, como reportagens sobre informações falsas que circularam, matérias a respeito de entrevistas com dados errôneos, reportagens que se mostram contrárias a alguma notícia falsa e até textos mais generalistas ligados à Covid-19. O trabalho será verificar como está sendo a reação das pessoas que deixaram comentários e “reações” nas publicações feitas nessas páginas.

As reações no Facebook são: “curtir”, “amei”, “força”, “haha”, “uau”, “triste” e “grrr” e, para publicar quase todas elas, é preciso mais do que um simples clique, é necessário deixar o *scroll* do mouse sobre a opção “curtir” até aparecer uma caixa de seleção com as outras reações, ou seja, a reação “curtir” é a mais fácil de ser ativada, uma vez que basta um simples clique. Já reagir com as outras expressões, é preciso um procedimento a mais.

É importante destacar que meu campo de investigação será a rede social Facebook. A escolha se deu pelo fato de que o Facebook ficou por muito tempo em primeiro lugar como a rede social mais acessada no mundo. No Brasil, ela esteve em primeiro lugar em 2020 e se manteve em 2021, porém perdeu o topo no início de 2022. Vale lembrar que ela é o carro-chefe da Meta, empresa que é proprietária de outras três redes sociais poderosas. Com isso, o Facebook continua sendo uma rede social forte mundialmente, inclusive no Brasil, por isso a escolhemos como foco para a realização da pesquisa cujo recorte serão os materiais que tratam de questões ligadas à Covid-19.

A análise será em torno do engajamento em cada publicação. O engajamento é um conceito multidimensional, no qual diversos componentes cognitivos, comportamentais e afetivos estão inseridos. Em relação ao engajamento comportamental, Avelino *et al* (2020) afirmam que: O engajamento comportamental on-line tem sido, nos últimos anos, estudado. Em geral, indica o nível de interatividade dos usuários em relação às marcas, acessadas através das mídias sociais (Harrigan *et al.*, 2017 *apud* Avelino, 2020, p.54). A depender das funcionalidades

oferecidas por estas plataformas (Kietzmann *et. al*, 2011), os quesitos para mensurar o engajamento comportamental podem variar. Entretanto, segundo Jakkola & Alexander (2014), geralmente dizem respeito ao número de seguidores, à quantidade de postagens realizadas e ao total de comentários, curtidas e compartilhamentos das publicações. Estas ações, conforme Gómez, Lopez & Molina (2019), refletem a relação proativa e interativa dos clientes com as organizações (p. 54).

Para entender o engajamento, vou verificar alguns números como: quantidade de seguidores da página; quantidade de compartilhamentos; quantidade de reações; e quantidade de comentários.

No aspecto da reação do público, farei duas análises diferentes. Uma numérica, em relação aos tipos de reação (cliques nos botões como “amei”, “curtir” etc.) que a matéria teve. E a segunda separando os comentários mais curtidos em cada uma das matérias.

O capítulo oferece também uma análise dos resultados obtidos, discutindo suas implicações em relação aos temas centrais da tese. Este capítulo não só demonstra a validade da pesquisa, mas também oferece insights que podem informar futuras investigações e intervenções políticas.

O capítulo seguinte lança as bases teóricas para a compreensão das tecnologias de comunicação e informação em seu contexto social e político. Começo com a Teoria Crítica de Andrew Feenberg, que oferece uma lente para criticar o determinismo tecnológico. Feenberg argumenta que a tecnologia não é neutra; ela é moldada por valores sociais e, ao mesmo tempo, molda as relações de poder dentro da sociedade. Essa perspectiva crítica permite entender como a tecnologia pode ser tanto um instrumento de controle quanto uma ferramenta de emancipação, dependendo das forças sociais que a dominam.

Em seguida, exploro a relação entre a Internet e a política, destacando como a rede mundial de computadores se transformou em um espaço central para o debate público, campanhas políticas, e até mesmo para a mobilização social. No entanto, a Internet também deu origem a novas formas de manipulação política, como *fake news* e desinformação, que têm o poder de desestabilizar processos democráticos. A discussão se aprofunda nos impactos dos comentários na Internet, onde a participação popular, muitas vezes anônima, pode tanto enriquecer o debate público quanto amplificar discursos de ódio e desinformação, criando polarizações.

Além disso, abordo o conceito de capitalismo de vigilância, uma forma de capitalismo pela qual os dados pessoais se tornam o novo “petróleo”, gerando lucros para grandes corporações de tecnologia, enquanto violam a privacidade dos indivíduos. Essa vigilância

constante não só ameaça a privacidade, mas também concentra poder nas mãos de poucas empresas que controlam as infraestruturas digitais. Concluo o capítulo com uma análise crítica sobre a ascensão dos dados, onde discuto como a centralidade dos dados e algoritmos está transformando a governança e a tomada de decisões políticas, possivelmente enfraquecendo as bases tradicionais da política democrática.

O terceiro capítulo se dedica ao fenômeno da desinformação on-line, um dos desafios mais prementes da era digital. A discussão começa com a contextualização da desinformação como um problema contemporâneo, exacerbado pela velocidade e amplitude das redes sociais. A desinformação não é apenas a disseminação de informações falsas; é também uma ferramenta estratégica usada para semear dúvidas, polarizar sociedades e manipular opiniões públicas. Este capítulo investiga como a desinformação é uma manifestação moderna da propaganda, adaptada para um mundo digital hiperconectado.

Exploro, em seguida, os agentes que arquitetam o caos, ou seja, os atores que intencionalmente criam e disseminam desinformação. Esses agentes variam de governos e grupos políticos a indivíduos e organizações que buscam lucro ou influência. O impacto dessas ações na sociedade é devastador, corroendo a confiança nas instituições, polarizando o discurso público e desestabilizando o tecido social. As implicações disso são vastas, desde o enfraquecimento das democracias até o fomento de crises sociais e políticas.

Neste capítulo ainda discuto os algoritmos e a criação das chamadas câmaras de eco na Internet. Os algoritmos, que são os motores das plataformas de mídia social, priorizam conteúdos que geram mais engajamento, muitas vezes promovendo desinformação e reforçando as crenças preexistentes dos usuários. Isso cria câmaras de eco, onde os indivíduos são expostos apenas a informações que confirmam suas visões de mundo, o que dificulta o diálogo entre diferentes grupos sociais e intensifica a polarização. Analiso como essa dinâmica contribui para a fragmentação da esfera pública e desafia as noções tradicionais de discurso democrático.

No quarto capítulo, examino a intersecção entre a pandemia da Covid-19 e a disseminação de desinformação. Começo com uma visão geral da pandemia, destacando os desafios sem precedentes que ela apresentou para a saúde pública global, as economias nacionais e a vida cotidiana das pessoas. A Covid-19, além de ser uma crise sanitária, também foi um fenômeno social que expôs e amplificou muitas das vulnerabilidades existentes em nossas sociedades, incluindo a disseminação de informações falsas.

Em seguida, ainda nesse mesmo capítulo, discuto a pandemia da desinformação que acompanhou a crise da Covid-19. Desde o início da pandemia, informações enganosas e teorias da conspiração proliferaram de forma on-line, exacerbando a crise de saúde ao desinformar o

público sobre medidas de segurança, tratamentos e vacinas. Essa desinformação não apenas complicou os esforços para controlar o vírus, mas também gerou divisões sociais, onde grupos de pessoas resistiam às orientações de saúde pública, baseados em crenças equivocadas. O capítulo explora as consequências desse fenômeno, incluindo a resistência à vacinação e o impacto sobre a confiança nas autoridades de saúde.

Por fim, abordamos os efeitos da contextualização realizada, que se refere aos esforços para corrigir a desinformação e fornecer informações precisas ao público. Analisamos como diferentes narrativas foram utilizadas para contextualizar a pandemia e combater a desinformação, e avaliamos a eficácia dessas abordagens. O capítulo se conclui com uma reflexão sobre o papel das políticas públicas na regulação da informação em contextos de emergência sanitária.

O último capítulo apresenta as considerações finais. Nele revisitamos os principais pontos discutidos ao longo do presente trabalho, que transformam a hipótese inicial em tese: as tecnologias de comunicação e informação, a desinformação on-line e as *fake news* recorrentes durante pandemia da Covid-19 estão interconectadas e afetam a democracia, a política e a sociedade como um todo.

Além de expor as conclusões, o capítulo explora as limitações da pesquisa, reconhecendo os desafios enfrentados e sugerindo áreas que necessitam de investigação adicional. Apresento recomendações para enfrentar os desafios identificados, incluindo a importância de políticas públicas que promovam a transparência e a responsabilidade na disseminação de informações, o papel da educação na construção de uma cidadania digital crítica e a necessidade de maior regulamentação das plataformas digitais para mitigar os efeitos nocivos da desinformação.

Por fim, sugiro direções para pesquisas futuras, destacando temas emergentes e questões que merecem maior atenção acadêmica. As considerações finais abrem novas possibilidades para o debate e a investigação, reafirmando a relevância do tema para o entendimento das dinâmicas contemporâneas de poder, comunicação e sociedade.

Vale ressaltar que durante a escrita dessa tese alguns acontecimentos ocorreram e que dificultaram sua elaboração. Em 2021, o Facebook anunciou:

[...] nesta segunda-feira (8), que vai expandir uma lista de informações falsas sobre saúde e vai proibir a plataforma de incluir notícias não comprovadas sobre vacinas em geral, como, por exemplo, que são tóxicas ou causam autismo. A empresa disse que está aumentando a análise de dados falsos sobre o coronavírus, a vacina contra a Covid-19 e outras vacinas. E que removerá, inclusive, afirmações de que o coronavírus é foi criado pelo homem e que as vacinas são perigosas. Tais afirmações já são proibidas em anúncios na plataforma. O Facebook afirmou que vai remover

grupos, páginas e contas que compartilham repetidamente as informações sem comprovação científica. (CNN², 2021)

Com isso, diversas páginas que estavam divulgando informações consideradas falsas foram retiradas do ar, o que fez com que parte da minha pesquisa não pudesse ser seguida, tendo que mudar um pouco o foco e a metodologia.

Isso porque inicialmente a ideia era analisar páginas consideradas confiáveis por seu histórico, premiações e repercussão, e páginas que não são tidas como meios de comunicação oficial, ou seja, páginas de candidatos a cargos públicos, de influenciadores, entre outras. A ideia seria verificar como está ocorrendo a reação das pessoas, através dos comentários no Facebook, nas publicações dessas páginas.

Para separar umas de outras, foi feita uma pesquisa de figuras públicas, influenciadores digitais, páginas com muito seguidores. As páginas de figuras políticas foram escolhidas pelo fato de ter havido eleição em 2022 para deputados, senadores, governadores e presidente. Com isso, seria possível que houvesse publicações em páginas que não são meios de comunicação oficial, mas que compartilham links dessas páginas.

Porém, como muitas páginas não oficiais que poderiam estar compartilhando informações que não eram corretas saíram do ar, o foco foi mudado. Com o fim dessas páginas, tive que começar a verificar páginas da imprensa oficial e jornalísticas que estavam alertando sobre conteúdos que poderiam ser falsos, ou que poderiam trazer informações que iam ao contrário do que OMS (Organização Mundial da Saúde) estava divulgando. Sendo assim, comecei a verificar publicações de *O Globo*, *Uol*, *CNN*, entre outras mídias, para observar o que estava sendo produzido de conteúdo informativo sobre notícias falsas acerca de temas sobre a Covid-19.

O segundo ponto que dificultou a escrita foi o falecimento da minha orientadora e professora, Eloiza Oliveira, ocorrido em dezembro de 2023. A professora Eloiza era mais que uma orientadora, tendo papel fundamental na minha vida acadêmica e pessoal, o que fez com que a escrita da tese ficasse mais difícil do ponto de vista pessoal.

² Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/facebook-vai-remover-publicacoes-falsas-sobre-vacinas-e-pode-excluir-perfis/>

CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA

A pesquisa científica é um pilar fundamental para o avanço do conhecimento humano e o desenvolvimento de soluções inovadoras para os desafios que enfrentamos. A relação entre pesquisa e desinformação tornou-se particularmente evidente durante a pandemia de Covid-19. A velocidade com que informações científicas eram geradas e disseminadas muitas vezes ultrapassava a capacidade de validação e comunicação clara para o público. Isso resultou em uma abundância de informações conflitantes e, em alguns casos, na propagação de desinformação.

Notícias falsas e teorias da conspiração relacionadas a origem do vírus, eficácia de tratamentos e vacinas proliferaram nas redes sociais, dificultando os esforços de saúde pública e aumentando a hesitação vacinal.

A pandemia destacou a importância da comunicação científica clara e acessível. Pesquisadores e instituições precisaram adaptar suas estratégias para combater a desinformação e fornecer dados precisos de forma compreensível ao público.

A resposta à pesquisa científica durante a pandemia foi variada. Muitas pessoas e comunidades mostraram um grande apoio à ciência e aos esforços de pesquisa, confiando nas vacinas e nas recomendações de especialistas para proteger a saúde pública. Ao mesmo tempo, a desinformação e a polarização política contribuíram para o ceticismo em relação às intervenções científicas de parte da população, resultando em movimentos antivacinas e resistência às medidas de saúde pública.

A pandemia também levou a um aumento no engajamento público com a ciência, incentivando iniciativas de educação científica e literacia em saúde para combater a desinformação e fortalecer a confiança nas evidências científicas.

Nos tópicos seguintes, explorarei mais detalhadamente as metodologias de pesquisa utilizadas, a análise dos dados coletados e as implicações das descobertas realizadas.

1.1 – A metodologia utilizada e uma breve explicação

Neste tópico, realizarei uma espécie de análise de rede social (ARS), uma metodologia utilizada para compreender as interações e estruturas presentes nas redes sociais. A ARS é uma abordagem usada para pesquisar as relações entre indivíduos em uma estrutura de rede. Ela tem sido aplicada em diversos campos do conhecimento, como a ciência da informação. Trata-se de uma abordagem metodológica e teórica que investiga as relações entre atores sociais por meio

da estrutura de conexões entre eles. Essa metodologia tem sido aplicada em uma ampla gama de campos, incluindo sociologia, antropologia, comunicação, ciência política para entender padrões de interação, influência e comunicação em diferentes contextos sociais.

É preciso inicialmente identificar os atores sociais relevantes e a coleta de dados sobre suas relações. Estas podem ser de diferentes tipos, como as relações de amizade, colaboração, influência, troca de informações, entre outros. A coleta de dados pode ser realizada através de técnicas como entrevistas, questionários, observação direta ou análise de documentos.

Assim que tiver os dados coletados, podemos construir uma representação gráfica da rede social, onde os atores são representados por nós (pontos) e as relações entre eles são representadas por arestas (linhas). Existem diferentes tipos de redes, como redes sociais pessoais (que envolvem indivíduos); redes organizacionais (que envolvem organizações); e redes sociais on-line (que envolvem interações em plataformas digitais).

Uma vez construída a rede, são aplicadas técnicas de análise para investigar sua estrutura e dinâmica. Isso pode incluir medidas de centralidade para identificar atores ou grupos centrais na rede, identificação de subgrupos ou comunidades, análise de fluxo de informações ou influência, detecção de padrões de coesão ou fragmentação, entre outras análises.

A análise de redes sociais é fundamentada em algumas teorias. Por exemplo: a teoria dos Grafos vai fornecer a base matemática para representar e analisar redes, tratando os atores como nós e suas relações como arestas em um grafo. Os conceitos-chave incluem medidas de centralidade, distância, coesão e modularidade. Já a teoria dos Atores Sociais considera os atores sociais como unidades fundamentais de análise, enfatizando suas interações e interdependências na construção da estrutura social. A análise de redes sociais complementa essa teoria ao aplicar ferramentas para investigar padrões de relações e influência entre os atores.

É com base nesta segunda teoria que o foco da minha pesquisa se dará, ao realizarmos as observações e a pesquisa das postagens dos atores sociais, suas interações e a construção da estrutura social.

A análise de redes sociais é uma metodologia utilizada para investigar a estrutura e a dinâmica das relações sociais. Ao combinar uma abordagem metodológica com um referencial teórico, a ARS permite uma compreensão dos padrões de interação, influência e comunicação em diversos contextos sociais, fornecendo *insights* valiosos para a pesquisa social e aplicada.

Em relação a escolha da rede social, a escolha do Facebook como plataforma para conduzir pesquisas sobre interações em redes sociais tem respaldo em diversas razões fundamentais.

A primeira delas é temporal. O Facebook, em 2020, era a rede social digital mais acessada no Brasil. O Brasil era o país na América Latina com a maior presença no Facebook, e o terceiro país no mundo com mais acessos, perdendo apenas para os Estados Unidos e a Índia³.

Além disso, o Facebook é uma das maiores redes sociais do mundo, que oferece um ambiente rico em interações entre usuários, possibilitando a observação e a análise de padrões de comportamento social on-line.

Inicialmente, o Facebook se destaca por ser uma plataforma amplamente utilizada, com milhões de usuários ativos diariamente, o que proporciona uma base significativa para estudos sobre interações sociais. Além disso, a natureza diversificada dos usuários, abrangendo diferentes faixas etárias e perfis, torna o Facebook um ambiente propício para analisar interações entre grupos variados.

Outro ponto relevante é a estrutura do Facebook, que permite a criação de perfis pessoais, interações por meio de comentários e exposição pública das redes sociais de cada usuário. Esses elementos são essenciais para compreender como as pessoas constroem suas identidades on-line, interagem umas com as outras e se relacionam em um ambiente virtual.

Além disso, o Facebook oferece ferramentas, como o Facebook Ads, que possibilitam o impulsionamento de conteúdos e a segmentação do público-alvo, facilitando a coleta de dados e a análise de interações específicas. Essa capacidade de direcionar anúncios e mensagens permite uma abordagem mais precisa na pesquisa de interações sociais na plataforma.

Por fim, a constante evolução do Facebook, com a introdução de novas funcionalidades como reações, *stories* e *marketplace*, reflete a importância da interação para a plataforma e para as empresas que a utilizam como meio de comunicação e marketing. Essas inovações reforçam a relevância do Facebook como um ambiente dinâmico para estudar e compreender as interações sociais on-line.

O **Facebook** oferece um vasto campo de estudo para a ARS. Ao analisar essa plataforma, podemos:

1. **Compreender o público:** investigar como os usuários interagem, quais conteúdos compartilham e como se conectam.
2. **Identificar padrões de coautoria:** analisar redes de colaboração entre pesquisadores e entender como a interdisciplinaridade se manifesta.

³ Dados retirados de: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>

3. **Monitorar a imagem da marca:** identificar palavras associadas à empresa e fortalecer sua reputação.

Agora que fiz essa introdução sobre a análise das redes sociais e dos atores que as compõem é o momento de explicar a nossa adaptação para realizar a pesquisa. Um dos grandes desafios que envolvem pesquisas desse estilo, ou seja, mediadas pelo computador, é o modo de interação on-line que se faz necessário: adaptar uma técnica etnográfica que “foi concebida e historicamente aplicada a grupos sociais em interação face a face com o/a etnógrafo/a, que fazia da sua experiência uma fonte de dados” (Bonfim, 2008, p.87).

Por isso, a primeira questão a ser respondida é como realizar uma observação/pesquisa sem que haja a minha participação como pesquisador. Com a questão da observação dentro desses novos espaços de interação na Internet, surge uma combinação entre métodos de pesquisa como a etnografia, bem como a chamada observação não participante, uma técnica também chamada *lurking*, que, em uma tradução livre, poderíamos dizer que significa ficar à espreita. “[...] Os ambientes interacionais da CMC caracterizam-se pela ausência física das/dos visitantes, sendo possível tornar-se invisível.” (Braga, 2008, p.88). Essa questão permite ao pesquisador verificar sem ser visto e não interferir na dinâmica da interação observada. E é essa participação no grupo, ainda que invisível, que farei.

Primeiro, selecionei algumas temáticas referentes à Covid-19 para fazer o acompanhamento de postagens. Entre elas estavam questões ligadas ao medicamento hidroxicloroquina, questões referentes a utilização de máscaras, vacinas e algumas outras temáticas que foram aparecendo.

Neste trabalho, não pretendo fazer um julgamento de valor sobre a fala ou até mesmo sobre o que estava sendo discutido, e, sim, ver a repercussão de como o assunto repercutia nos comentários quando uma mídia jornalística trazia a informação de que havia uma “mentira” /desinformação sendo divulgada. Ou seja, não estou, neste trabalho, dizendo se a matéria está correta ou incorreta, ou se a pessoa citada na matéria estava de fato falando uma mentira ou não.

Em uma primeira matéria, por exemplo, temos “O ministro da saúde, Eduardo Pazuello, nega que a pasta recomenda qualquer remédio contra a Covid-19”. E o texto da postagem é:

Pazuello mente ao dizer que Saúde nunca indicou remédios contra a covid-19 Ministro que lançou o protocolo que sugeria a prescrição de hidroxicloroquina e cloroquina em caso de covid-19, o general Eduardo Pazuello mentiu, nesta segunda (18), ao dizer que a pasta nunca recomendou medicamentos contra a doença. ‘Nunca autorizei o ministério da Saúde a fazer protocolos indicando medicamentos’, afirmou ele ao ser questionado por repórter. Não há comprovação da eficácia desses remédios contra o novo coronavírus.

Essa postagem foi escrita no Facebook do site de notícias UOL, acompanhado de um vídeo da TV Brasil, de 18 de janeiro de 2021. Abaixo, o *print* da postagem no Facebook.

Imagem 1 – *Print* sobre Matéria “Pazuello mente ao dizer que Saúde nunca indicou remédios contra a Covid-19”

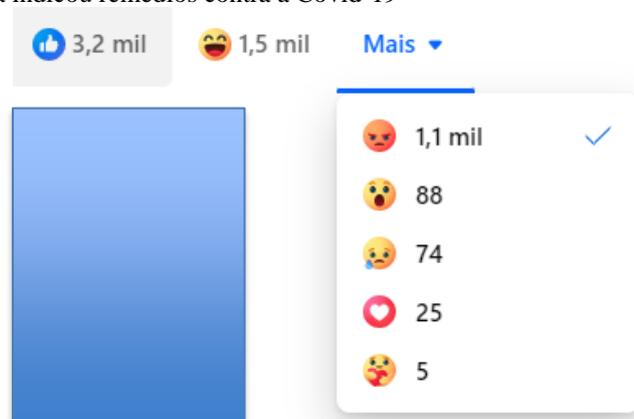


Fonte: Facebook/UOL, 2021

No meu caso, a ideia não foi realizar uma pesquisa para ver se de fato a fala do secretário de Saúde da época era mentira ou não, ou verificar se o canal jornalístico estava certo ou não, mas ver o impacto em termos de comentários, reações e compartilhamentos que essa notícia tinha. E analisar alguns desses comentários mais curtidos.

Nesse caso específico temos que mais de 6 mil pessoas reagiram a essa publicação, sendo 3 mil com curtidas, 1500 com “aha”, 1100 com “grrr”, 88 com “uau”, 74 com “triste”, 25 com “amei” e 5 com “força”, atingindo mais de 2.900 compartilhamentos e mais de 214 mil visualizações.

Imagem 2 – Reações da matéria Pazuello mente ao dizer que Saúde nunca indicou remédios contra a Covid-19



Fonte: Facebook/UOL

Este exemplo é apenas para ilustrar como seria feita a pesquisa. Com isso, resolvi mapear algumas mídias, como CNN a *UOL* e *O Globo*. A escolha foi feita devido a história e a repercussão de tais veículos.

A *CNN* (Cable News Network) foi fundada em junho de 1980 por Ted Turner. Com sede em Atlanta, Geórgia, a CNN revolucionou a cobertura de notícias ao ser o primeiro canal a oferecer cobertura noticiosa 24 horas por dia. Esse modelo inovador de transmissão contínua permitiu à CNN cobrir eventos importantes em tempo real, estabelecendo um novo padrão para o jornalismo televisivo. A rede ganhou notoriedade mundial durante a guerra do Golfo em 1991, quando transmitiu ao vivo a partir de Bagdá, oferecendo uma cobertura ininterrupta e detalhada do conflito. Os jornalistas Peter Arnett, Bernard Shaw e John Holliman se tornariam os principais rostos da primeira grande cobertura ao vivo na TV de uma guerra.

A transmissão foi peça fundamental para a expansão do grupo de emissoras da *CNN*, que abriu escritórios em diversos locais do mundo na década de 1990, inclusive no Brasil. Canais em língua estrangeira também surgiram, como o *CNN em Español*. Mesmo com o surgimento de concorrentes, o grupo continuou como referência. As coberturas de guerras seguiriam sendo o principal estilo da emissora. E o pioneirismo na aplicação de tecnologias para transmissões ao vivo ajudariam na manutenção da liderança. No século XXI, também houve a cobertura do atentado às Torres Gêmeas, em Nova York, em 2001. E depois a caça dos Estados Unidos a Osama Bin Laden e à Al-Qaeda.

Já a *CNN Brasil* é uma empresa brasileira licenciada da marca CNN, em acordo assinado em janeiro de 2019 com a *CNN International Commercial* (CNNIC). A *CNN* hoje, integra o conglomerado da WarnerMedia, que reúne canais como *HBO*, *TNT* e *Cartoon Network*.

No mesmo ano de sua inauguração no Brasil, a *CNN* ganhou diversos prêmios. Terminando o ano de estreia como a empresa de mídia mais premiada do país, conquistou diversos prêmios importantes do setor de comunicação. Entre eles, podemos citar:

- O Caboré, considerado o Oscar da comunicação brasileira. A *CNN* foi escolhida como “Veículo de Comunicação – Produtor de Conteúdo” do ano;
- Melhores do Propmark, premiação que é uma referência para todo o mercado de mídia, marketing e comunicação;
- A *CNN* foi apontada “Destaque do Ano” e “Lançamento do Ano” na 34ª edição do Prêmio Veículos de Comunicação, da revista *Propaganda*;

- Povos Isolados, do *CNN Séries Originais*, foi escolhido como o melhor do ano pelo Comitê Internacional da Cruz Vermelha, na categoria de reportagens humanitárias com foco na pandemia;
- O *CNN Brasil Business*, plataforma de conteúdo focada em economia e negócios, foi eleita da categoria TV e vídeo da premiação “Os + Admirados da Imprensa de Economia, Negócios e Finanças”;
- A *CNN* também foi escolhida como “Líder em Comunicação” pelo LIDE – Grupo de Líderes Empresariais durante a 10ª Edição do Prêmio Líderes do Brasil.

O *UOL* (Universo Online) foi criado em 1996 e rapidamente se estabeleceu como um dos maiores e mais influentes portais de Internet do Brasil. Criado pelo Grupo Folha, o *UOL* oferece uma vasta gama de serviços, incluindo notícias, entretenimento, esportes, tecnologia, e-commerce e serviços de Internet.

Em 1997, nascia a TV UOL, a primeira TV web do país. Em 2001, o portal se associou ao SBT para transmitir ao vivo o *reality show* “Casa dos artistas” e inaugurou a tradição de cobertura de *reality shows*. No ano seguinte, em um acordo com a CBF, o *UOL* fez a primeira transmissão on-line de uma partida de futebol da seleção. Em 2010, com o jornal *Folha de S. Paulo*, realizou o primeiro debate presidencial da Internet brasileira. Os canais UOL no YouTube, juntos, somam mais de 3 milhões de assinantes; no Facebook, a página do UOL tem mais de 7 milhões de fãs; no Instagram, são mais de 2 milhões de seguidores.

Desde sua criação, o *UOL* tem se destacado por sua capacidade de inovar e adaptar-se às mudanças tecnológicas e comportamentais dos usuários de Internet, tornando-se uma referência essencial no cenário digital brasileiro.

O *UOL* tem sido reconhecido com diversos prêmios ao longo dos anos. Ele foi o veículo digital de jornalismo mais premiado em 2021.

Os prêmios recebidos pelo *UOL*, em 2021, foram:

- Claudio Weber Abramo de Jornalismo de Dados SAE Brasil (Sociedade dos Engenheiros de Mobilidade);
- Cresp (Conselho Regional de Odontologia de SP);
- SBD (Sociedade Brasileira de Diabetes);
- +Admirados Jornalistas de Esporte; Mulher Imprensa; Aceesp, em três categorias (“melhor mídia de 2021”; “matéria do ano”; e “melhor opinião”).

No ranking geral dos +Premiados da Imprensa Brasileira, o *UOL* ficou em terceiro lugar. O primeiro foi a *TV Globo*.

Sobre a *TV Globo*, vou inicialmente falar do jornal *O Globo*, um mais antigos e influentes do Brasil. Inicialmente focado em notícias locais do Rio de Janeiro, *O Globo* expandiu sua cobertura para incluir eventos nacionais e internacionais. Ao longo das décadas, o jornal se consolidou como uma das principais fontes de informação do país, com uma forte tradição de jornalismo investigativo e análise crítica.

A Rede Globo surgiu em 1925, a partir do jornal impresso *O Globo*. Irineu Marinho foi o fundador do jornal impresso. Seu filho, Roberto Marinho, tornou-se presidente da empresa em 1931, e conseguiu a concessão para TV aberta com Juscelino Kubitschek em 1957. No mesmo ano da fundação do jornal, Irineu Marinho faleceu após sofrer um ataque cardíaco. Roberto não se sentiu pronto para comandar o jornal e deixou a tarefa com Euricles de Matos, jornalista com mais experiência. Roberto trabalhou por anos como jornalista em *O Globo*. Em 1931, com o falecimento de Euricles, Roberto Marinho se tornou presidente do jornal e começou a expansão da empresa. Fator essencial na história da rede.

Em 1934, Roberto Marinho fundou a Rádio Globo. A rádio fez muito sucesso na década de 1950 por trazer grandes nomes da música de seu tempo. Foi apenas em 1957 que a Globo conseguiu chegar à TV. O presidente Juscelino Kubitschek aprovou a concessão de televisão para a Rádio Globo, que começou como o canal 4 do Rio de Janeiro. Atualmente, a empresa conta com diversos jornais, como *O Globo* e *Extra*, e diversas revistas, como a *Época*, *Valor Econômico*, entre outras.

A Rede Globo conta com diversos prêmios. Entre eles, alguns conquistados nos últimos anos, são:

- Vladimir Herzog: o documentário “Vale dos Isolados” ganhou na categoria vídeo.
- Emmy Internacional: concorreram ao prêmio de melhor novela os folhetins “Pantanal” e “Cara e Coragem”. A série “Quintal da TV”, do Canal Futura e Fundação Roberto Marinho, concorreu na categoria kids factual.
- Jornal Nacional e Fantástico foram indicados na categoria Notícia, com a cobertura da morte do pesquisador brasileiro da cultura indígena Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips.
- A GloboNews foi indicada na categoria Atualidades com o documentário “Abrigo – Inocentes sob ataque”.

- Pelo 17º ano seguido, o oitavo consecutivo na categoria Notícia, o jornalismo da Globo está na lista de finalistas.
- Caboré: o Globoplay foi vencedor na categoria Plataforma de Comunicação.
- Prêmios internacionais: o documentário “Fênix: o voo de Davi” ganhou 24 prêmios internacionais, em Nova York, Las Vegas, Alemanha, África do Sul e Índia.
- A produção da Globonews ganhou destaque no Globoplay, contando a história emocionante de como funcionários do Museu Nacional utilizaram escombros do incêndio que destruiu o prédio para produzir nova memória cultural e homenagear a sua própria história.
- Selo Ouro: pelo segundo ano consecutivo, o Programa Brasileiro de Emissões GHG reconheceu o inventário de emissão de gases de efeito estufa da Globo por sua transparência.

Agora que já apresentei as páginas, vou disponibilizar algumas das publicações sobre as quais fiz observações, e discutirei, a seguir, os comentários e as reações sobre cada uma dessas publicações.

A primeira, é uma matéria do jornal *O Globo*, publicada no Facebook no dia 09/08/2022, que alcançou mais de 1.000 curtidas, mais de 1.000 comentários e mais de 300 compartilhamentos. A matéria informava que o ex-presidente havia feito afirmações mentirosas em sua participação no *podcast Flow*.

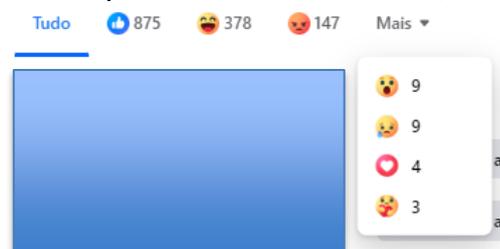
Imagem 3 – *Print* da matéria “Bolsonaro mente ao menos sete vezes em entrevista a podcast em temas como vacina, cloroquina e urnas”.



Fonte: Facebook/Globo

Em relação às reações, mais de 800 eram de “curtidas”, porém há 378 com “Ahaha”, expressão como risos. E 147 com “Grrr”, uma expressão negativa, de raiva.

Imagem 4 – Reações a matéria Bolsonaro mente ao menos sete vezes em entrevista a podcast em temas como vacina, cloroquina e urnas.



Fonte: Facebook/Globo

Entre os comentários, temos bastante discordância com a matéria. O comentário mais curtido, que alcançou mais de 300 reações, é de xingamento ao jornal. Entre outros comentários com bastante apoio, temos comentários concordando com o ex-presidente ou prestando apoio.

Imagem 6 - *Print* da matéria “Bolsonaro conta cinco mentiras sobre a covid-19 em um dia e diz que mortes “interessam a alguns”



Fonte: Facebook/UOL

Em relação as reações, mais de 2 mil eram de “curtidas”, porém, vemos um número de 545 “haha”, expressão como risos. E mais de 1 mil com “argh”, uma expressão de raiva.

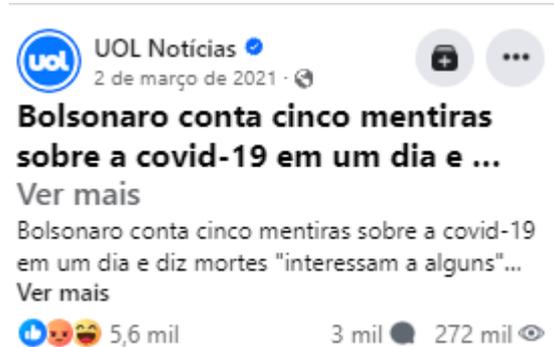
Imagem 7 – Reações à matéria “Bolsonaro conta cinco mentiras sobre a Covid-19 em um dia e diz mortes “interessam a alguns”



Fonte: Facebook/UOL

Chama a atenção o número de 272 mil visualizações no vídeo.

Imagem 8 – Compartilhamentos da matéria “Bolsonaro conta cinco mentiras sobre a covid-19 em um dia e diz mortes “interessam a alguns”



Fonte: Facebook/UOL

1.2 – Análises dos resultados

As redes sociais têm se tornado uma das principais fontes de informação para muitas pessoas ao redor do mundo. No entanto, a facilidade com que as notícias se espalham nesses meios traz à tona tanto benefícios quanto desafios significativos. Em particular, as matérias jornalísticas que abordam conteúdos mentirosos ou que desmentem informações falsas têm um impacto profundo no comportamento dos usuários, no engajamento e na formação da opinião pública.

Quando uma notícia é publicada nas redes sociais, ela rapidamente se torna objeto de comentários, reações e compartilhamentos. Esses comentários podem variar de apoio incondicional a críticas ferozes, passando por discussões acaloradas. O engajamento gerado por essas interações não só amplia o alcance da notícia, mas também molda a percepção pública sobre o assunto. No entanto, o impacto das notícias falsas pode ser considerável. Para alguns, notícias falsas tendem a se espalhar mais rapidamente e alcançar um público maior do que as verdadeiras, muitas vezes devido ao seu conteúdo sensacionalista e emocionalmente carregado (Vosoughi *et al.*, 2018; Lazer *et al.*, 2018).

As matérias jornalísticas que desmentem informações falsas desempenham um papel crucial na mitigação dos danos causados pela desinformação. No entanto, elas enfrentam vários desafios. Em primeiro lugar, os usuários que já foram expostos a informações falsas podem ser relutantes em aceitar correções ou esclarecimentos, especialmente se essas correções contrariarem suas crenças preexistentes. Esse fenômeno, conhecido como viés de confirmação, pode dificultar a eficácia das iniciativas de *fact-checking* (Lewandowsky, 2017).

Além disso, os algoritmos das redes sociais frequentemente priorizam conteúdos que geram alto engajamento. Isso significa que notícias falsas, que tendem a ser mais provocativas, podem receber mais destaque do que as correções subsequentes. Como resultado, os esforços dos jornalistas para desmentir informações falsas podem não alcançar o mesmo nível de visibilidade ou impacto (Pennycook & Rand, 2019).

Os comentários feitos pelos usuários também desempenham um papel importante na disseminação de desinformação ou na correção de fatos. Comentários que apoiam ou reforçam a veracidade de uma notícia falsa podem perpetuar sua disseminação, enquanto aqueles que fornecem evidências ou argumentos contrários podem ajudar a desacreditá-la. No entanto, o tom e a qualidade dos comentários variam amplamente, e discussões produtivas podem ser ofuscadas por debates polarizados e ataques pessoais (Anderson, 2014).

Outro aspecto é o papel das figuras públicas e influenciadores digitais na amplificação de notícias. Quando essas figuras compartilham ou comentam sobre uma notícia, seja ela verdadeira ou falsa, sua mensagem pode alcançar milhões de seguidores, amplificando seu impacto. No caso de desinformação, isso pode levar a uma aceitação generalizada de informações incorretas, dificultando ainda mais os esforços para corrigir o registro (Allcott & Gentzkow, 2017).

Os esforços para combater a desinformação nas redes sociais exigem uma abordagem diversa. Plataformas como Facebook, Twitter e YouTube têm implementado várias medidas para limitar a disseminação de notícias falsas, incluindo a sinalização de conteúdos suspeitos, a promoção de fontes confiáveis e a remoção de contas *fake* (Bradshaw & Howard, 2018). Além disso, organizações de *fact-checking* trabalham incansavelmente para verificar e corrigir informações falsas, muitas vezes em parceria com essas plataformas (Graves & Amazeen, 2019).

No entanto, a responsabilidade não recai apenas sobre as plataformas e as organizações de fact-checking. A educação midiática é fundamental para capacitar os usuários a identificarem e avaliarem criticamente as informações que encontram on-line. Isso inclui ensinar as pessoas a verificarem a fonte da notícia, a buscar múltiplas perspectivas e a questionar informações que parecem sensacionalistas ou demasiado boas para serem verdadeiras (McGrew *et al.*, 2018).

Os impactos das notícias nas redes sociais são complexos. Enquanto as redes sociais oferecem uma plataforma poderosa para a disseminação de informações, elas também apresentam riscos significativos no que diz respeito à desinformação. As matérias jornalísticas que abordam e desmentem conteúdos falsos desempenham um papel essencial na manutenção da integridade da informação, mas sua eficácia depende de um ecossistema informativo onde a

verdade é valorizada e promovida. Para alcançar isso, é necessária uma colaboração contínua entre plataformas, jornalistas, educadores e usuários, todos trabalhando juntos para construir um ambiente digital mais informado e resiliente (Guess *et al.*, 2019).

Antes de continuar essa minha explanação, se faz necessária uma explicação mais aprofundada dos *fact-checking*. A verificação de fatos é uma prática jornalística e metodológica essencial para investigar a veracidade das informações veiculadas na mídia e em outras fontes de informação. Consiste em um processo sistemático de pesquisa, análise e avaliação de declarações, dados e notícias para determinar sua precisão e credibilidade. O objetivo principal do *fact-checking* é proporcionar ao público informações precisas e confiáveis, promovendo assim uma maior transparência e responsabilidade na disseminação de informações. Vamos entender um pouco como é o processo de checagem de fatos.

O processo começa com a identificação de uma afirmação específica que será verificada. Pode ser uma declaração feita por uma figura pública, uma informação divulgada em um artigo jornalístico, uma postagem em redes sociais, entre outros. Após identificar a afirmação, o verificador de fatos coleta evidências relevantes, como documentos, dados, estudos científicos, entrevistas com especialistas e outras fontes confiáveis. É essencial contextualizar a afirmação dentro do seu contexto original e histórico.

Então começa a análise propriamente dita. Nesta etapa, o verificador analisa cuidadosamente as evidências coletadas para verificar a veracidade da afirmação. Isso pode envolver a confirmação de dados estatísticos, a avaliação da credibilidade das fontes citadas, a verificação da consistência com outras informações conhecidas e a revisão de documentos originais, quando disponíveis.

A verificação de fatos é classificada em diferentes categorias, como verdadeira, falsa, enganosa, exagerada, não verificável, entre outras. Algumas organizações de *fact-checking* utilizam sistemas de classificação com múltiplos níveis para indicar o grau de precisão da afirmação verificada. Os resultados da verificação são, então, publicados em formato acessível ao público, geralmente acompanhados de uma explicação detalhada das conclusões alcançadas. Isso pode incluir gráficos, exemplos concretos, citações e referências para apoiar as conclusões.

Se uma informação falsa foi verificada e corrigida, é ético e prático que os veículos de mídia ou indivíduos que a divulgaram façam uma correção pública e expliquem o equívoco, ajudando a evitar a propagação contínua de desinformação.

O *fact-checking* contribui para a promoção de uma informação precisa e confiável, crucial para uma sociedade bem-informada e participativa. Em um cenário onde a desinformação é disseminada rapidamente através das redes sociais e outros meios digitais, o

fact-checking ajuda a desacelerar e corrigir informações falsas. Ao submeter declarações e informações a um escrutínio rigoroso, o *fact-checking* promove a responsabilidade por parte dos criadores de conteúdo e das fontes de informação. Oferece ao público as ferramentas necessárias para discernir entre informações precisas e enganosas, capacitando os indivíduos a tomarem decisões informadas e participar de debates públicos de maneira construtiva.

A pesquisa sobre as reações dos usuários às publicações de desmentidos relacionados à Covid-19 em páginas de notícias tradicionais, como *Globo*, *UOL* e *CNN*, no Facebook, revela camadas profundas de interação, refletindo a polarização, a desconfiança e as dinâmicas de consumo de informação no ambiente digital contemporâneo. Este estudo se concentrou em compreender como as pessoas reagem a publicações que visam corrigir informações falsas ou enganosas, abordando a quantidade e a natureza das reações (curtidas, compartilhamentos etc.).

A partir da análise de casos específicos, como a matéria intitulada “Bolsonaro mente ao menos sete vezes a podcast em temas como vacina e cloroquina”, emergem padrões comportamentais e discursivos que são fundamentais para entender as implicações das tentativas de combate à desinformação no espaço digital.

1. Quantidade e natureza das reações

A primeira dimensão da análise envolve a quantidade de reações que essas publicações recebem e a natureza dessas interações. As publicações que buscam desmentir informações falsas relacionadas à Covid-19 tendem a atrair um número expressivo de reações, evidenciando que os usuários se engajam profundamente com esse tipo de conteúdo. No entanto, essa participação não é uniforme em termos de aceitação ou apoio ao conteúdo das publicações. Pelo contrário, há uma clara polarização nas reações.

A análise dos tipos de reações – como “curtidas”, “amei”, “haha”, “surpresa”, “tristeza” e “raiva” – revela que as respostas não são apenas quantitativamente significativas, mas também qualitativamente diversas. Publicações que desmentem falas de figuras públicas ou corrigem informações amplamente disseminadas são frequentemente recebidas com um misto de apoio e oposição. Por exemplo, enquanto um número substancial de usuários reage positivamente (com “curtidas” ou “amei”), uma fração considerável responde com “raiva” ou “tristeza”, indicando uma resistência ao conteúdo ou ao veículo que o divulgou.

Essa polarização é particularmente acentuada em publicações que tratam de temas sensíveis, como a eficácia das vacinas contra a Covid-19, o uso de máscaras, ou as medidas de isolamento social. As reações de “raiva”, por exemplo, são frequentemente associadas a usuários que interpretam os desmentidos como ataques a suas convicções ou como parte de

uma agenda midiática supostamente contrária aos seus valores políticos. Esse fenômeno reflete a crescente fragmentação do público, onde a verdade factual é muitas vezes subordinada às identidades políticas e às crenças ideológicas.

2. Impacto dos compartilhamentos

A dinâmica dos compartilhamentos é outro aspecto crucial na análise das reações a desmentidos. As publicações que abordam diretamente as mentiras ou as informações errôneas tendem a ser amplamente compartilhadas, mas o motivo por trás desses compartilhamentos pode variar drasticamente. Em muitos casos, o compartilhamento não é motivado por uma aceitação do conteúdo, mas, sim, por uma intenção de criticá-lo, desacreditá-lo ou usá-lo como ferramenta de ridicularização entre aqueles que discordam da mensagem.

Este fenômeno, que chamo de contra-compartilhamento, é comum em ambientes digitais polarizados. Por exemplo, uma publicação de *O Globo* ou *UOL*, que desmente uma afirmação controversa de um líder político pode ser compartilhada em grupos que discordam fortemente desses veículos de comunicação, acompanhada de comentários críticos ou sarcásticos. Esse tipo de compartilhamento não contribui para a disseminação do desmentido como uma verdade aceita, mas, sim, como um ponto de partida para novos confrontos ideológicos.

A análise também revela que o tipo de veículo de comunicação influencia significativamente o padrão de compartilhamentos. Publicações de veículos percebidos como mais críticos ao governo, tendem a ser compartilhadas tanto por aqueles que apoiam a mensagem, buscando ampliar sua disseminação, quanto por aqueles que desejam expor o que consideram ser uma parcialidade da mídia. Esse duplo movimento de compartilhamento, motivado tanto pela aceitação quanto pela rejeição da mensagem, contribui para a amplificação do conteúdo nas redes sociais, mas também reforça as bolhas informacionais, onde os usuários se cercam de informações que confirmam suas crenças preexistentes.

3. Padrões de discurso e engajamento

Os comentários nas publicações fornecem uma janela ainda mais detalhada para as reações dos usuários e as dinâmicas de engajamento. A polarização observada nas reações se intensifica nos comentários, onde o discurso frequentemente assume um tom mais agressivo e menos mediado. Os comentários que recebem maior número de curtidas tendem a reforçar as convicções dos usuários, seja em apoio ou em oposição ao conteúdo da publicação.

Uma análise qualitativa dos comentários revela uma variedade de padrões discursivos.

Por um lado, há aqueles que apoiam a publicação e utilizam os desmentidos como prova de sua visão de mundo, muitas vezes citando a reportagem como evidência para atacar opositores políticos ou para reafirmar sua confiança nas instituições de mídia tradicionais. Esses comentários frequentemente obtêm muitas curtidas, especialmente em comunidades ou grupos que compartilham uma visão semelhante.

Por outro lado, há comentários que questionam a credibilidade do veículo de comunicação ou que acusam a mídia de parcialidade. Um aspecto interessante é que, em muitos casos, os comentários mais curtidos não são necessariamente os mais construtivos ou informativos, mas, sim, aqueles que expressam de maneira mais contundente as emoções dos usuários, sejam elas de raiva, indignação ou concordância. Isso sugere que, no ambiente polarizado das redes sociais, a intensidade emocional muitas vezes prevalece sobre a argumentação racional, com as interações sendo moldadas mais pelo desejo de afirmação identitária do que pela busca de esclarecimento ou diálogo.

4. Reações aos desmentidos: O efeito boomerang

Um fenômeno notável identificado na análise é o que pode ser descrito como o “efeito boomerang”. Este efeito ocorre quando uma tentativa de desmentir uma informação falsa ou enganosa resulta, paradoxalmente, em um reforço das crenças pré-existentes dos indivíduos que já estão predispostos a acreditar na informação falsa. Em vez de corrigir a desinformação, o desmentido pode, em alguns casos, intensificar a resistência dos usuários e solidificar suas convicções errôneas.

O efeito boomerang é particularmente evidente em questões polarizadoras, como a Covid-19, onde a desconfiança em relação às autoridades de saúde e à mídia tradicional já é elevada. Publicações que tentam desmentir teorias conspiratórias ou falsidades sobre vacinas, por exemplo, muitas vezes desencadeiam uma defesa ainda mais veemente das posições previamente adotadas pelos usuários, ao invés de promover uma reconsideração dos fatos. Comentários que reafirmam essas teorias ou que atacam a legitimidade do desmentido frequentemente se tornam mais populares, acumulando centenas ou milhares de curtidas.

Esse efeito destaca a dificuldade de combater a desinformação em ambientes altamente polarizados, onde as pessoas não apenas rejeitam informações que contradizem suas crenças, mas também se tornam mais firmes em suas posições à medida que sentem que suas visões de mundo estão sendo atacadas. O fenômeno é amplificado pelo algoritmo das redes sociais, que tende a promover conteúdos que geram mais engajamento, independentemente de sua veracidade ou impacto social.

5. Implicações para o combate à desinformação

Os resultados desta pesquisa trazem importantes implicações para as estratégias de combate à desinformação. A polarização das reações e a prevalência do efeito boomerang sugerem que a simples publicação de desmentidos pode ser insuficiente para mudar percepções ou corrigir informações falsas. Na verdade, pode até exacerbar a desconfiança entre certos segmentos da população, especialmente aqueles que já possuem uma predisposição negativa em relação à mídia tradicional.

O desafio de combater a desinformação na era das redes sociais é, em grande parte, um desafio de lidar com a complexidade das interações humanas em ambientes digitais polarizados. As reações às publicações de desmentidos sobre Covid-19 revelam as dificuldades inerentes a essa tarefa, mas também destacam a necessidade de abordagens mais sofisticadas e contextuais que levem em conta as reações emocionais e os padrões de comportamento dos usuários.

Para ser mais eficaz, as estratégias de combate à desinformação devem considerar não apenas o conteúdo das mensagens, mas também a forma como essas mensagens são percebidas e interpretadas dentro de diferentes comunidades. Isso pode incluir o desenvolvimento de novas formas de engajamento que busquem ativamente despolarizar as discussões e promover um diálogo mais construtivo, ao invés de simplesmente tentar corrigir a informação errônea de forma direta.

Em resumo, a análise das reações às publicações de desmentidos sobre Covid-19 nas páginas de notícias tradicionais do Facebook revela a complexidade e os desafios do combate à desinformação em um ambiente digital fragmentado e polarizado. A polarização das reações, o impacto dos compartilhamentos motivados por oposição, a intensidade emocional dos comentários, e o efeito boomerang destacam a necessidade de estratégias mais nuançadas e contextuais para abordar o fenômeno da desinformação.

Em última análise, essas descobertas sublinham a importância de uma abordagem que vá além da simples correção de fatos, buscando também entender e influenciar as dinâmicas sociais e psicológicas que moldam o comportamento dos usuários on-line.

CAPÍTULO 2 – TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Um elemento muito importante que se faz presente na sociedade neoliberal atual, e que cada vez mais vem evoluindo e se aperfeiçoando, é a tecnologia informatizada. Principalmente as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e a Internet. A Internet e as TICs interferiram de forma direta na construção da subjetividade, nas motivações e nos desejos.

Entretanto, os valores levados pelas mídias convencionais a todos os cantos do mundo e que constituem o que se refere genericamente como cultura global não se limitam ao individualismo, materialismo, hedonismo e consumismo. Também fazem parte dessa cultura global a democracia, direitos humanos, igualdade racial e de gênero, liberdades individuais, como liberdade de orientação sexual, liberdade religiosa, liberdade de escolher parceiros amorosos e carreiras profissionais. (Silveira, 2004, p. 48).

Essas mudanças não ficaram restritas apenas a um campo; elas impactaram áreas como economia, política, cultura, entre outras.

A influência das redes baseadas na Internet vai além do número de seus usuários: diz respeito também à qualidade do uso. Atividades econômicas, sociais, políticas e culturais essenciais por todo o planeta estão sendo estruturadas pela Internet e em torno dela, como por outras redes de computadores. De fato, ser excluído dessas redes é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nossa economia e em nossa cultura. (Castells, 2003, p.8)

Novas formas de organização foram criadas, novas formas de vender, comprar, realizar um pedido de *delivery*. Esses são apenas alguns exemplos do novo “mundo” com o desenvolvimento tecnológico. Aplicativos como Uber, I-food, empresas como Airbnb, *streamings* como Netflix, Star, Prime e Spotify estão presentes no dia a dia de milhares de pessoas. Novas formas e bases referenciais estão em construção a cada dia.

A comunicação on-line modificou as outras formas de comunicação. Hoje, a comunicação feita em nível mundial permite que as pessoas conversem de forma síncrona ou assíncrona. Os acessos a canais de comunicação e sites de diversos locais do mundo, graças à Internet, permitem trocar informações, acessar dados e imagens em curto tempo, fazer novas amizades, encontrar antigas e nos comunicar com pessoas as quais antes seria impossível alcançar.

Neste capítulo, o meu objetivo principal é compreender o papel que a tecnologia da informação e da comunicação tem hoje em relação à política e ao capitalismo.

2.1 – A Teoria Crítica de Andrew Feenberg

Para iniciar a discussão, trago a Teoria Crítica da Tecnologia, criada por Andrew Feenberg. Segundo Feenberg (2002), para compreendê-la, é necessário que tenhamos conhecimento sobre a teoria Instrumental e a teoria Substantiva.

Começemos, então, pela teoria Instrumental, que subordina a tecnologia aos valores estabelecidos em outras esferas sociais, como pura instrumentalidade, ao mesmo tempo em que é indiferente aos fins em que ela poderia ser empregada.

Essa concepção advém de um senso comum que se baseia na ideia de que as tecnologias são ferramentas utilizadas para servir aos fins que seus usuários lhes dão, e, portanto, são úteis em qualquer contexto social. Temos, então, uma tecnologia que é neutra, que não tem um valor próprio, permanecendo sob a mesma norma de eficiência em qualquer contexto.

Feenberg afirma que a neutralidade da tecnologia tem, ao menos, quatro aspectos:

- 1 A tecnologia, como pura instrumentalidade, se liga aos fins a que seu uso lhe destina;
- 2 A tecnologia é indiferente também à política, podendo ser utilizada em qualquer contexto social;
- 3 Sua neutralidade advém do caráter “racional”, ou seja, as proposições causais – científicas em que ela se baseia mantêm seu status cognitivo em qualquer situação;
- 4 A tecnologia é neutra porque obedece sempre à mesma norma de eficiência, independentemente do contexto em que se situa.

Essa neutralidade, então, é atribuída ao seu caráter racional, e, com isso, há conceitos aplicáveis, como os que nos mostra que a tecnologia aumenta a produtividade em qualquer país, época ou civilização; que é hegemônica no senso comum; e o que diz que “armas não matam pessoas, pessoas é que matam pessoas”.

Em relação à teoria Substantiva, há a atribuição a uma força cultural que é autônoma em relação à tecnologia, que não aceita os valores tradicionais, construindo, assim, um novo sistema cultural que faz a reestruturação do mundo social. De acordo com essa teoria, há um preço para que ocorra a conquista de variáveis diversas (éticas, ambientais, religiosas), e o preço seria o da redução da eficiência. Ou seja, a área técnica pode ser limitada por valores que não são técnicos e por variáveis diversas, mas não pode ser transformada por eles.

Assim, a teoria Substantiva afirma que as tecnologias desempenham valores éticos e são moldadas por interesses sociais, porém não são controladas pelos seres humanos no sentido de

que seu uso e seu desenvolvimento decorrem, exclusivamente, da busca da melhoria da eficiência, como lógica intrínseca à técnica.

Ela ainda evidencia que, ao optar pelo uso da tecnologia, as sociedades estão assumindo compromissos sem a devida reflexão, principalmente sobre o tipo de vida que desejam levar. Temos, como exemplo, o impacto da proliferação dos restaurantes chamados *fast food* sobre as relações familiares que havia no almoço ou no jantar, momentos em que todos os membros da família se reuniam e em torno da mesa.

Para Feenberg (2002), a teoria Substantiva está distante da visão instrumentalista da tecnologia como soma de ferramentas neutras. Embora as teorias instrumentais e substantivas tenham diferenças, elas se aproximam na atitude diante do fenômeno da tecnologia: uma atitude de “pegar ou largar”. O que significa que:

(...) de um lado, se a tecnologia é uma mera instrumentalidade, indiferente aos valores, então seu design não está em questão no debate político, apenas a extensão e a eficiência de sua aplicação. De outro lado, se a tecnologia é o veículo de uma cultura de dominação, então nós estamos condenados a seguir seus avanços em direção a distopia ou regressar a um modo mais primitivo de vida. Em nenhum dos casos, nós podemos mudá-la: em ambas as teorias, a tecnologia é o destino (Feenberg, 2002, p. 8).

Feenberg (2002) concorda com a visão de progresso técnico que rejeita sua hegemonia/seu imperialismo, que o considera como uma entre as diversas dimensões da existência humana e enfatiza que é importante tanto conceber as transformações progressivas da tecnologia, como definir limites. Porém, a problemática é definir qual o domínio que ainda precisa permanecer, uma vez que o valor consensual é o da eficiência, que é o que se pretende limitar.

Feenberg (2010) vai se identificar com a teoria Substantiva de que as tecnologias não são neutras quanto a valores e interesses, mas são permeadas por relações sociais e acabam por expressar opções éticas e seus propósitos sociais. Por outro lado, ele compartilha com a teoria Instrumental que traz a ideia de que o desenvolvimento tecnológico se guia por meio da ação humana consciente, sem ter a busca da eficiência e qualquer outra lógica inerente ao seu funcionamento que escape ao controle dos seres humanos.

Em torno dessa problemática, surge o debate na sociedade moderna, que vai se contrapor aos “princípios” e à “praticabilidade”, o que, para Feenberg (2002), torna-se uma confissão de impotência da sociedade, uma vez que a vitória da praticabilidade é previsível.

Com isso, Feenberg (2010) vai adotar uma terceira posição, que propõe explicar de que maneira a tecnologia atualmente dominante é projetada a fim de atender os interesses capitalistas, que tenha um valor de uso, e como pode ser projetada diferentemente para se

adaptar às necessidades de uma sociedade livre.

Como já dito, Feenberg vai rejeitar a neutralidade (que é defendida pela teoria Instrumental) e o fatalismo (que é defendido pela teoria Substantiva), e vai levar em consideração:

[...] que a forma dominante da racionalidade tecnológica não é nem uma ideologia, como expressão discursiva do interesse de classe, nem o reflexo neutro de leis naturais. Em vez disso, é uma racionalidade que toma forma na interseção entre a ideologia e a técnica, articuladas para controlar pessoas e recursos. (Souza, 2016, p.53)

Feenberg relaciona a revelação tecnológica com as consequências de persistirem as divisões de classe e entre os dirigentes e os dirigidos nas instituições que são intermediadas. Ele vai denunciar o caráter totalitário, tanto do capitalismo ocidental, quanto do comunismo soviético, decorrente, fundamentalmente, do avanço científico e tecnológico.

O filósofo vai, ainda, analisar as relações entre saber e poder e vai mostrar que, nas sociedades modernas, os novos saberes e as novas disciplinas vão aumentar o poder disciplinar a que todos estão submetidos. Esse exercício de poder irá provocar o surgimento de resistências, uma vez que os excluídos desse processo de desenho tecnológico vão sofrer consequências das tecnologias que são indesejáveis, e, com isso, vão protestar.

Para realizar a estruturação da teoria crítica da tecnologia, Feenberg (1999) vai elaborar a teoria da instrumentalização que, nas suas próprias palavras:

Eu acredito que seja difícil de explicar minha solução a este dilema enquanto ele cruza as fronteiras para trás das quais insistimos em ficar. Estas linhas separam claramente a crítica substantivista da tecnologia, como nós a encontramos em Heidegger, do construtivismo de muitos historiadores e sociólogos contemporâneos. Estas duas abordagens são vistas geralmente como totalmente opostas. Não obstante, há algo obviamente correto em ambas. Eu tentei combinar suas introspeções em uma estrutura comum que chamei de “teoria da instrumentalização”. (Feenberg, 1999, n.p.)

A teoria da instrumentalização vai empreender uma análise da tecnologia em dois níveis – um no nível da relação funcional com a realidade; e outro no nível do desenho e da implementação da própria tecnologia.

No primeiro nível, temos a procura e o encontro de dispositivos que podem ser utilizados nos equipamentos e nos sistemas por meio da descontextualização dos objetos da experiência, reduzindo-os às suas propriedades utilitárias. “Isto envolve um processo de “desmundialização” em que os objetos estão fora de seus contextos originais e expostos à análise e à manipulação enquanto os sujeitos forem posicionados para um controle a distância” (Feenberg, 1999, n.p.). As sociedades modernas são as que podem desmundializar os seres humanos, para que os sujeitem à ação técnica e podem prolongar o gesto da desmundialização.

Já no segundo nível, temos a introdução dos *designs* que podem ser integrados a outros dispositivos e outros sistemas já existentes, como princípios éticos e estéticos. “O primeiro nível simplifica os objetos pela incorporação de um dispositivo, enquanto o segundo nível integra os objetos simplificados ao ambiente natural e social” (Feenberg, 1999, n.p).

Feenberg ainda diz que os requisitos sociais e técnicos do capitalismo estão condensados em uma racionalidade que vai levar à construção de sistemas técnicos, conforme as exigências do sistema de dominação. A este fenômeno ele vai dar o nome de código social da tecnologia, ou código técnico.

Os códigos técnicos vão refletir as instrumentalizações secundárias da teoria da Instrumentalização, como mediações éticas, e serão compreendidos como os critérios para selecionar entre os projetos técnicos que são praticáveis, ou tecnicamente trabalháveis, alternativos (Feenberg, 2002).

Para o autor, novos códigos técnicos podem ser desenvolvidos e vir a constituir a base para uma nova civilização industrial, que superará valores e interesses econômicos capitalistas, e assim, promoverão preservação ambiental, da igualdade social e do desenvolvimento humano. Esses novos códigos técnicos podem se desenvolver a partir da tecnologia existente.

Um exemplo de aproveitamento das ambiguidades e potencialidades apresentado por Feenberg refere-se ao computador e à Internet. Ele lembra que o computador – tanto o hardware quanto o software – foi criado como um dispositivo de cálculo e armazenamento de informações, e não de comunicação. A função de comunicar, não prevista por seus inventores primeiros, estava, no entanto, potencialmente contida nos seus códigos técnicos que, uma vez rearranjados, tornaram o computador, com a Internet, um meio de comunicação. É importante acrescentar que a recodificação técnica teve início pela ação de usuários “leigos” e não de especialistas em informática. (Souza, 2016, p. 54)

Vale ainda tratar da questão da resistência que comentei no texto. Feenberg vai recorrer ao trabalho de Certeau, e compreender que os atores que são subordinados devem intervir de maneira diferente da dos dominantes.

Para Feenberg (1999), Certeau traz uma interpretação interessante da teoria de poder de Foucault, que pode ser aplicada a este problema. “Ele distingue as estratégias dos grupos com uma base institucional nas quais exercitam o poder e as táticas daqueles que se sujeitam a esse poder e que, faltando uma base para agir continuamente e legitimamente, manobram e improvisam resistências micropolíticas” (Feenberg, 1999, n.p.).

A teoria crítica da tecnologia de Feenberg vai se relacionar com o interesse de Foucault pelas instituições baseadas em regimes de verdades tecnocientíficas. Feenberg (1999) diz que o poder apenas vai tangenciar a maioria das interações, porém, quando isso se transforma em ação, a resistência vai se fazer temporária e limitada ao espaço, de acordo com a posição que

os indivíduos têm no sistema. Porém, essa massa de indivíduos se registra em sistemas técnicos e, com isso, as resistências vão surgir e podem modificar a configuração dos sistemas.

Temos, então, que a teoria crítica da tecnologia não se pretende ser a favor ou contra a tecnologia (no que diz respeito às teorias instrumental e substantiva), mas sim, trata-se da importância de debater e de decidir de forma democrática que valores e que propósitos devem guiar o desenvolvimento da tecnologia e de que como os elementos técnicos podem ser combinados a fim de promover esses valores.

Feenberg (2002) acredita que a teoria crítica da tecnologia vai oferecer uma possibilidade de reconciliação de opostos para uma reflexão sobre o tema. A contribuição mais fundamental é a da transgressão do particular sobre o universal. Nas palavras do próprio autor:

Fluxos industriais abandonam os países avançados e correm em direção à periferia de baixos salários como doenças. A Internet abre fantásticas novas oportunidades para a comunicação humana, e está inundada de comercialismos. Os direitos humanos passam por um desafio frente a valores arcaicos em alguns países, e, ao fornecer álibis para riscos imperialistas em outros. A consciência ambiental nunca foi tão grande, contudo, muito pouco é feito para impedir desastres tais como o aquecimento global. A proliferação nuclear, finalmente, está sendo combatida com energia num mundo em que mais e mais países têm boas razões para adquirir armas nucleares (Feenberg, 1999, n.p).

Para se abrir o desenvolvimento técnico a fim de ser influenciado por um número mais amplo de valores, é necessária uma participação democrática maior, é necessária uma racionalização democrática.

2.2 – Internet e Política

Sabemos que as histórias da política e da Internet não começaram hoje, porém, resolvemos utilizar um ponto de partida para a escrita, que é quando começa a ocorrer uma grande disseminação do uso das tecnologias de informação e comunicação atreladas a questões de manifestações, organizações de grupos etc. e, para iniciar nossa discussão, utilizaremos o texto “O antipetismo e conservadorismo”, que é um dos capítulos que compõem o livro *O ódio como política*, de Esther Solano.

Para Ribeiro (2018), o debate político no Brasil se divide em torno de duas narrativas. De um lado, temos antipetistas, ou seja, pessoas que defendem que o Partido dos Trabalhadores tomou o poder do Estado para seus próprios interesses e, graças à ajuda dos movimentos sociais que, de acordo com esse grupo, são controlados pelo PT, conseguiu se manter no poder até o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Do outro lado, temos os anti-antipetistas, que compõem um grupo que denuncia que, “por trás do discurso anticorrupção, esconde-se o

verdadeiro interesse do campo antipetista, a saber, o de impedir medidas distributivas que ameaçam privilégios de classe” (Ribeiro, 2018, p. 87).

Essas narrativas, que dão a estrutura para o debate, mostram uma dinâmica em que cada grupo se define por uma negação da caricatura que faz do seu oposto. O livro foi lançado em 2018. Quatro anos depois, em 2022, isso já não ocorria de maneira generalizada, pois vimos emergir outros grupos, outros ideais e outras vias. Muitos grupos se mostram ou buscam se apresentar como favoráveis a uma terceira via, porém, as eleições presidenciais de 2022 apontaram que ainda ocorre uma grande polarização.

Afinal, de onde veio essa polarização tão grande? Sabemos que polarizações já ocorreram em outras épocas, mas não como foi visto em 2018 e 2022. Ribeiro (2018) diz que se formou durante oito ou dez meses que se seguiram após as manifestações de junho de 2013, quando páginas de Facebook com grandes números de interação foram produtoras de conteúdo anticorrupção.

Essas páginas se posicionavam, até então, entre páginas de esquerda e direita, e muitos de seus leitores se juntaram a ativistas que se manifestavam contra o aumento da passagem, e que traziam consigo, nessas manifestações, um conjunto de pautas anticorrupção e por direitos.

Ribeiro afirma que:

Por motivos que não cabe especular neste texto, essa recém-formada esfera pública se cindiu ainda naquele ano, afastando da esquerda grande parte daqueles que foram às ruas pela primeira vez e aproximando-os da direita. Esse deslocamento está na gênese do campo antipetista. A descrição da estrutura de organização das páginas mais relevantes de um campo nos indica a forma como os usuários da rede estão agrupados em comunidades de leitores (Ribeiro, 2018, p.88).

Mas o que seriam essas manifestações de 2013? A juventude saiu às ruas, motivada a, inicialmente, protestar pelo aumento das passagens de ônibus (em São Paulo, as manifestações foram iniciadas pelo “Movimento Passe Livre”, com a bandeira da “Tarifa Zero” para os transportes públicos). Governos estaduais e municipais retrocederam na aplicação dos reajustes de tarifas, mas os manifestantes não queriam apenas isso; eles exigiam também a melhoria da prestação dos serviços públicos, como a educação, a saúde, o transporte e outros direitos do cidadão.

O ano de 2013 vai ser lembrado, também, pelas movimentações sociais no mundo, como a “Primavera Árabe” e pela quantidade de movimentos “*Occupy*”, iniciados em 2011, em Wall Street, e reproduzidos em diversos países. O “*Occupy*”, de resistência, sem liderança centralizada, consiste em manter a ocupação permanente de locais públicos, com a realização de atividades como eventos e assembleias.

Sobre os movimentos sociais que eclodiram nesse ano, o conhecido sociólogo espanhol Manuel Castells escreveu um livro, *Redes de indignação e esperança*, cujo subtítulo é *Movimentos sociais na era da Internet*. Escreveu o autor:

Ninguém esperava. Num mundo turvado por aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal, aquilo apenas aconteceu. Subitamente, ditaduras podiam ser derrubadas pelas mãos desarmadas do povo, mesmo que essas mãos estivessem ensanguentadas pelo sacrifício dos que tombaram. Os mágicos das finanças passaram de objetos de inveja pública a alvos do desprezo universal. Políticos viram-se expostos como corruptos e mentirosos. Governos foram denunciados. A mídia se tornou suspeita. A confiança desvaneceu-se. (Castells, 2013, p. 9)

Castells também fala diretamente do Brasil:

Aconteceu também no Brasil. Sem que ninguém esperasse. Sem líderes. Sem partidos nem sindicatos em sua organização. Sem apoio da mídia. Espontaneamente. Um grito de indignação contra o aumento do preço dos transportes que se difundiu pelas redes sociais e foi se transformando no projeto de esperança de uma vida melhor, por meio da ocupação das ruas em manifestações que reuniram multidões em mais de 350 cidades. (Castells, 2013, p.184)

A grande novidade dessas manifestações, em relação às que aconteceram em anos anteriores, foi a forte influência das mídias sociais e das tecnologias digitais na organização e divulgação das ações do movimento, fato que se repetiu em 2016, principalmente nas redes sociais.

É importante, nesse momento, conceituar e explicar o que são redes sociais e, para isso, lançaremos mão das ideias de outros teóricos e pesquisadores. Para Marteleto (2001, p.72), redes sociais são “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Downes (2005, p.411) assim as conceitua: “uma rede social é um conjunto de indivíduos ligados entre si por um conjunto de relações”. Na continuação das definições, não podia deixar de ter como base Recuero (2005), que nos mostra que uma rede social é composta por dois elementos: os atores (membros) e as relações que eles desenvolvem entre si. Temos, com isso, uma estrutura social que é composta por organizações e/ou pessoas que estão conectadas estabelecendo, partilhando e trocando valores e objetivos.

Já que realizei essa sequência de definições sobre redes sociais, posso falar sobre como as tecnologias digitais de informação e comunicação propiciaram o surgimento de novas formas de redes sociais e de novos instrumentos de interação. Para Ugarte (2009), a Internet potencializou o funcionamento das redes. Já Castells conceitua que a comunidade virtual é “uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo” (Castells, 1999, p.385).

Como falei na introdução deste capítulo, a Internet mudou a forma de comunicação e, se pensarmos nos recentes movimentos contestatórios, as redes sociais emergem como instrumentos poderosos de divulgação de atividade, de troca de informações e de espaço para mobilização popular. Elas funcionam como mídia digital, na qual os veículos e aparelhos de comunicação permitem comunicação tanto oral como escrita (de forma digital), e que vão permitir a criação e a divulgação de informações colaborativas.

O tipo de interação que ocorre nas redes virtuais vai permitir mobilizações e uma comunicação mais rápida, interativa, autônoma e propagável. Temos que “quanto mais interativa e autoconfigurável é a comunicação, menos hierárquica é a organização e mais participativo é o movimento” (Castells, 2013, p.32).

A conexão com diferentes pessoas que a Internet e as TIC possibilitaram permitiu o compartilhamento de sentimentos diversos, como indignação, solidariedade e ideais de construção de projetos alternativos. Um espaço virtual/digital pode ser um espaço que serve para potenciais formas de contrapoder que viabilizam um desejo de mudanças sociais.

Para Bringel (2017), as novas tecnologias digitais de informação e comunicação vêm sendo utilizadas de forma distinta em relação aos demais padrões de ações coletivas globais.

Los movimientos territorializados innovaron en el uso de las webs y listas de comunicación; las redes transnacionales de advocacy utilizaron Internet para facilitar la mediación y contribuir para visibilizar la presión político-social, extendiendo repertorios como las firmas electrónicas; el movimiento antiglobalización se apropió de las NTICS para la movilización y para la construcción de plataformas de contrainformación (con el lema “Be the Media” que condujo a la creación de los Indymedia). En el caso de este ciclo de indignación global, las redes sociales digitales (ya sean corporativas o alternativas) se oponen a la mediación de terceros y permiten un mayor protagonismo personal y una descentralización de las convocatorias globales, lo que, a su vez, está por detrás del carácter efímero de muchas de estas acciones. (Bringel, 2017, p. 34-35)

Outro autor que ajuda a entender a questão das mobilizações sociais e a Internet é Geoffrey Pleyers, que elenca quatro perspectivas sobre o uso da Internet nas mobilizações. Em um deles, discorda de Castells.

El uso de Internet no provocó un dominio de acciones y movimientos virtuales que habrían sustituido a las movilizaciones en los “espacios físicos”. Al contrario, desde 2011, la ocupación de espacios urbanos y especialmente de plazas simbólicas son centrales para estos movimientos. 2. Apesar de que internet sea un espacio virtualmente global, sus usos contribuyeron más a construir movimientos nacionales y locales que movilizaciones globales. 3. Las redes sociales e internet no sustituyen a los medios de comunicación tradicionales. Cuando se articulan a estos, los medios alternativos y militantes tienen mayor visibilidad e impacto. 4. Al contrario de la idea de que internet desplegaría una “cultura horizontal de redes y de participación”, lo que inevitablemente terminaría contaminando y transformando el mundo real (Castells, 2012), internet y las redes sociales se volvieron también espacios semipúblicos donde prosperaron el racismo y las corrientes más conservadoras y autoritarias (Pleyers,

2017, p. 38).

Pleyers (2017) ainda vai dizer que as redes sociais e a Internet auxiliaram as conexões e a difusão de formas de práticas e de mensagens dos movimentos democráticos. Para o autor, as mobilizações que ocorreram nos últimos anos seriam de outra forma se não houvesse o aumento do número de usuários da Internet no mundo árabe, por exemplo, ou sem os jovens ativistas que espalharam demandas, símbolos, imagens e indignação em redes como YouTube, Twitter, Facebook, algumas inclusive em tempo real, com transmissões ao vivo de suas atuações nas ruas e nas ocupações a partir de seus telefones moveis.

As imagens que dão início à indignação fazem com que as pessoas se sintam identificadas e repassem essas imagens, tornando-as virais. Os movimentos têm uma organização complexa, eles não têm líderes que permaneçam por muito tempo na liderança.

São processos de deliberação que aprendem a experimentar novas formas de democracia. Essas formas de participação criam, sobretudo, o sentimento de se estar juntos. Basta estar ali para poder falar, não precisa de filiação ou representação. A horizontalidade da comunicação fica manifesta. As novas formas de democracia se praticam, elas não se constroem nas teorias de uma tese.

Manuel Castells (2013) faz aposta no próprio movimento e em uma virada possível, quando aponta que foi graças à indignação que as sociedades começaram a superar o medo que as mantinha inertes, porém, que essa indignação deve converter-se em esperança e em alternativas.

Em um dos livros lançados por Castells, *O poder da comunicação*, o autor fala da “batalha para influenciar nossas mentes”. A questão-chave nessa produção de Castells é a questão do poder. Quem possui o poder é quem define as “regras do jogo” em nossas sociedades, e em todas as sociedades. Conhecer de onde surge e como se estrutura o poder, quem tem poder e o poder de fazer com que todos nós tenhamos que seguir esse poder, é o que define o marco social, cultural e político em que todos vivemos.

O que o autor procura demonstrar, nesse livro é que o âmbito em que se constrói o poder é, sobretudo, a mente humana. A batalha para influenciar nossas mentes, a construção do poder, se dá, principalmente, no espaço da comunicação.

Castells aborda *por que, como e por quem* as relações de poder são construídas e exercidas na sociedade e de que forma “essas relações de poder podem ser alteradas por atores sociais que têm como meta mudanças sociais” e se mobilizam para o enfrentamento à institucionalização de normas e regras, visando provocar mudanças sociais (Castells, 2015,

p.21).

Nos últimos anos, a relação entre a Internet e a política tem se intensificado, principalmente devido ao uso de dados pessoais para direcionar campanhas políticas. Um dos casos mais notórios foi o escândalo envolvendo a Cambridge Analytica, uma empresa de consultoria política que utilizou dados de milhões de usuários do Facebook sem consentimento para influenciar eleições. Este incidente trouxe à tona questões cruciais sobre privacidade, manipulação de informações e integridade do processo democrático.

A Cambridge Analytica teve destaque por suas estratégias inovadoras de marketing político digital. Utilizando dados de mais de 50 milhões de usuários do Facebook, a empresa conseguiu criar perfis psicológicos detalhados dos eleitores, permitindo direcionar anúncios políticos altamente personalizados.

A Cambridge Analytica teria usado dados para criar um sistema que permitiu prever e influenciar as escolhas dos eleitores nas urnas, segundo a investigação dos jornais *The Guardian* e *The New York Times*.

Steve Bannon era uma figura central na política americana e vislumbrou o potencial de usar big data para manipular opiniões políticas e direcionar eleitores de maneira mais eficaz. Sua visão era criar um ambiente em que as emoções e os medos dos eleitores pudessem ser explorados para moldar suas decisões políticas. Ele acreditava que a Internet, com sua capacidade de segmentar e atingir públicos específicos, era a ferramenta ideal para tal finalidade.

O uso de dados pessoais para direcionamento de campanhas pode ter impactos significativos no comportamento dos eleitores. Anúncios políticos personalizados com base em perfis psicológicos podem aumentar a probabilidade de um indivíduo votar em um determinado candidato. O escândalo Cambridge Analytica também evidenciou falhas das plataformas de mídia social em proteger a privacidade dos usuários. Disso, surgiram diversas regulamentações, como o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados (GDPR) da União Europeia, visando garantir maior controle dos usuários sobre suas informações pessoais.

O impacto de Steve Bannon e da Cambridge Analytica na política moderna não pode ser subestimado. Eles inauguraram uma nova era de campanhas políticas baseadas em dados, onde a Internet desempenha um papel central na formação das opiniões e decisões eleitorais. Esse novo paradigma requer um equilíbrio delicado entre a inovação tecnológica e a proteção dos direitos dos cidadãos. O caso Cambridge Analytica e a influência de Steve Bannon representam um marco na interseção entre Internet e política. Eles demonstram o poder da manipulação de dados pessoais na formação das decisões eleitorais e destacam a necessidade

urgente de regulamentações robustas para proteger a democracia na era digital.

A análise das movimentações políticas e sociais antes de 2022 revela uma perspectiva mais crítica e menos ingênua sobre eventos como a Primavera Árabe e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil. Enquanto avaliações anteriores atribuíram esses eventos a uma geração espontânea de frustrações reprimidas, análises mais recentes sugerem que houve uma grande mobilização visando desestabilizar governos. A irrupção de movimentos sociais em contextos políticos contemporâneos nem sempre ocorre por geração espontânea. Em vez disso, há uma complexa teia de influências e apoios que moldam esses movimentos, revelando um cenário político global interconectado e muitas vezes dirigido por interesses estratégicos

2.3 – Os impactos dos comentários na Internet

Para iniciar a discussão sobre os comentários na Internet, não posso deixar de lembrar um *case*. Falamos da conta chamada “*Don’t read the comments*”, que estava na rede social Twitter até meados de 2014. Em uma tradução livre, seria algo como “Não leia os comentários”. A conta tinha mais de 40 mil seguidores, e todos os dias o administrador postava um lembrete relacionado ao apelo de não ler os comentários. Isso foi feito durante dois anos e uma das postagens dizia: “Há um motivo para os comentários ficarem na parte de baixo”. Os comentários na Internet são feitos, normalmente, na parte de baixo dos *sites*, ou seja, existe o conteúdo, e embaixo do conteúdo há um espaço para comentários. Isso ocorre muito em *sites* de notícias, de revistas e nas redes sociais.

Nas redes sociais, o espaço para comentar vem logo após a postagem que é feita pela pessoa, ou seja, você visualiza primeiro a mensagem e em seguida pode realizar o comentário.

A ferramenta de comentários na Internet não é algo apenas das redes sociais digitais ou dos aplicativos para *smartphones*. Ela surgiu com os *blogs*, ainda na década de 2.000. Era uma forma de dar horizontalidade à interação que a Internet oferecia, uma vez que dava ao usuário e ao leitor do *blog* a possibilidade de emitir opinião e participar do espaço.

O uso dos comentários foi crescendo, e eram comuns clubes de fãs, diversas postagens sendo realizadas e comentários sendo feitos. Aos poucos, foi sendo necessário, haver uma mediação e uma moderação desses comentários. Eles eram uma forma de estimular uma resposta e de mostrar que as pessoas estavam confortáveis para participar de um diálogo.

Hoje, também temos os comentários nas redes sociais digitais. Redes como Facebook, Instagram, X (Antigo Twitter), entre outras, oferecem espaços onde é possível comentar as fotos, as postagens, as páginas, as matérias, ou seja, é possível interagir em diversos locais.

Em uma visão generalista, quando vemos uma publicação com muitos comentários, temos a impressão de que aquele assunto desencadeou diversas reações, ou estimulou muitas pessoas a darem sua opinião sobre o tema abordado. Com isso, temos mais vontade de entender o que está acontecendo. A relação é direta: “Para além da introdução de diferentes pontos de vista enriquecer a notícia, um maior número de comentários corresponde a um maior número de visitas, o que é apreciado pelos leitores” (Canavilhas, 2001, p.3).

Porém, nem todo mundo que comenta de fato leu, viu o vídeo, viu a matéria ou até mesmo visualizou a imagem por completo. É possível realizar comentários e dar opiniões sem ler o conteúdo postado, ou seja, apenas dar a opinião por dar, ou tentar entender o que ocorreu lendo os outros falarem sobre o assunto. Em inglês, isso é chamado de *too long didn't read*, algo como “longo demais, não li”. Era uma expressão usada quando alguém fazia uma postagem com texto muito grande, uma vez que, nas redes sociais, é comum haver textos menores.

Mas não é apenas isso. Quando pensamos na Internet e em suas possibilidades, pensamos também na questão da troca ilimitada de ideias. Porém, vemos um fenômeno acontecendo: o do *feedback* de um leitor ser algo desagradável. Em alguns casos, comentários rudes sobre uma matéria, um texto ou uma pessoa podem fazer até mesmo com que mudemos a maneira de interpretar uma notícia. Podemos verificar um pouco disso no estudo *Nasty Effect* (“efeito desagradável”, em português), do qual uma das autoras é Dominique Brossard.

Brossard, que é coautora do estudo sobre o “efeito desagradável”, aborda que os “*trolls* estão vencendo” (NPR, 2013, n.p. tradução nossa).⁴ Esses trolls são as pessoas que realizam comentários com o objetivo de desviar as conversas *on-line*. Em alguns casos, há comentários preconceituosos, machistas, discursos de ódio, entre outros. O jornal *Público*, em matéria publicada dia 26 agosto de 2013⁵, explica esse papel:

Há muito que a gíria da Internet tem um termo para este tipo de insultos: *trolling*. Na mitologia escandinava, os *trolls* são seres sobrenaturais que vivem longe dos humanos. São antissociais e agressivos. Alguns têm uma aparência de monstros. Na linguagem moderna da Internet, os *trolls* são pessoas que, em fóruns, redes sociais e caixas de comentários, discutem sem argumentos racionais ou simplesmente insultam e ofendem os outros, embora não necessariamente com a violência dos exemplos acima.

O estudo dos pesquisadores (em que Brossard é coautora) tinha como tema:

[...] examinar como discussões interpessoais incivis on-line podem contribuir para a polarização das percepções sobre um tema. Examinamos essas dinâmicas no contexto

⁴Disponível em: <https://www.npr.org/2013/03/11/174027294/the-nasty-effect-how-comments-color-comprehension>

⁵Disponível em: <https://www.publico.pt/2013/08/26/p3/noticia/no-mundo-digital-somos-mais-rudes-e-desinibidos-1817909>

da nanotecnologia, que é um caso interessante porque é um tópico amplamente desconhecido que oferece uma rara oportunidade de examinar a formação e o desenvolvimento de atitudes. A maioria do público não tem uma compreensão clara da nanotecnologia e tende a usar atalhos mentais—ou heurísticas, como predisposições de valor ou conhecimento sobre ciência—ao formar atitudes sobre ela. (Anderson *et al.*, 2014, p. 374, tradução nossa)

O estudo foi feito por pesquisadores da Universidade de Wisconsin – Madison e da Universidade George Mason, da Virgínia, que trabalharam com um redator científico a fim de construir uma notícia sobre os prós e os contras da nanotecnologia. Diversas pessoas revisaram a postagem do blog de um jornal canadense, que discutia os riscos da contaminação da água por partículas de nanoprata e os benefícios antibacterianos.

Para o estudo, metade viu a história com comentários educados, positivos, e a outra metade viu a história com comentários agressivos e até insultos. Brossard (uma das autoras do trabalho) aborda que “as pessoas que foram expostas aos comentários educados não mudaram realmente suas opiniões sobre o assunto tratado na história, enquanto as pessoas que viram os comentários agressivos se opuseram – tornaram-se mais contrárias à tecnologia que foi defendida na história” (NPR, 2013, n.p., tradução nossa).

A escolha da temática da nanotecnologia não foi algo sem explicação, mas teve como motivo o fato de ser uma temática complexa, com a qual os leitores não têm muita familiaridade. Com isso, o estudo mostrou que as pessoas costumam utilizar atalhos para dar sentido às coisas que não entendem. “Precisamos ter uma âncora para entender isso”, diz Brossard. “E parece que a grosseria e a incivildade são usadas como um atalho mental para dar sentido a essas questões complicadas.” (NPR, 2013, n.p. tradução nossa).

No mesmo estudo, os autores afirmam que os resultados da pesquisa mostram que esse fenômeno pode impedir até mesmo um objetivo democrático, ainda mais quando o assunto é ligado a questões científicas controversas.

A comunicação on-line e a discussão de novos tópicos, como tecnologias emergentes, têm o potencial de enriquecer a deliberação pública. No entanto, os resultados deste estudo mostram que a incivildade on-line pode impedir esse objetivo democrático. Da mesma forma que assistir [a] políticos incivis argumentando na televisão causa polarização entre indivíduos, comentários indelicados e indignados em blogs podem polarizar usuários on-line com base em predisposições de valor utilizadas como heurísticas ao processar as informações do blog. O efeito da incivildade on-line de usuário para usuário nas percepções em relação às tecnologias emergentes pode ser especialmente problemático para especialistas em ciências e comunicadores que dependem da aceitação pública de suas informações. Os efeitos da incivildade on-line podem ser ainda mais fortes para questões científicas mais conhecidas e controversas, como o debate evolução versus design inteligente ou mudanças climáticas. Pesquisas futuras podem explorar essas questões para obter uma melhor compreensão da formação de percepções de risco para tópicos políticos ou científicos controversos no contexto de comentários on-line gerados por usuários. (Anderson *et al.*, 2014, p. 384, tradução nossa)

Para Dominique Brossard uma das autoras do artigo “Nasty Effect”, não existe uma solução que seja rápida para essa questão. Porém, mesmo julgando ser importante promover a conversa por meio de seções de comentários, ela entende que toda a organização de mídia precisa descobrir onde traçar a linha quando os comentários ficam fora de controle. Para ela, é importante que as pessoas envolvidas no jornalismo e na comunicação percebam a influência que os comentários podem ter e, com isso, formulem políticas apropriadas.

Esse fenômeno não parou aí, e não existem apenas os *trolls*, mas também os *haters*. Ambos “[...] são grupos de audiência que gastam suas energias em expressar opiniões negativas e críticas jocosas sobre os conteúdos midiáticos” (Pessotto; Toledo, 2014, p. 87).

[...] um único grupo de espectadores, que zombam de produtos e celebridades, pregando ódio a qualquer mínima manifestação ou elemento que os desagrade. Seu mote é repetido em inglês, por outros espectadores ‘comuns’: *haters gonna hate* (odiadores odiarão). Os dois grupos podem ser confundidos, mas possuem diferenças principalmente em relação ao vínculo com o texto. (*Ibid.*, p. 87)

Para fazer uma diferenciação, o *hater* é aquela pessoa que tem raiva ou até mesmo ódio de certo conteúdo, quando este não o agrada. Ele tem uma relação de proximidade com o texto que “odeia”, consumindo-o, para poder ter conhecimento detalhado de tudo que parece desagradá-lo no texto em questão” (Pessotto; Toledo, 2014, p. 87). Já o *troll*, diferentemente, seria “[...] um indivíduo que perturba o bom andamento de uma comunidade virtual através da postagem de mensagens negativas ou fora de contexto” (Zago, 2012, p.151). Temos, assim, que “os conteúdos produzidos e compartilhados por *haters* e *trolls* têm uma grande importância na estruturação do ecossistema de consumo midiático” (Pessotto; Toledo, 2012, p. 91).

Porém, por que alguém agiria de tal forma na Internet? Um conceito que pode nos ajudar a entender essa questão é o da “desinibição on-line”. No âmbito da desinibição on-line, temos a desinibição tóxica, conceito criado por John Suler, em seu artigo *The Online Disinhibition Effect*.

Suler (2004) mostra que é sabido que algumas pessoas dizem e fazem coisas no ciberespaço que não fariam e não diriam no mundo real. Isso acontece porque elas se soltam, sentem-se mais desinibidas e, com isso, se expressam mais abertamente, o que os pesquisadores chamam de efeito da desinibição. Dentro dessa desinibição, teríamos a desinibição benigna e a tóxica.

Quadro 2 – Diferenças entre desinibição benigna e tóxica

Desinibição benigna	Desinibição tóxica
Às vezes as pessoas compartilham coisas muito pessoais sobre si mesmas. Elas revelam emoções secretas, medos, desejos, ou mostram atos incomuns de bondade e generosidade.	Por outro lado, o efeito de desinibição pode não ser tão benigno. Pode se constituir no uso de linguagem rude e críticas duras, raiva, ódio e até ameaças. Ou as pessoas exploram o submundo sombrio da Internet, lugares de pornografia e violência, lugares que nunca visitariam no mundo real.

Fonte: Suler, 2004, n.p. Tradução nossa.

Para Suler (2004), no lado benigno, a desinibição indicaria uma possibilidade e tentativa de compreender e de explorar a si mesmo, ou seja, de trabalhar problemas e encontrar novas formas de ser. Já na desinibição tóxica, teríamos uma catarse cega, uma necessidade de desejos desagradáveis. A desinibição tóxica é uma força que impacta os seres humanos mesmo quando estamos conscientes da mesma, mas chegando a operar até em nível inconsciente.

No entanto, a desinibição nem sempre é tão salutar. Testemunhamos linguagem rude, críticas duras, raiva, ódio e até ameaças. Ou as pessoas visitam o submundo sombrio da Internet – lugares de pornografia, crime e violência – território que nunca explorariam no mundo real. A isso podemos chamar desinibição tóxica. (Suler, 2004, p. 321, tradução nossa)

Mas o que causaria essa desinibição on-line? O que haveria no ciberespaço que faria com que as barreiras psicológicas que bloqueiam a liberação desses sentimentos caíssem? Para Suler (2004), vários fatores ocorrem. Em algumas pessoas, mais de um fator; em algumas, só um, porém, na maioria das pessoas, os fatores poderiam interagir entre si, completando-se. Teríamos, então, seis características que, geralmente, estão presentes na desinibição virtual, que apresentaremos a seguir, acompanhadas de uma tradução livre:

- *Dissociative Anonymity* / “Você não me conhece”: O anonimato dá um sentido de proteção.
- *Invisibility* / “Você não pode me ver”: Só um apelido une a pessoa ao personagem.
- *Asynchronicity* / “Até logo” ou “Até Mais”: A comunicação é assíncrona, o que permite emitir comentários incendiários e se desconectar. É fácil escapar do diálogo ou das consequências.
- *Solipsistic Introjection* / “Está tudo na minha cabeça”: Há projeções de características diversas.
- *Dissociative imagination* / “É só um jogo” ou “É só uma brincadeira”: Linha tênue entre o que é real e o que é virtual. Cria-se um sentimento de fuga das normas da vida cotidiana.

- *Minimization of status and authority* / “Nós somos iguais” ou “Suas leis não valem aqui”: Na Internet, ninguém sabe a condição de ninguém, diferentemente do mundo real, onde há hierarquias e limites.

Os efeitos da desinibição ou da inibição podem ser fracos ou fortes, vai depender da pessoa e da situação. As pessoas podem ter oscilações, pequenas ou amplas, entre as duas polaridades. Algumas podem ser mais suscetíveis à inibição que à desinibição, ou ao contrário.

Finalizada essa discussão sobre a Internet e a política e sobre os impactos que os comentários na Internet trazem, vamos para a próxima seção do capítulo.

Esses comentários, curtidas, ou seja, toda essa interação nas redes é composta de dados que são disponibilizados para alguém ou para algo. Quando compartilhamos, comentamos, curtimos e dialogamos, estamos disponibilizando dados no estado bruto. Por isso, a próxima seção terá como tema o capitalismo de vigilância.

2.4 – Capitalismo de vigilância

Shoshana Zuboff nasceu em 1951 nos Estados Unidos, é autora de três livros, além de diversas publicações acadêmicas, sobre a influência na sociedade atual. Cada um de seus livros assinalam o início de uma nova época da sociedade, desde o início da computação nos ambientes de trabalho (em “*In the Age of the Smart Machine*”, de 1988), até o início da precarização do trabalho humano em prol do uso de tecnologias (em “*The Support Economy*”, de 2002). Em seu livro, lançado em 2019, “*The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*” (*A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder*, em tradução livre) aborda anos de pesquisa e pensamento para revelar um mundo no qual os usuários de tecnologia não são clientes, funcionários ou produtos.

Zuboff aprofunda o conceito de “capitalismo da vigilância”, criado por ela mesma. Para a autora, este tipo de capitalismo, que emerge no início dos anos 2.000 a partir da ascensão das Big Techs do Vale do Silício, reivindica a experiência humana em seu cotidiano como matéria-prima gratuita para abastecer um novo tipo de mercado: uma economia de vigilância.

O capitalismo de vigilância seria uma fase do capitalismo, uma etapa, ou até mesmo uma mutação do sistema que passa a utilizar os dados fornecidos a empresas de tecnologias, como os dados das redes sociais e de buscadores de pesquisa, transformando esses dados em matéria-prima e em produto.

São gestos e ações que estamos acostumados a fazer e acabamos por não perceber, mas,

quando fazemos, estamos, na verdade, disponibilizando dados. Isso fica mais nítido quando explicamos, pois é um processo bem conhecido por todos. O usuário da Internet entra e coloca diversas informações pessoais, como seus gostos (um prato preferido, uma música mais escutada, um filme que quer ir ver, uma viagem, entre outros), sentimentos (medos ou quando algo que o deixou alegre), projetos de vida (como o que pretende fazer no futuro, a viagem que pretende fazer), os hábitos on-line (o navegador mais usado, o site mais acessado, o *podcast* ou site de notícias preferido) os hábitos off-line (passear de bicicleta, ir ao teatro), suas posições políticas (como vimos na seção anterior), entre outras diversas informações.

Todas essas informações que ele disponibiliza são os dados em estado bruto. As empresas de tecnologia pegam esses dados, extraem, refinam e os transformam em dados de predição de comportamento, ou seja, elas conseguem fazer uma análise do usuário e, com isso, conseguem “prever” seus próximos passos.

Esses dados são fornecidos gratuitamente pelos usuários, por meio das postagens, dos jogos em que respondem diversas perguntas a seu respeito, de uma discussão política de que participam, entre outros.

Estamos tratando das pessoas como usuários e utilizamos esse conceito pois:

O termo usuário, explicado no documentário Dilema das Redes/The Social Dilemma (2020), dirigido por Jeff Orlowski e produzido pela Netflix, é utilizado para pessoas que fazem uso de substâncias químicas que alteram o estado psíquico, como as drogas. Esse mesmo termo é utilizado para as pessoas que acessam as mídias sociais pelo fato de as mesmas estarem desenvolvendo comportamentos alienados, semelhante ao de usuários de drogas, por conta do uso excessivo e da realidade paralela trazida com a ciber espaço, com o uso de algoritmos desenvolvidos para prender a atenção de cada usuário individualmente. Demonstrando o problema da indústria da tecnologia e as mudanças trazidas por ela para a vida do ser humano, como uso em excessivo, vício e impactos negativos que grande uso e exposição nas redes sociais, refletindo esse comportamento também no direito (Oliveira, 2020, p.5).

O conceito de *Surveillance Capitalism* foi criado em um artigo denominado “*Big Other: Surveillance Capitalism and the Prospects of na Informaon Civilizaon*”. Ele se constitui como “nova ordem econômica que considera a experiência humana como material cru gratuito para práticas comerciais ocultas de extração, predição e venda” (Zuboff, 2015, tradução nossa).

A importância da obra de Zuboff é a de fornecer uma visão da pesquisadora, situando o tema em um contexto amplo e, assim, trazendo para o debate. O site *Project Draft*, que é um “projeto editorial dedicado a cobrir a expansão da inovação disruptiva no Brasil, uma plataforma de conteúdo, serviços e eventos montada para fazer a crônica da Nova Economia, da Cultura Maker, dos novos empreendedores brasileiros” (PROJECT DRAFT, 2020, n.p.), traz a opinião de alguns professores acerca do termo.

Segundo Rafael Zanatta, advogado e membro do grupo de Ética, Tecnologia e Economias Digitais da USP, quando utiliza um tom mais ácido para definir Capitalismo de Vigilância, Zuboff diz que “é uma lógica econômica parasita na qual a produção de bens e serviços é subordinada à nova arquitetura global de modificação do comportamento”. “Em resumo, é uma expropriação dos direitos humanos mais basilares, como a autonomia e a liberdade”, afirma Zanatta. Ampliando mais o espectro, João Carlos Magalhães, pesquisador de doutorado no departamento de mídia e comunicação da London School of Economics (LSE), conta que, para Zuboff, a capacidade de modificação de comportamento dos usuários cria um novo tipo de poder — o chamado “instrumentarismo” —, algo comparável aos regimes totalitários do século 20. “Ela diz que ambos os tipos de poder têm como objetivo a negação total da liberdade. A diferença seria que o “instrumentarismo” visa não aniquilar fisicamente o outro, como o nazismo e o fascismo, mas ter uma espécie de ‘certeza total’ e científica sobre o indivíduo para poder melhor manipular seu comportamento.”. (PROJECT DRAFT, 2020, n.p)

O capitalismo de vigilância funcionaria por meio de um dos princípios básicos do capitalismo, que é o da separação da sociedade entre os que têm poder/domínio/posse de algum objeto/status/bens e os que não têm. Nessa discussão, o conhecimento está atrelado, uma vez que conhecimento e poder estão ligados. Mais uma vez trazemos o Project Draft com comentários.

Em um texto publicado no *The Guardian*, o raciocínio de Zuboff em relação a esse ponto é colocado da seguinte forma por John Naughton, colunista de tecnologia do jornal inglês: “A combinação de vigilância do Estado e sua contrapartida capitalista significa que a tecnologia digital está separando os cidadãos em todas as sociedades em dois grupos: os observadores (invisíveis, desconhecidos e inexplicáveis) e os observados. Isso tem consequências profundas para a democracia, porque a assimetria de conhecimento se traduz em assimetrias de poder.” (PROJECT DRAFT, 2020, n.p)

Diversas são as empresas citadas no livro de Zuboff que se utilizam desse fenômeno. As empresas pioneiras são as representantes típicas dessa nova forma de capitalismo, pois a capacidade para se conseguir controlar o comportamento de um consumidor está ligada à quantidade e à qualidade de dados que a empresa ou a organização tem, e, por serem pioneiras e mais conhecidas, acabam tendo mais informações.

O que muitos autores argumentam é que, na prática, todas as grandes empresas do mundo vão, mais cedo ou mais tarde, se tornar “data companies”, da Shell ao McDonalds”, afirma [Magalhães]. “E é aí que está, inclusive, o frenesi em torno de conceitos como big data e datascience: ninguém quer ficar pra trás de algo que parece ser uma transformação econômica revolucionária. (PROJECT DRAFT, 2020, n.p.).

O capitalismo de vigilância é um tanto quanto controverso na sua essência, pois ele traz um efeito, que é o de transformar as relações entre os consumidores e as empresas de tecnologias de dados, que usam os dados para a manipulação dos próprios consumidores e, ao mesmo tempo, oferecem benefícios a eles, como a facilidade na comunicação e o acesso à informação. E, aí, entra a questão principal, que é o consumo, pois, se, de forma aparente, as empresas oferecem serviços de qualidade por preços menores, ou até mesmo de graça, elas

estão também captando informações e fazendo com que os consumidores aceitem as questões problemáticas em troca do serviço.

O conceito é novo e, por isso, a discussão ainda é inicial, com isso, ainda existem poucas críticas, revisões, ou estudos mais detalhados sobre a temática. Por essa razão, ocorre certa simplificação, pois não há, ainda, como provar a manipulação informada.

2.5 - A ascensão dos dados: uma análise crítica

Para finalizar essa discussão sobre Tecnologias da Informação e Comunicação, não posso deixar de falar de Evgeny Morozov. Evgeny Morozov é um autor, pesquisador e crítico social nascido na Bielorrússia, conhecido por suas análises e críticas sobre o impacto da tecnologia na sociedade. Morozov é um crítico do que ele chama de “solucionismo tecnológico”, a ideia de que a tecnologia pode resolver todos os problemas sociais e políticos. Ele tem escrito extensivamente sobre os perigos da vigilância digital, o papel das grandes empresas de tecnologia e as implicações políticas do uso indiscriminado de dados pessoais.

Seu trabalho é influente no campo dos estudos de tecnologia e política, destacando os riscos e desafios associados à crescente dependência da sociedade em soluções tecnológicas para problemas complexos.

Em *Big Tech*, Evgeny Morozov (2018) apresenta uma análise crítica do papel crescente da tecnologia e dos dados na sociedade contemporânea. Morozov problematiza a lógica do “solucionismo” tecnológico, uma ideologia que propõe a tecnologia como a solução definitiva para problemas que as instituições tradicionais falharam em resolver. Segundo o autor, essa perspectiva simplista e reducionista ignora a complexidade dos problemas sociais e políticos, ao transformar questões políticas em problemas técnicos passíveis de serem resolvidos por algoritmos e grandes volumes de dados.

Morozov (2018) argumenta que a crença na neutralidade das ferramentas tecnológicas é ingênua e perigosa. Ele destaca que essa visão pode levar à desvalorização das instituições democráticas e dos processos participativos, essenciais para a tomada de decisões coletivas. Ao acreditar que a tecnologia pode substituir a política, corremos o risco de minar as bases da democracia. A ideia de que dados e algoritmos podem fornecer soluções ótimas para problemas complexos desconsidera a necessidade de deliberação, negociação e compromisso, elementos fundamentais para a democracia.

Um ponto central na crítica de Morozov é a maneira como plataformas tecnológicas baseadas em dados pessoais, que foram inicialmente celebradas como ferramentas de

empoderamento e democratização, podem, na verdade, minar a democracia. Essas plataformas, ao coletar e analisar vastas quantidades de dados pessoais, possuem um poder sem precedentes sobre a vida privada dos indivíduos e sobre a economia.

Elas criam formas de vigilância e controle que podem ser usadas tanto por corporações quanto por governos para manipular comportamentos e decisões, enfraquecendo assim a autonomia individual e a soberania popular.

A centralização de poder nas mãos dessas plataformas tecnológicas tem implicações profundas para a estrutura econômica e política das sociedades contemporâneas. Empresas reconfiguram setores inteiros da economia, frequentemente em detrimento de regulamentos locais e dos direitos dos trabalhadores. A reestruturação econômica impulsionada pela lógica do solucionismo tecnológico pode exacerbar desigualdades e criar novos tipos de precariedade, colocando em risco a coesão social e a justiça. Essas mudanças muitas vezes ignoram ou até mesmo contradizem regulamentações locais, colocando o lucro acima do bem-estar coletivo.

Morozov (2018) também destaca o risco do desengajamento cívico que a crença no solucionismo tecnológico pode causar. A ideia de que soluções tecnológicas podem ser impostas de cima para baixo sem a participação ativa dos cidadãos pode levar a um enfraquecimento do engajamento político e social.

Sem uma crítica e uma regulação adequada, as plataformas digitais podem reforçar estruturas de poder existentes e criar formas de dominação. Para Morozov, é crucial que a sociedade recupere a capacidade de problematizar e debater coletivamente suas escolhas tecnológicas, reafirmando a primazia da política sobre a tecnologia.

Para sustentar suas críticas, Morozov recorre a uma ampla gama de exemplos e análises detalhadas. Ele menciona como as campanhas políticas modernas utilizam dados pessoais para segmentar eleitores e manipular opiniões. A capacidade de microsegmentação dos eleitores, baseada em dados pessoais, permite uma forma de manipulação política. Este uso intensivo de dados, muitas vezes sem o consentimento informado dos usuários, representa uma ameaça significativa à privacidade e à integridade dos processos democráticos.

Além disso, Morozov argumenta que a dependência excessiva de soluções tecnológicas pode levar a uma forma de determinismo tecnológico, onde se acredita que a tecnologia, por si só, pode determinar o curso da sociedade. O determinismo tecnológico ignora as complexas interações entre tecnologia, sociedade e política. Essa visão não só desumaniza os processos sociais e políticos, mas também desconsidera o papel ativo que os indivíduos e as comunidades devem desempenhar na construção de suas realidades.

No mesmo livro, Evgeny Morozov oferece uma crítica incisiva ao solucionismo

tecnológico e discute as implicações políticas e sociais do uso indiscriminado de tecnologia e dados. Morozov nos alerta sobre os perigos de confiar cegamente na tecnologia como solução para problemas complexos, defendendo a necessidade de uma abordagem mais crítica e participativa na implementação de soluções tecnológicas.

É fundamental refletir sobre as interseções entre tecnologia, sociedade e poder. As discussões apresentadas ao longo do capítulo revelam como a Teoria Crítica de Andrew Feenberg, a relação entre Internet e política, os impactos dos comentários na Internet e o capitalismo de vigilância moldam a maneira como a informação é disseminada e consumida. Feenberg nos alerta sobre a necessidade de uma abordagem crítica à tecnologia, sublinhando a importância de contextualizar suas implementações dentro de marcos sociais e políticos. Além disso, a Internet como ferramenta política tem mostrado tanto um potencial emancipador quanto um risco de manipulação, especialmente através dos comentários que podem influenciar a opinião pública e as dinâmicas sociais.

A análise crítica de Evgeny Morozov complementa essa discussão ao questionar a suposta ideia de que a tecnologia, por si só, pode resolver problemas complexos. Morozov nos alerta sobre o solucionismo tecnológico e os perigos da centralização de poder nas mãos de poucas empresas que dominam o fluxo de dados pessoais. Essa concentração não só ameaça a privacidade individual, mas também pode enfraquecer as bases da democracia.

A tecnologia deve ser vista não apenas como uma ferramenta neutra, mas como um campo de disputa onde valores democráticos e éticos devem ser rigorosamente defendidos.

CAPÍTULO 3– A DESINFORMAÇÃO ON-LINE

Na década de 1970, Philip Meyer publicou um livro chamado *Precision Journalism* no qual ele observava existir cada vez mais dados disponíveis no mundo, e que os jornalistas deviam transformá-los em informações importantes ao leitor. Não é o intuito dessa tese abordar a questão do jornalismo de dados, ou do jornalismo em si, mas o que é importante, a questão dos dados.

Percebe-se que não é de hoje a grande quantidade de dados disponíveis. Termos como Big Data são comuns, e isso se deve muito à profusão de informações (dados) que temos disponíveis no mundo e, em particular, na Internet/WEB. Porém, o foco do trabalho não será explicar o que são esses dados, nem tentar entender como são produzidos, mas discutir alguns fenômenos que surgiram por causa deles.

Questões como a desinformação on-line, as *fake news*, a pós-verdade, a enxurrada de dados e os engenheiros do caos vêm surgindo e impactando a sociedade de maneira geral. Em um mundo onde produzimos “dados” cada vez que acessamos a Internet e as redes sociais, o que esses fenômenos têm a nos dizer? Até que ponto um simples comentário em uma página de rede social pode ser um dado muito bem utilizado por um algoritmo?

3.1 – Desinformação, problema da atualidade

A desinformação não é algo novo, é um problema que atravessa os tempos. Ela está relacionada a diversas situações, como estratégicas de guerra, a política e até mesmo o social. É um termo que por vezes é empregado de forma equivocada, mas que se refere a um conglomerado de categorias que tem a função de distorcer a realidade.

Não tenho o intuito de realizar uma linha histórica sobre a desinformação, e por isso, começarei discutindo a sociedade do conhecimento. A crítica à Sociedade do Conhecimento feita por Carlos Paris em entrevista ao jornal *Crônica Popular*, em 2013, é basilar para o início da discussão do tema.

[...] esta época se le ha querido dar muchos nombres, como comento yo, entre otros, el de la época del conocimiento. Se habla de la sociedad del conocimiento, pero bueno, a mi modo de ver, no es muy exacto esto, puede inducir a error porque se incurre en interpretaciones idealistas. Parece que vivimos en un mundo del conocimiento y nos olvidamos de lo que es el trabajo físico, de lo que es la producción, de lo que son las necesidades, de lo que es todo el mundo material; pensamos como Descartes cuando decía: pienso, luego existo. Se ha hablado también de la época de la imagen. Esto me parece un poco más exacto, enhoporque, efectivamente, con los actuales medios de comunicación se puede decir que la imagen ha sido ensalzada hasta el punto de decir que una imagen vale más que mil palabras, a lo que se puede responder que una frase

suscita mil imágenes también (Paris, 2013, n.p.).

O autor afirma também que a sociedade do espetáculo terminou e que estamos em uma sociedade da mentira. E é esta sociedade que caracteriza nosso tempo. Cruz (2013), em entrevista com Carlos Paris, mostra a resposta do autor quando aborda que a mentira está presente em toda a História. Na sequência da entrevista, o autor fala sobre como as tecnologias de informação e comunicação contribuem para as mentiras

Lo que ocurre hoy día es que la mentira es mucho más fuerte por dos razones: en primer lugar, los medios de comunicación han alcanzado una potencia extraordinaria y estos medios como la tele, por ejemplo, que siguen teniendo tanta influencia en las mentalidades, solamente son accesibles (para lanzar mensajes) a quienes tienen mucho dinero Y, si vemos los canales que tenemos, que podemos ver en un aparato de televisión hoy en Madrid, la mayoría son reaccionarias y que transmiten unos mensajes completamente retrógrados. [...] Wiener decía en uno de sus libros que le preocupaba que el desarrollo de las técnicas de comunicación, tan potentes, cayera en manos de los poderosos que tendrían ganas de hacerse con ellas y entonces, en lugar de difundir la verdad, difundirían las noticias y las ideas que les convienen a estos sectores poderosos. Y ésta es una de las razones de que realmente hoy día la mentira tenga tanta fuerza, se difunde. (Paris, 2013, n.p.)

Em um ponto importante da entrevista, o autor nos mostra que a mentira não é mais necessariamente uma notícia enganosa, mas que ela já constitui o próprio corpo da nossa civilização.

Nunes e Teixeira (2020) afirmam que plataformas como o Facebook, o Instagram e o Twitter, entre outras, trouxeram à tona algo como uma [...] “pandemia da desinformação, já vivenciada no Brasil de maneira mais evidente desde meados de 2018, por ocasião das eleições presidenciais brasileiras, marcadas por notícias falsas e o uso robôs para disseminação de conteúdo malicioso no ambiente virtual” (Nunes; Teixeira, 2020, p. 40).

Temos, com isso, um ponto que é: se, por um lado, essas ferramentas e esses sites são importantes, pois nos trazem dados oficiais, como o avanço da doença, no caso da pandemia da covid-19, de estudos e de indicações de medidas de proteção; por outro, há um espaço que é propício para a disseminação de notícias falsas, ou descontextualizadas, que acabam por aumentar a desinformação da população.

Esse ponto, para os autores, vem à tona devido à questão da discussão sobre a liberdade de expressão e do volume de propagação que essas mensagens têm, por conta do uso de robôs nas redes sociais. “Discursos fundados em informações falsas percorrem rapidamente a Internet, chegando ao cidadão comum, fato preocupante que assume proporções maiores e repercussões alarmantes” (Nunes e Teixeira, 2020, p. 40). Por exemplo, o descumprimento das ordens de isolamento social, a utilização de medicamentos de maneira errônea, o acirramento de ideias e de ideologias na sociedade civil.

Outro ponto destacado por Nunes e Teixeira (2020) é a categorização das formas que essas desinformações têm e, com esse objetivo, eles trazem o trabalho de Nunes e Santana. Então temos uma classificação em: **pós-verdade, Fake News, Data Flood (enxurrada de dados), propaganda falsa, Social Spam e Deep Fake.**

Para ajudar no entendimento de cada classificação, utilizarei como base o a dissertação de Nunes (2020), que trata sobre a desinformação em rede. Vou começar as explicações sobre os termos na ordem em que eles estão descritos, sendo o primeiro a pós-verdade. Hoje, poderíamos dizer que estamos vivendo a era da pós-verdade, isto é, um “compartilhamento ininterrupto e indiscriminado de informações que transformam a Internet em um ambiente onde ‘inverdades’ se espalham com frequência e mais rapidamente do que os fatos” (Côrrea e Custódio, 2018, p. 2).

A pós-verdade ocorre mesmo em uma situação em que a pessoa que propaga a informação não tem o interesse de realizar a desinformação, ou seja, a pessoa, por não estar bem-informada sobre o assunto, ou não ter uma base conceitual a respeito dele, repassa o conteúdo baseada em achismo ou em sua própria crença.

O segundo ponto abordado foi o das *Fake News*, que poderíamos chamar de notícias falsas. É o conceito utilizado para explicar acontecimentos que vão se tornar estados de desinformação. Por vezes, é empregado de forma errada, uma vez que não é toda desinformação que é feita por meio da divulgação da notícia falsa, pois ela pode se apresentar de diversas formas.

As *Fake News* precisam ser entendidas como uma prática em que há “questões que envolvem a qualidade do conteúdo nas dinâmicas de busca e recuperação, dentre as quais estão as notícias e informações falsas ou semifalsas, a desinformação”. (Zattar, 2017, p. 286).

A disseminação das notícias falsas é feita de forma intencional e ganha espaço nas mídias sociais, uma vez que isso é feito com baixo custo. É preciso explicar que a *Fake News* é diferente da pós-verdade. Por vezes, os conceitos se aproximam e ambos têm a desinformação como objetivo final, porém, suas formas de ação são diferentes.

As notícias falsas estão relacionadas a um processo de criação e de disseminação de um conteúdo que não é verdadeiro, enquanto a pós-verdade é o comportamento de se colocar os fatos em segundo lugar e tecer opiniões e pré-conceitos em primeiro (Bezerra, Capurro e Schneider, 2017).

Na sequência, temos o *Data Flood*, que é uma forma hábil da promoção da desinformação. Ele acontece quando os usuários se deparam, cada vez mais, com os conteúdos desinformativos, e, por isso, aquele conteúdo fica cada vez mais familiar para ele, e mais “real”.

Graças ao *Data Flood*, ocorre uma disseminação seletiva (Frenda, Nichols, Loftus, 2011), pois lidamos com uma quantidade enorme de dados e informações, e não conseguimos manter na memória todos eles, mas somente os que são mais importantes para nós. Isso que se repete, também, com a notícia falsa. Com as diversas notícias falsas sendo divulgadas, pode ocorrer de uma notícia verdadeira ficar perdida no conteúdo.

O *Data Flood* tem uma tradução de enxurrada de dados, ou inundação de dados, e ocorre quando temos uma quantidade massiva de conteúdo sendo produzido e divulgado, deixando as pessoas “cheias” de informação (Kietzmann *et al*, 2011).

Temos agora o *Social Spam*. Trata-se de mensagens que contêm palavras de baixo calão, insultos, discursos de ódio, links suspeitos, entre outros detalhes. É possível tratar a *Social Spam* como a ação para espalhar conteúdo, de forma automatizada nas mídias sociais, com um alcance grande (Markines, Cattuti e Menczer, 2009). O *Social Spam* é muito utilizado devido ao seu baixo custo, à rapidez da disseminação da informação e à forma como consegue penetrar na mente das pessoas.

O fenômeno do *Social Spam* coloca a pessoa de frente para uma grande quantidade de informações, cuja maioria não é relevante para discussões e debates em diversos contextos, gerando uma desinformação, já que se torna difícil ter uma visão macro da situação.

O último termo é o *Deep Fake*. Trata-se das formas mais recentes de se disseminar desinformação. Não temos ainda uma tradução livre para o português, pois “O *software* de aprendizado de máquina que os permite surgiu apenas no final de 2017” (Fletcher, 2018, p. 457).

O *Deep Fake* viria a ser “vídeos produzidos de pessoas dizendo e fazendo coisas que nunca fizeram” (Fletcher, 2018, p. 455). É uma prática que coleta dados das feições de pessoas, das expressões, dos traços, por meio dos vídeos e fotos originais, e faz edições de alto nível, colocando outras imagens para modificar uma imagem inicial. A utilização do *Deep Fake* pode influenciar a opinião pública e gerar consequências graves, uma vez que, com uma edição bem-feita, é difícil determinar se é real ou não.

Um dos exemplos mais conhecidos é um vídeo do ex-presidente norte-americano Barack Obama em que ele fala sobre o filme *Pantera Negra* e critica Donald Trump. Embora pareça um discurso normal, a filmagem é falsa e o conteúdo da gravação nunca foi dito por Obama. Aliás, ele foi criado em um exercício idealizado pelo cineasta Jordan Peele para mostrar justamente o quanto essa tecnologia é perigosa. (Garret, 2020, n.p.)

Voltando à pós-verdade, é preciso ainda acrescentar que ela é um conceito novo, tendo sua ascensão acontecido em 2016, sendo escolhida a palavra do ano pelo Dicionário de Oxford.

É um fenômeno que tem mais força na Internet, principalmente nas redes sociais, uma

vez que é possível o compartilhamento de conteúdo de forma irrestrita. “Essas inverdades vêm ganhando um espaço cada vez maior no ambiente virtual, seja através da veiculação de notícias falsas, seja por meio das chamadas ‘pós-verdades’ (*post-truth*)” (Correa e Custódio, 2018, p. 198).

Com as redes sociais, a disseminação e o compartilhamento de informações falsas atingiram proporções que não eram possíveis de se imaginar. Essa questão aumenta a desinformação em massa, uma vez que a “montagem” e a produção das *fake news* são tão bem-feitas que o leigo lê achando que é uma notícia, quando, na verdade, ela só traz inverdades. Correa e Custódio (2018, 2018, p. 3) alertam que:

As fake news, assim como notícias carregadas de pós-verdades, ocupam diariamente as páginas de mídias sociais como Facebook, por exemplo, enunciando milhares de pessoas ávidas por conteúdos fáceis de digerir que se apresentam de forma colorida e em movimento que são compartilhados compulsivamente sem a devida checagem dos fatos e dos danos que esta ação pode suscitar (Correa; Custodio, 2018, p. 199).

É necessário lembrar que nem tudo é negativo. Santos (2020) afirma que a Internet, quando surgiu, foi considerada um instrumento capaz de potencializar a democracia, pois apresentava uma esfera pública que dava possibilidade de inclusão de um conjunto mais amplo de cidadãos ao debate político, aumentando a disponibilidade de informações e dando mais transparência aos governos.

Porém, voltando alguns anos atrás, mais especificamente em 2016, começa-se a verificar com força o lado “pior” da Internet. O plebiscito do Brexit e as eleições nos EUA ficaram marcados pela utilização das redes sociais, do WhatsApp e de informações falsas, como se vê a seguir, nos exemplos que a BBC apresenta sobre um artigo publicado na *The Economist*, de nome: “Arte das mentiras: política pós-verdade na era das mídias sociais”.

O artigo citava como exemplo de “política pós-verdade” a informação disseminada na campanha pelo Brexit de que a permanência da Grã-Bretanha na União Europeia “custava 350 milhões de libras por semana aos cofres públicos” e que o dinheiro – após a eventual saída do bloco – seria destinado ao serviço público de saúde. Para a revista, o candidato (e depois presidente eleito dos EUA) Donald Trump seria “o expoente máximo da política pós-verdade”, graças a afirmações como as de que o certificado de nascimento de Barack Obama seria falso, ou de que o pai de seu rival republicano Ted Cruz teria estado com Lee Harvey Oswald antes do assassinato de John Kennedy, replicando uma história não comprovada publicada por um tabloide americano. (BBC, 2016, n.p).⁶

Em 2022, as redes sociais foram muito utilizadas. Antes entrávamos para buscar os jornais e revistas costumeiros, e, aos poucos, conhecíamos novas pessoas. Hoje, pessoas que antes eram desconhecidas ficam muito populares de maneira rápida. Grupos políticos em

⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-3799816>

manifestações, pensadores, influenciadores digitais. Para alguns a diferença entre redes sociais e Internet é até confusa, uma vez que as “redes sociais sugaram, como um grande buraco negro, quase toda a Internet. Transformaram-se em porta de entrada na Internet para a maior parte das pessoas e na própria Internet para muitas dessas pessoas” (Santos, 2020, p. 225).

Se as redes sociais inicialmente permitiram maior interação, possibilitaram as conversas com diversas pessoas de diversos lugares e um mundo de amigades, temos, também, hoje, uma navegação que nos guia por algoritmos. Desta forma, acabamos recebendo informações e avisos de grupos específicos, e recebendo publicidades específicas.

Com as redes sociais, a informação “disponível passou a ser mais apurada, pois passaram a existir gigantescos bancos de dados que permitem cruzamentos de informações que revelam muito sobre os indivíduos” (Santos, 2020, p. 225). Tudo o que fazemos se transforma em dados, e “antes das redes sociais, a publicidade nos atingia como quem atira com um canhão. Agora, ela nos atinge com punhal certo” (Santos, 2020, p.226).

3.2 – Aqueles que arquitetam o caos e os impactos na sociedade

Para continuar o debate, discutirei agora sobre os *Engenheiros do caos*, livro de Giuliano da Empoli. Na obra, existem alguns personagens centrais. O primeiro, Steve Bannon, que, para muitos, foi uma espécie de guru para diversos políticos da direita, como o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Outro ator seria Milo Yannopoulos, um blogueiro inglês que transformou o politicamente correto em alvo de contestação, fazendo com que ser de direita fosse algo como ser contra o *status quo*. Por fim, temos Arthur Finkelstein, que é conselheiro de Viktor Orban, primeiro-ministro da Hungria.

A lógica desses três “engenheiros” e das criaturas surgidas graças a eles é a dos algoritmos que animam as redes sociais. Eles não querem consensos, acordos, mas desejam a polarização. Eles objetivam explorar a cólera, sem se preocupar com a coerência e com as consequências. Seus aprendizes seguem esse estilo e apostam nessa nova forma.

Nessa nova forma de política, não há preocupação ou compromisso com a coerência, com os fatos, com os estudos. O que existe é a instigação das emoções mais afloradas, principalmente do ódio, da ira, e, a partir disso, radicalizar e canalizar os sentimentos.

Em um passado recente, diversos grupos já se utilizavam da criação de um inimigo real ou imaginário, que, graças às novas tecnologias, tornavam possível executar a estratégia. Com as redes sociais, temos um terreno perfeito para a realização de tal ação. Os algoritmos auxiliam nessa nova empreitada: quanto mais sensacionalismo, e mais compartilhamentos, melhor.

O filme *O acusado*, disponível no catálogo do canal de *streaming* Netflix, é um excelente exemplo contemporâneo da criação de um inimigo real para sustentar narrativas e fomentar divisões sociais. A trama segue a história de Harri, um adolescente de 17 anos, acusado de assassinar uma colega de escola. O filme explora como, diante de um crime chocante, a comunidade e os meios de comunicação rapidamente constroem a figura de um culpado, mesmo antes do julgamento com provas.

Essa narrativa se entrelaça com a forma como as redes sociais amplificam sensacionalismos e moldam a opinião pública. Os algoritmos das redes sociais favorecem conteúdos emocionantes e polêmicos, levando ao rápido espalhamento de informações muitas vezes enviesadas ou falsas. No caso de Harri, a pressão midiática e as redes sociais contribuem para a formação de um vilão coletivo, explorando medos e preconceitos latentes na sociedade.

O filme destaca a fragilidade da verdade em um mundo onde as redes sociais têm um papel central na construção da realidade. Ao assistir a *O acusado*, fica evidente como a tecnologia pode ser manipulada para criar inimigos e moldar narrativas, frequentemente de forma irresponsável e prejudicial.

No livro *Engenheiros do caos*, o terceiro capítulo é “Waldo conquista o mundo”. Waldo é um episódio da série *Black Mirror*, também disponível no canal de *streaming* Netflix. *Black Mirror* é uma série de ficção científica centrada em temas obscuros e satíricos que examinam a sociedade moderna, particularmente a respeito das consequências imprevistas das novas tecnologias.

Se em outras distopias, como o romance *Ensaio sobre a cegueira* (Saramago, 2014), a humanidade está imersa em um totalitarismo, em *Black Mirror* (na maioria das vezes) tudo funciona, os cenários são harmoniosos, os sistemas são democráticos. E é nesse cenário que acontece um processo eleitoral como fio condutor. No episódio que foi ao ar pela primeira vez em 2013, Waldo é um urso sem proposta, sem partido político, que faz sucesso graças a piadas preconceituosas, ataques e ridicularizações de pessoas públicas. Ao chegar ao espaço da política, ele move sua candidatura com base em discursos contra políticos, no descrédito às instituições democráticas e no gosto pelo escárnio e pela violência como forma de entretenimento.

Mesmo não ganhando as eleições, Waldo faz um espetáculo de entretenimento a fim de deslegitimar e esvaziar o processo político-democrático sob promessa de ser original, antissistêmico e contra-hegemônico.

Empoli (2019) nos mostra que os estudos afirmam que as redes sociais tendem a exacerbar os conflitos, radicalizar os tons, e até mesmo ser um vetor de violência.

O Waldo de *Black Mirror* não é nada mais que a tradução política das redes sociais. Uma máquina temível que se nutre de raiva e tem como único princípio o engajamento de seus partidários. O importante é alimentá-la permanentemente com conteúdos “quentes”, que suscitam emoções. [...] Mas, apesar das proezas acumuladas pelos engenheiros do caos, a verdadeira vantagem competitiva de Waldo não é de caráter técnico. Ela reside na natureza de conteúdos nos quais se baseia a propaganda populista. A indignação, o medo, o preconceito, o insulto, a polêmica racista ou de gênero se propagam nas telas e proporcionam muito mais atenção e engajamento que os debates enfadonhos da velha política. (Empoli, 2019, p. 50-52)

Waldo ganha popularidade através de suas piadas ofensivas e ataques diretos a figuras públicas. Esse sucesso inicial nas redes sociais e na televisão exemplifica como a Internet pode amplificar vozes e comportamentos extremos, favorecendo conteúdo que provoca reações emocionais intensas. Sem propostas políticas reais, Waldo capitaliza na frustração e no cansaço do público para com o *status quo* político, tornando-se um fenômeno viral.

A influência da Internet e das redes sociais na política moderna é significativa. Plataformas como Facebook, X (antigo Twitter) e YouTube são projetadas para maximizar o engajamento, frequentemente priorizando conteúdo sensacionalista e polarizador. Esse ambiente cria um terreno fértil para personagens como Waldo, que utilizam a provocação e o escárnio para captar a atenção do público. A natureza viral dessas plataformas permite que tais figuras cresçam rapidamente, muitas vezes sem a necessidade de uma base ideológica ou de propostas substanciais, apenas baseando-se na capacidade de entreter e provocar.

O impacto desse fenômeno não se limita ao entretenimento, mas também tem sérias implicações para a democracia e o discurso público. Ao deslegitimar as instituições democráticas e promover a violência verbal como forma de comunicação, figuras como Waldo minam a confiança pública nas estruturas políticas tradicionais. Isso pode levar a um ambiente onde a política é vista mais como um show de entretenimento do que como um processo sério de tomada de decisões, prejudicando a capacidade de uma sociedade de lidar com questões complexas e de encontrar soluções coletivas para seus problemas.

Em última análise, a Internet, com seu poder de amplificação, pode tanto enriquecer o discurso democrático quanto corroê-lo, dependendo de como é utilizada e das mensagens que promove.

Hoje preferimos ter diálogos e realizar a leitura de publicações que são mais próximas, como textos, imagens e vídeos que estejam de acordo com nossos gostos, preceitos e ideologia, ou seja, tendemos a ler aquilo que nossos “pares” escrevem. Tendemos a trocar maiores informações com nossos próximos, e não com os diferentes, e, aí, criamos “bolhas”, pois convivemos com as pessoas que pensam de forma singular, procuramos comunidades em que nos sentimos “entre amigos”.

Essa questão das bolhas é grave, mas é apenas um dos problemas que aparecem nas redes, sendo o principal a utilização dos dados. Nesse ponto, Santos traz um exemplo da eleição de Trump:

Na campanha de Trump, em 2016, essa publicidade dirigida foi a grande diferença em relação a campanhas anteriores e em relação à campanha de sua adversária. Como é bastante conhecido, houve um vazamento gigante de dados de mais de 80 milhões de usuários do Facebook nos Estados Unidos (Isaak; Hanna, 2018). Esses dados que vazaram foram usados pela empresa Cambridge Analytica, para direcionar o discurso ao perfil do público. (Santos, 2020, p. 226)

Não podemos deixar de falar também da gravidade da desinformação *on-line*. O crescimento massivo das notícias falsas coloca em xeque o próprio sistema democrático, pois

As posições políticas que são mais eficientes no uso profissional da mentira estruturada têm uma postura populista e usam um discurso antissistema, mesmo que suas políticas econômicas, quando no poder, sejam estreitamente associadas ao grande capital.” (Santos, 2020, p. 226)

Os “engenheiros do caos” estão conscientes dessa nova forma política. Uma vez liberada a cólera, é possível construir qualquer tipo de operação política. Com um sistema de capitalismo de vigilância ativo, no qual informações viram dados para as empresas, há “engenheiros” à espera delas, para poder fazer o jogo político. Estamos diante do ódio, das informações e dos algoritmos. Cabe a nós sabermos jogar o jogo.

3.3 – Algoritmos, Internet e a câmara de eco

Trato agora de uma temática que está presente no nosso cotidiano, mesmo que por vezes não a percebamos. Vou discutir o que são os algoritmos. É possível dizer que os algoritmos são rotinas logicamente encadeadas, ou que os algoritmos podem ser compreendidos como um conjunto de instruções introduzidas na máquina a fim de resolver um problema definido.

Goffey (2008) afirma que os “algoritmos fazem coisas, e sua sintaxe incorpora uma estrutura de comando para permitir que isso aconteça” (Goffey, 2008, p.17). Em geral, os algoritmos vão expressar uma solução computacional em termos das condições lógicas partindo de estruturas de controle, o que quer dizer, de estratégias para resolver um problema. Quando lemos assim, podemos associar os algoritmos a tarefas simples, que é o que ocorre também, porém, eles podem ser utilizados em outros cenários que vão demandar mais complexidade.

Vivemos em uma sociedade caracterizada pelo uso intensivo de *softwares*, de *smartphones* e de aparelhos tecnológicos, e que recebeu diversas denominações, como Sociedade em Rede, pelo teórico Manuel Castells, e Sociedade da Informação por Machlup. A

intensa utilização desses recursos implica também na disseminação dos algoritmos.

Celulares, tablets, smart TVs, veículos, semáforos inteligentes, mecanismos de busca na web, sistemas de aprovação de crédito bancário, entre tantos outros exemplos corriqueiros, todos esses dispositivos indicam a crescente presença dos algoritmos em nosso convívio. A paisagem sociotécnica está repleta de algoritmos, graças a seu enorme sucesso e eficácia em nossas relações sociais, econômicas e políticas (Silveira, 2017, p. 268).

Segundo dados de 2019, há mais de cinco bilhões de aparelhos celulares utilizados no mundo, aparelhos que acabaram se tornando uma extensão de grande parte da população. Teóricos, como Harari (2018), afirmam que a humanidade está diante de alguns desafios, como lidar com a ascensão de novas tecnologias, redes sociais e seus impactos na sociedade.

E com essa grande utilização da Internet e das redes sociais, o grande compartilhamento de dados estimulado por toda a Internet acaba sendo feito pelo usuário sem grandes hesitações.

Um exemplo cotidiano de como os algoritmos agem para influenciar escolhas individuais é o sistema de sugestões de música, filme, vídeo, ou os filtros de conteúdos utilizados na Internet, e até mesmo a mídia direcionada. Ao escolher um filme, ou indicar quais estilos você gosta ou tem interesse, você está fornecendo dados. Dados que serão coletados, extraídos, analisados, processados e tratados.

Porém, não há apenas os algoritmos simples, há também os inteligentes. Ambos irão comparar e tratar informações de diversos formatos a todos os momentos.

A principal diferença entre eles é que, enquanto os algoritmos são códigos computacionais escritos para resolver problemas específicos, os algoritmos inteligentes – sejam eles chamados de inteligência artificial ou machine learning – são programados para solucionar problemas. (Meireles, 2021, p.29)

Ou seja, os algoritmos podem desempenhar um papel simples, como fechar um trabalho, mas também podem ter um trabalho complexo, quando suas consequências vão incidir de forma direta na sociedade. Se no início tínhamos tratamento de dados pessoais, onde o foco era o indivíduo, hoje, a grande quantidade de dados pode nos fazer compreender populações, comportamentos.

Vou tentar explicar melhor através de exemplos de como a inteligência dos algoritmos, ou a inteligência da máquina, pode ser usada em cenários existentes que despertam debates. Para tal, vou me utilizar do trabalho de Bastos, Figueiredo e Couto (2020), que abordam como a Cambridge Analytica pode se enquadrar nisso.

Como já vimos, a Cambridge Analytica é uma empresa de análise e coleta de dados que se envolveu em um escândalo por utilizá-los para elaborar uma comunicação estratégica para o processo eleitoral. A polêmica se deu porque, desse modo, tornou-se muito mais fácil conseguir

imprimir o perfil do eleitorado, haja vista que as preferências pessoais demonstradas pelos compartilhamentos e acessos demonstram, inclusive, tendências políticas.

Um acadêmico da Cambridge Analytica, chamado Aleksandr Kogan, atuante da Universidade de Cambridge, criou um aplicativo chamado *thisisyourdigitallife*, que tinha como principal objetivo desenvolver pesquisas acadêmicas. Nesse sentido, o aplicativo coletava informações privadas dos perfis de 270 mil usuários, com seu consentimento, o que até então era permitido e estava de acordo com os termos de uso do Facebook (Martí, 2018). Apesar da Cambridge Analytica ter negado veementemente que utilizou os dados que adquiriu nas eleições estadunidenses de 2016 e na campanha de apoio ao Brexit 5, ficaram claras as intenções da companhia em ambas as situações (Bastos, Figueiredo, Couto, 2020, p.178).

Ainda nessa discussão, é importante ressaltar que, no início, as plataformas midiáticas e digitais eram vistas como instrumentos de armazenamento de dados e facilitadores de comunicação, porém, elas acabaram por se tornar um “emaranhado confuso de geopolítica, finança global, consumismo desenfreado e acelerada apropriação corporativa dos nossos relacionamentos mais íntimos”, conforme aponta Evgeny Morozov (2018, p. 7).

Para continuar a discussão, é preciso retornar a questão do capitalismo de vigilância, que fizemos anteriormente. Zubof (2019) vai nos trazer que a atual geração é refém de uma estrutura de poder que é complexa, de dominação e de vigilância operada a partir dos algoritmos. Para Meireles, “O ponto em questão é que não se trata de uma vigilância verticalizada, realizada por parte do Estado, ou por corporações de tecnologia, mas de um monitoramento automatizado realizado por algoritmos inteligentes” (Meireles, 2021, p.37).

Porém, é importante o debate sobre especificidades que se relacionam a uma mídia direcionada, ou seja, que se diferencia daquela relativa aos meios de comunicação de massa. Essa variação de mídia pode aprofundar um poder, ou pode ampliar um autodeterminismo.

As redes sociais, hoje, dão aos usuários a possibilidade de serem curadores do seu próprio conteúdo. Ou seja, as pessoas (e até mesmo antes da Internet, de forma mais tímida) podem buscar de forma mais fácil e rápida evidências sobre aquilo em que já acreditam e, com isso, vão se aproximando de pessoas com pontos de vista semelhantes aos seus. O usuário em sua bolha só lê e fica em contato com aquilo que quer. Esse não é um fenômeno novo, mas que foi reforçado graças à “câmara de eco”.

Tocamos em um tema novo e polêmico, que é o da câmara de eco. Por isso, começo pelo que seria esse conceito. Para tal, utilizo o artigo de Ferreira e Rios (2017) como base. Nele, os autores trabalham com a questão do filtro bolha, da câmara de eco e da formação de opiniões. No nosso caso, iremos dar o destaque à câmara de eco. Os autores mostram que, segundo Jasyn,

Waggle e Fisher (2015, p.1), a câmara de eco “é uma formação na rede social que transforma o modo no qual a informação é transmitida e interpretada pelos atores”. Jasyn, Waggle e Fisher abordam que o fenômeno é dividido em duas partes: na primeira, a informação sofre um eco, ou seja, há a repetição daquilo que a pessoa já acredita. Nesse caso, o eco vai agir como confirmação, ou seja, a informação vai ganhar credibilidade ao passo que o indivíduo vai escutando/lendo por diferentes fontes, mesmo que essas fontes tenham seguido a informação de uma fonte única.

A câmara de eco também é um espaço onde se forma o eco, ou seja o espaço preciso para o eco se formar. Para que a câmara de eco ocorra, é necessário ter ao menos três pessoas, porque é preciso que uma repita o que outra fonte já disse.

As redes sociais, assim como os mecanismos de busca, vão se utilizar dos algoritmos para manter os internautas dentro da bolha. (Pariser, 2011). “Assim, esses ambientes são câmaras perfeitas para gerar infinitos ecos de informações. Encontramos não a diversidade de ideias e opiniões que realmente há, mas é selecionado apenas aquilo que nos agrada e convém” (Ferreira, Rios, 2017, p. 5). Ou seja, temos um mundo que funciona exatamente como queremos.

Já Pentland (2013) vai nos mostrar que a diversidade de pontos de vista é importante e fundamental, e que sem a multiplicidade das visões seria difícil encontrar soluções para diversos problemas. “O aprendizado social só se dá efetivamente quando cada indivíduo tem diferentes informações. Entretanto, o crescimento do conhecimento e o desenvolvimento da sociedade fica comprometido quando ocorre o fenômeno da câmara de eco” (Ferreira, Rios, 2017, p. 5).

A câmara de eco traz diversas consequências, e uma delas é o crescimento de indivíduos com uma mesma opinião e que nesse meio, acaba por se proliferar ideais extremistas, e até mesmo negacionistas, colocando em xeque a democracia, a diversidade de dados científicos, materiais de mídias tradicionais, e até mesmo a credibilidade das vacinas.

CAPÍTULO 4 - A PANDEMIA DA COVID-19

Antes de adentrarmos nos detalhes específicos sobre a Covid-19, é crucial entender o que caracteriza uma pandemia, porque é importante tratar dessa temática e o que torna a pandemia da Covid-19 única e diferente de outras ocorridas no passado.

Ao contrário de epidemias, que são limitadas a uma área geográfica específica, as pandemias têm um alcance global e podem causar impactos significativos na saúde pública, economia e vida social. Exemplos históricos de pandemias incluem a peste bubônica, a varíola, a cólera, a gripe espanhola, entre outras.

Estudar pandemias é fundamental para compreender a dinâmica de propagação de doenças infecciosas em escala global, desenvolver estratégias de prevenção e controle e preparar respostas eficazes para futuras emergências sanitárias. As pandemias desafiam sistemas de saúde, governos e sociedades, exigindo uma coordenação internacional e a implementação de medidas drásticas para mitigar seus efeitos.

A pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, surgiu em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, e rapidamente se espalhou pelo mundo. O que torna a pandemia de Covid-19 particularmente distinta são alguns fatores:

- A Covid-19 se espalhou de forma extremamente rápida devido à alta taxa de transmissão do vírus e à globalização, que facilitou a movimentação de pessoas e bens entre diferentes países e continentes;
- Além dos impactos na saúde, a pandemia afetou profundamente a economia global, causando recessões e alterando drasticamente o mercado de trabalho e as práticas comerciais;
- A resposta à Covid-19 foi marcada por um esforço científico bem elevado. O desenvolvimento e a distribuição de vacinas em tempo recorde, a utilização de tecnologias como inteligência artificial para rastreamento de contatos e predição de surtos, e a rápida disseminação de informações (e desinformação) pela Internet destacam a complexidade dessa pandemia.
- A pandemia também evidenciou o papel crítico da comunicação e da informação. A disseminação de notícias falsas e teorias da conspiração complicou os esforços de saúde pública e destacou a necessidade de uma comunicação clara e confiável em tempos de crise.

Compreender esses aspectos é essencial para analisar a pandemia de Covid-19 de forma

abrangente e para discutir suas implicações na saúde pública, na sociedade e na economia global. Nos tópicos seguintes, explorarei mais detalhadamente a natureza da Covid-19, a relação entre a pandemia e a desinformação, e os efeitos da contextualização realizada.

4.1 – A COVID-19

Em março de 2020, a OMS – Organização Mundial da Saúde, atribuiu ao SARS-CoV-2, conhecido como Covid-19, a categoria de pandemia. Para definir o que é a Covid-19, vou me ater à definição dada pelo site do Governo Federal:

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovirus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo o homem, camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente os coronavírus de animais podem infectar pessoas e depois se espalhar entre seres humanos como já ocorreu com o MERS-CoV e o SARS-CoV-2. Até o momento, não foi definido o reservatório silvestre do SARS-CoV-2. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021, n.p)

Agora faço uma pequena linha do tempo para sua melhor compreensão. Para tal, utilizo como base o site da Organização Pan Americana de Saúde – PAHO⁷. Foi em 31 de dezembro de 2019 que a OMS (Organização Mundial da Saúde) foi alertada sobre diversos casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, que fica na China. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus, uma nova cepa, que não havia sido identificada antes em humanos.

Foi uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, que as autoridades chinesas confirmaram ter identificado um novo tipo de coronavírus. Ele é a segunda principal causa do resfriado, e até há pouco tempo raramente causava doenças mais graves nos humanos, além do resfriado comum.

Ao todo, sete tipos de coronavírus humanos (HcoVs) já foram identificados, são eles:

HcoV-229E, HcoV-OC43, HcoV-NL63, HcoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19 (Paho, 2022, n.p).

No dia 30 de janeiro de 2020, a OMS deu alerta de Emergência de Saúde Pública de

⁷ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>

Importância Internacional (ESPII), que é o mais alto nível de alerta de Organização, de acordo com o Regulamento Sanitário Internacional. Com essa decisão, a OMS tinha o objetivo de aprimorar a coordenação, a cooperação global a fim de parar a propagação do vírus. “É a sexta vez na história que uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional é declarada.” (Paho, 2022, s.p)

No dia 11 de março de 2020, a OMS caracterizou a Covid-19 como pandemia, o que significava ter reconhecido que existia um surto de casos em diversos locais do mundo.

Logo, o mais importante seria reduzir o risco à exposição do vírus e se proteger. Para isso foi necessário seguir cuidados como se isolar de outras pessoas, higienizar constantemente as mãos e deixar os ambientes ventilados, principalmente antes de a vacina ser disponibilizada no Brasil.

Adiantando um pouco a linha histórica, indo para 2021, em 26 de novembro, a OMS declarou a variante da Covid-19, B.1.1.529 como variante de preocupação, a chamada ômicron. Entre as variantes, destacamos algumas: Alfa, Beta, Gama e Delta.

Quanto mais o vírus da Covid-19 ficasse em circulação, o que aconteceria através da movimentação das pessoas, mais oportunidades ele teria de sofrer mutações. O protocolo de cuidados precisava ser mantido, e, neste momento, principalmente a vacinação contra a Covid-19, com todas as doses necessárias no esquema de vacinação.

A pandemia de Covid-19 teve um impacto profundo e diverso na sociedade mundial. Além das implicações diretas na saúde pública, as consequências econômicas, sociais e psicológicas também foram consideráveis. As medidas de distanciamento social, as quarentenas e os lockdowns impostos para conter a propagação do vírus alteraram radicalmente o cotidiano das pessoas, causando mudanças nos padrões de trabalho, educação e interação social.

Na área da saúde, podemos dizer que pandemia sobrecarregou sistemas médicos em todo o mundo. A corrida pelo desenvolvimento de vacinas foi um marco histórico, resultando na criação e distribuição de várias vacinas eficazes em um período sem precedentes. As vacinas da Pfizer-BioNTech, Moderna, AstraZeneca, Johnson & Johnson e outras provaram ser instrumentos cruciais na luta contra a Covid-19, ajudando a reduzir significativamente a mortalidade e a gravidade dos casos.

O impacto econômico da pandemia também foi grande. Muitos países enfrentaram recessões duras, como o desemprego e o fechamento de negócios. Setores como turismo, aviação, entretenimento e hospitalidade foram especialmente afetados. Governos ao redor do mundo implementaram pacotes de estímulo econômico e políticas de alívio para mitigar esses impactos, embora a recuperação econômica ainda esteja em andamento e varie entre diferentes

regiões e setores.

Socialmente, a pandemia trouxe à tona as desigualdades existentes. A pandemia também destacou a importância da solidariedade comunitária e da cooperação internacional. Iniciativas de apoio mútuo surgiram em muitas comunidades, e a colaboração entre cientistas e governos foi crucial para a rápida resposta à crise.

A educação foi outro setor profundamente impactado, com milhões de estudantes enfrentando interrupções em sua aprendizagem devido ao fechamento de escolas e à transição para o ensino remoto. Esta mudança acelerou a adoção de tecnologias digitais na educação, mas também ressaltou a desigualdade no acesso a recursos tecnológicos e à Internet.

Do ponto de vista psicológico, a pandemia teve um impacto significativo na saúde mental das pessoas. O isolamento social, o medo do contágio, a perda de entes queridos e a incerteza econômica contribuíram para um aumento nos casos de ansiedade, depressão e outras condições de saúde mental. Serviços de saúde mental foram estendidos para lidar com essa crescente demanda, e muitas organizações adotaram soluções de telemedicina para fornecer suporte psicológico.

À medida que o mundo continua a lidar com as consequências da pandemia, uma lição fica clara: a necessidade de estar mais bem preparado para futuras emergências de saúde pública. Isso inclui não apenas a capacidade de resposta rápida a surtos, mas também a construção de sistemas de saúde resilientes, o fortalecimento da cooperação internacional e o investimento contínuo em pesquisa e desenvolvimento científico.

A pandemia de Covid-19 sublinhou a interconexão do mundo moderno e a importância de abordagens coordenadas e abrangentes para enfrentar desafios globais. Embora o caminho para a recuperação seja longo, as lições aprendidas durante esta crise podem ajudar a moldar um futuro mais resiliente e preparado.

4.2 – A pandemia da Covid e da desinformação

O que foi discutido até o momento mostra que o Covid-19 é uma questão sanitária e de saúde em nível mundial e que deveria ser enfrentada como tal. Porém, além disso, ela se tornou um problema de cunho informacional também, com certa influência da Internet, em especial das mídias digitais.

Posso até falar que tivemos e ainda temos que lutar contra a propagação da Covid-19 e contra a desinformação das informações. As redes sociais digitais como Facebook, Instagram, sites como Youtube, e aplicativos como WhatsApp tiveram grande influência.

O cenário de desinformação não é algo específico da Covid-19, já houve casos relacionados à política e a diversos outros assuntos, e que vem assolando a sociedade de maneira geral.

O problema da desinformação por meio on-line a respeito da Covid-19 foi quase uma pandemia também, porque não foi algo restrito apenas ao Brasil. Diversos países enfrentaram problemas para conscientizar a população sobre a importância da vacinação. Um exemplo foi um vídeo em que o então primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, aparece desmentindo desinformações acerca das vacinas no país. No vídeo, o *premier* israelense contrapõe com negacionistas e rebate boatos sobre vacina contra a Covid-19⁸.

Para se ter uma noção, em uma matéria da Rede Globo⁹, o Brasil é líder no consumo de notícias on-line na América Latina, de acordo com dados da Comscore, uma consultoria americana de análise de mídias. Segundo a reportagem, 96% dos usuários brasileiros consomem conteúdos jornalísticos nos dispositivos eletrônicos. “Os hábitos dos leitores durante a pandemia os levaram a voltar a atenção para o consumo de notícias e isso evidenciou ainda mais a importância de boas fontes de informação”, afirma Ingrid Veronesi, diretora sênior da Comscore no Brasil. (GLOBO, 2022, n.p).

No dia 26 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso do Coronavírus no Brasil, e para termos ideia:

nas primeiras 48 horas após o anúncio oficial, o debate sobre a nova epidemia já atingia a marca de mais de um milhão de twitters no país, de acordo com levantamento apresentado pela Fundação Getúlio Vargas (2020). Iniciava-se ali os alertas sobre as dificuldades de enfrentamento da doença ante ao impacto negativo que a presença das notícias falsas, questão não superada pelo Brasil, poderia trazer, nas repercussões sobre a doença, modos de prevenção, tratamento e métodos de curas. O enfrentamento de uma doença dessa magnitude torna-se bastante precário em um ambiente onde as informações são fabricadas a partir de opiniões ou mentiras, desviando a atenção e adesão da sociedade em relação as medidas de cuidado e prevenção ao contágio do vírus. (Nunes e Teixeira, 2020, p.45)

Ou seja, em alguns dias a disseminação de notícias falaciosas sobre a Covid-19 tomou conta da Internet. Em um artigo no site da Unesco¹⁰, encontra-se o termo Desinfodemic, algo que em uma tradução direta seria como desinfodemia, Em uma tradução rápida: “A desinformação do Covid-19 cria confusão sobre a ciência médica com impacto imediato em todas as pessoas do planeta e em sociedades inteiras. É mais tóxica e mais mortal do que a

⁸ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/pare-com-as-fakes-news-diz-netanyahu-em-video-que-esclarece-boatos-sobre-vacina-contracovid-19-1-24900999>

⁹ Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/redebahia/noticia/brasil-possui-consumo-de-noticias-online-maior-do-que-a-media-global-aponta-pesquisa.ghtml>

¹⁰ Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/disinfodemic/brief1#>

desinformação sobre outros assuntos. É por isso que este resumo de política cunha o termo “desinfodemia” (Posseti e Bontcheva, 2022, n.p).

A desinformação ligada à Covid-19 é um fenômeno generalizado que atinge diversos países e leva à grande letalidade, uma vez que prejudica orientações acerca de tratamento, cuidados e da saúde de uma maneira geral.

O resultado é que a desinformação relacionada ao COVID-19 afeta todo o conteúdo, incluindo sobre: origem, propagação e incidência da doença; sintomas e tratamentos; e respostas de governos e outros atores. Ao contaminar a compreensão pública da pandemia e seus efeitos, a desinformação do COVID-19 aproveitou uma ampla gama de formatos. Muitos foram aprimorados no contexto de campanhas anti-vacinação e desinformação política (Posseti e Bontcheva, 2022, n.p).

A discussão acerca da desinfodemia, como se pode observar, é importante, uma vez que parte da população acredita nas desinformações, e muitas pessoas acabam por procurar informações na Internet e nas redes sociais. Se por um lado a Internet e as redes sociais são muito importantes para se obter informações, dados e conteúdo sobre diversos assuntos, como por exemplo os relacionados à Covid-19, por outro lado é um espaço para a disseminação de notícias falsas ou descontextualizadas que vão contribuir para um sistema de desinformação.

Utilizando-se do argumento da liberdade de expressão e contando com o apoio e capacidade de disseminação em volume propiciado pelo uso de robôs nas redes sociais, discursos fundados em informações falsas percorrem rapidamente a Internet chegando ao cidadão comum, fato preocupante que assume proporções maiores e repercussões alarmantes, como a morte de milhões pelo descumprimento das ordens de isolamento social, a utilização de medicamentos de forma inadequada, pânico ou até mesmo o acirramento das disputas na sociedade civil (Nunes e Teixeira, 2020, p 40).

Durante a pandemia de Covid-19, a desinfodemia se tornou um fenômeno especialmente prejudicial. Informações falsas sobre a origem do vírus, métodos de prevenção e tratamentos ineficazes proliferaram, causando confusão e medo entre a população. Teorias da conspiração ganharam força, minando a confiança pública nas autoridades de Saúde, dificultando os esforços para controlar a pandemia.

As consequências da desinfodemia são significativas e variadas. A propagação de desinformação pode levar à adoção de práticas prejudiciais, como o uso de tratamentos sem eficácia comprovada ou a rejeição de medidas preventivas. Além disso, a desconfiança nas instituições de saúde pública pode dificultar a implementação de políticas eficazes e a adesão da população às recomendações médicas, exacerbando a crise sanitária.

Para combater a desinfodemia, é necessário promover a alfabetização midiática entre a população, ensinando as pessoas a identificar e avaliar criticamente as fontes de informação. Verificar a veracidade das informações antes de compartilhá-las, confiar em fontes oficiais e

científicas e estar ciente das estratégias utilizadas para disseminar desinformação são passos fundamentais. Organizações de checagem de fatos e plataformas de mídia social também desempenham um papel importante, ao identificar e sinalizar conteúdos falsos, educando o público sobre a importância da informação verificada.

Além disso, a cooperação internacional é essencial para enfrentar a desinfodemia, visto que a desinformação não respeita fronteiras. Governos, organizações não governamentais e instituições de saúde global devem trabalhar juntos para desenvolver estratégias eficazes de comunicação e combate à desinformação, garantindo que informações precisas e baseadas em evidências sejam amplamente disponíveis e acessíveis.

A desinfodemia é um desafio significativo no contexto das crises globais modernas. Combatê-la exige um esforço conjunto e contínuo para promover a alfabetização midiática, fortalecer a confiança nas instituições de saúde e garantir que informações precisas e confiáveis prevaleçam. Só assim poderemos mitigar os danos causados pela desinformação e proteger a saúde e o bem-estar da população global.

Para ilustrar o que estou discutindo acerca de desinformação e Covid-19, trago alguns exemplos de *fake news* relacionadas à Covid-19. Conduzido pelas pesquisadoras da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) Claudia Galhardi e Maria Cecília de Souza Minayo, um estudo identificou as principais *fake news* relacionadas à Covid-19, recebidas pelo aplicativo Eu Fiscalizo, entre março e maio de 2020.

A primeira etapa da pesquisa, que fez um balanço das denúncias de notícias falsas recebidas entre 17 de março e 10 de abril, revela que 65% delas ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio da Covid-19, 20% mostram métodos caseiros para curar a doença, 5,7% se referem a golpes bancários, 5% fazem menção a golpes sobre arrecadações para instituição de pesquisa e 4,3% se referem ao novo coronavírus como estratégia política. A segunda fase do estudo, realizada entre 11 de abril e 13 de maio, aponta que, entre as *fake news* notificadas pelo app, 24,6% afirmam ser a doença uma estratégia política, 10,1% ensinam métodos caseiros para prevenir o contágio do novo coronavírus, 10,1% defendem o uso da cloroquina e hidroxicloroquina sem comprovação de eficácia científica e 7,2% são contra o distanciamento social. (Fiocruz, 2020, n.p)¹¹

Já o site Sanarmed¹² fez uma página apenas para tratar das *fake news* que apareciam relacionadas ao coronavírus. Ou seja, ele traz as *fake news* e mostra por que aquela matéria é falsa.

Entre as *fake news*, escolhi algumas para ilustrar com base em Sanarmed, 2020:

- OMS agora recomenda hidroxicloroquina para Covid-19;

¹¹ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/estudo-identifica-principais-fake-news-relacionadas-covid-19>

¹² Disponível em: <https://www.sanarmed.com/coronavirus/fake-news>

- Vacinas para Covid-19 podem atrapalhar imunização;
- Dióxido de cloro pode prevenir e curar Covid-19;
- CRM vai cassar médico que não prescrever cloroquina;
- Sucesso de Cuba na Covid-19 é a cloroquina;
- Uso prolongado de máscara causa hipóxia;
- Nitazoxanida (Annita) cura a Covid-19.

Nos hiatos de versões aceitáveis e em meio a indeterminações, os indivíduos tornam-se *experts* de si mesmos, consumindo *fake news* e reproduzindo narrativas de risco falaciosas com consequências desastrosas. É a primeira vez que o mundo enfrenta uma pandemia nessa era digital de marketing político, uma era também chamada de pós-verdade.

4.3 – Efeitos da contextualização realizada

É possível verificar um excesso de notícias falsas velozmente disseminadas, e isto revela que uma parte da população apresenta uma inquietante perda de confiança em instituições antes conhecidas por apresentar e representar a verdade dos fatos: a imprensa, a ciência e as elites intelectuais em geral.

Os termos *fake news* e pós-verdade caminham juntos. E no caso da Covid-19 acontece a combinação mais perigosa dos dois termos, pois as informações e orientações que contrariam o conhecimento científico disseminam o medo e até a prática de charlatanices, aumentando as chances de avanço da infecção e de mortes.

Essas *fake news* são perigosas, pois, além de colocar vidas em risco, dissemina informações falsas, contribuindo para o descrédito da ciência e das instituições globais de saúde pública que tentam controlar uma questão grave de saúde pública.

Com essa situação, há uma ruptura na legitimidade das instituições fundamentais para a democracia constitucional. A Internet é um espaço para o debate político, que evidencia sentimentos e emoções, porém, cria *fake news* contra um opositor, uma mentira, que ultrapassa o campo democrático, podendo até mesmo ser considerado crime.

É difícil pensarmos em saídas para a problemática do excesso de dados na Internet, para o capitalismo de vigilância e para o sistema de *fake news* que pode contribuir na decisão de eleições. Porém, é necessário pensarmos e indagarmos alguns pontos.

Não podemos simplesmente criar um sistema de verdade e mentira, uma vez que isso esbarra em um sistema de poder. É de conhecimento, por exemplo, que existem regimes

autoritários que censuram, omitem notícias e informações com um esquema de “caçar” as mentiras, uma concepção de que se algo que é publicado não é de seu agrado, ou se é uma crítica ao que diz, ou se é algo que contrariaria a sua ideologia, ela é uma mentira e por isso não pode ser publicada.

É necessário ter cuidado e é preciso pesquisar mais a fundo a questão dos grupos sociais que se juntam e criam um grupo digital para deslegitimar outro grupo e para espalhar *fake news*. É necessário pesquisar a fundo, para saber se, de fato, eles existem e, se caso existam, como atuam.

Outro ponto necessário é o de maior comprometimento e empenho das redes sociais para coibirem a divulgação dessas manifestações virtuais. O WhatsApp limitou o envio de mensagem para um número específico de pessoas por vez, após a questão dos “disparos” em massa. O Facebook colocou uma informação de que a imagem apresenta questões que não são verdadeiras, porém, não basta apenas isso, é necessário maior controle.

A contextualização da pandemia de Covid-19 e da desinformação associada a ela revelou efeitos profundos e multifacetados na sociedade global. A necessidade urgente de contextualizar as informações científicas e as medidas de saúde pública durante a crise sanitária se tornou um desafio central, dada a velocidade com que as informações evoluíam e a diversidade de fontes que disseminavam conteúdos de qualidade variável.

Um dos principais efeitos da contextualização foi a intensificação das divisões sociais e políticas. À medida que diferentes narrativas sobre a pandemia emergiam, a contextualização dos dados e das recomendações científicas muitas vezes variava de acordo com o veículo de comunicação, a ideologia política ou o público-alvo. Essa diversidade na interpretação dos fatos levou a uma polarização crescente, onde informações contextualizadas de maneira científica e precisa competiam com narrativas simplificadas ou distorcidas que atendiam aos interesses ou crenças pré-existentes de diferentes grupos.

A contextualização, ao tentar explicar a complexidade da pandemia – como a variabilidade dos efeitos do vírus, a eficácia das vacinas e as razões para as medidas de *lockdown* – encontrou resistência significativa em certos segmentos da população. O esforço para fornecer explicações detalhadas e matizadas foi frequentemente percebido como confuso ou contraditório por aqueles já inclinados a desconfiar das autoridades científicas e governamentais. Em alguns casos, a contextualização foi mal utilizada, servindo como base para teorias conspiratórias ou para alimentar a desinformação, o que agravou a crise de confiança em torno da pandemia.

As políticas públicas desempenham um papel indispensável na criação de um ambiente

informativa saudável. Governos e instituições públicas precisam adotar estratégias de comunicação mais eficazes e inclusivas, que levem em conta as diferentes necessidades e percepções da população. Isso inclui o desenvolvimento de campanhas de comunicação pública que não apenas informem, mas que também contextualizem os dados de forma acessível e relevante para diversos públicos. A transparência, a consistência e a adaptação das mensagens às realidades locais são elementos-chave para superar as barreiras de compreensão e confiança que surgiram durante a pandemia.

Outro aspecto importante das políticas públicas é o fortalecimento das redes de saúde pública e sua integração com sistemas educacionais e comunitários. A pandemia de Covid-19 destacou a necessidade de uma abordagem mais holística na gestão de crises de saúde pública, onde a educação e a comunicação são vistas como componentes estratégicos da resposta à crise. O desenvolvimento de políticas que promovam a colaboração entre escolas, universidades, e instituições de saúde pode facilitar a disseminação de informações precisas e contextualmente apropriadas durante crises futuras.

É crucial que as políticas públicas apoiem a criação de espaços de diálogo e reflexão dentro da sociedade. A polarização exacerbada pela pandemia e pela desinformação requer intervenções que promovam a coesão social e a capacidade de discutir diferenças de maneira construtiva. Iniciativas que incentivem o debate informado e a participação cívica, especialmente em plataformas digitais podem ajudar a construir um ambiente mais propício para a aceitação de informações contextualizadas e baseadas em evidências.

Em suma, os efeitos da contextualização realizada durante a pandemia de Covid-19 foram amplamente influenciados pela complexidade da informação e pelas dinâmicas sociais e políticas que moldaram a percepção pública. A educação e as políticas públicas desempenham papéis complementares na mitigação dos efeitos negativos dessa contextualização, oferecendo caminhos para fortalecer a resiliência informativa da sociedade. Ao equipar os cidadãos com habilidades críticas e ao criar um ambiente de comunicação mais transparente e inclusivo, é possível enfrentar os desafios colocados pela desinformação e promover uma sociedade mais informada e coesa, capaz de lidar com crises futuras de maneira mais eficaz.

Por fim, é necessário pensar uma educação, uma educação com as tecnologias, uma educação voltada para esse novo sistema. É importante focar em uma educação contra a “banalidade” do mal. É necessário que o meio acadêmico se una e deixe as “ vaidades acadêmicas”, os preconceitos, trazendo as tecnologias para o debate. Fazer uma educação em prol da utilização das tecnologias e conscientizar os “usuários” dos recursos tecnológicos a respeito dos limites.

A educação emerge como um pilar fundamental para mitigar os efeitos negativos dessa contextualização fragmentada. O sistema educacional tem o potencial de preparar os indivíduos para navegar em um ambiente saturado de informações contraditórias, promovendo o pensamento crítico e a alfabetização midiática. A incorporação de currículos que ensinem a avaliar criticamente fontes de informação, compreender o método científico e reconhecer vieses pode equipar a sociedade para lidar melhor com futuras crises informativas. Além disso, a educação pode desempenhar um papel na desmistificação da ciência e na construção de confiança nas instituições científicas, algo que se mostrou crucial durante a pandemia.

É urgente uma postura crítica, reconhecendo os benefícios e apontando os malefícios que as tecnologias podem trazer, principalmente em relação à Internet. Isso porque é necessária uma reorganização do debate na Internet e principalmente nas redes sociais, uma vez que elas hoje são orientadas por conteúdos falaciosos, que se alimentam e retroalimentam do achismo e do negacionismo, indo contra as verdades que podem ser inconvenientes aos seus pensamentos.

CONCLUSÃO

As considerações finais deste trabalho têm como objetivo sintetizar e refletir criticamente sobre os temas e questões abordados ao longo dos capítulos, oferecendo uma visão abrangente das implicações da disseminação da desinformação on-line e do papel das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no contexto contemporâneo. Além disso, estas considerações visam abrir novas perspectivas para pesquisas futuras, que possam aprofundar ainda mais a compreensão dessas questões complexas e urgentes.

No primeiro capítulo, que detalha a pesquisa realizada, foram exploradas a metodologia empregada para investigar a interseção entre desinformação e TICs, bem como a análise dos dados coletados. Essa seção revela as complexidades envolvidas na investigação desses fenômenos, particularmente em relação à medição da influência da desinformação na formação de opiniões e comportamentos. As descobertas sugerem que, embora as TICs ofereçam ferramentas poderosas para a disseminação de conhecimento, elas também são vulneráveis a abusos que podem minar a confiança pública e a coesão social.

As implicações dessas descobertas são vastas e demandam uma abordagem holística para a regulação das TICs, que leve em consideração não apenas os aspectos econômicos, mas também as dimensões éticas e sociais. Além disso, o trabalho aponta para a necessidade de uma maior alfabetização midiática, que capacite os indivíduos a navegarem no ambiente digital de forma crítica e informada, resistindo às tentações da desinformação.

No segundo capítulo, a análise das TICs em relação à política e ao capitalismo revelou como essas tecnologias, longe de serem neutras, desempenham um papel central na configuração das relações de poder na sociedade moderna. A teoria crítica de Andrew Feenberg foi essencial para compreender essa dinâmica, fornecendo uma lente para analisar como a tecnologia pode ser usada tanto para emancipar quanto para subjugar. Feenberg argumenta que a tecnologia, ao ser apropriada pelas elites econômicas e políticas, tende a reforçar estruturas de dominação, mas também possui o potencial de ser reapropriada para fins emancipatórios, dependendo das condições sociais e políticas.

A discussão sobre Internet e política expôs como as TICs transformaram a arena política, criando formas de participação, mas também novos desafios. A ascensão das mídias sociais, por exemplo, abriu espaço para a expressão e a mobilização política de grupos anteriormente marginalizados. No entanto, também facilitou a propagação de desinformação e o surgimento de movimentos extremistas que utilizam essas plataformas para influenciar processos eleitorais e manipular a opinião pública. Esse fenômeno é exacerbado pelo

capitalismo de vigilância, conceito que descreve como empresas tecnológicas coletam, analisam e vendem dados pessoais, criando um mercado de vigilância onde os usuários são, simultaneamente, consumidores e produtos.

A discussão sobre o capitalismo de vigilância revelou como a coleta massiva de dados alimenta um ciclo vicioso de exploração e controle. Empresas, ao oferecerem serviços aparentemente gratuitos, capitalizam em cima dos dados gerados pelos usuários, utilizando algoritmos sofisticados para prever e influenciar comportamentos. Essa prática não apenas mina a privacidade individual, mas também consolida o poder econômico e político nas mãos de poucas corporações, o que levanta sérias questões sobre a concentração de poder e a erosão da soberania democrática.

No contexto das *Big Techs*, argumenta-se que a predominância dos dados como base para a tomada de decisões políticas e econômicas está gradualmente eliminando o espaço para o debate público e a deliberação democrática. A política, entendida tradicionalmente como um processo de negociação e construção coletiva de significados, está sendo substituída por uma tecnocracia que valoriza mais a eficiência e o controle do que a participação cidadã. Isso é especialmente preocupante em uma era onde algoritmos e inteligência artificial desempenham papéis cada vez mais decisivos na modelagem das políticas públicas, frequentemente sem a devida transparência ou responsabilidade.

O terceiro capítulo abordou a desinformação on-line, um dos maiores desafios da sociedade contemporânea. A proliferação de *fake news*, a era da pós-verdade e a manipulação dos fluxos de informação criaram um ambiente onde a verdade objetiva é frequentemente sacrificada em favor de narrativas que servem a interesses específicos. Este fenômeno não é apenas um reflexo da fragmentação da esfera pública, mas também uma consequência direta das arquiteturas digitais que promovem a disseminação viral de informações sem verificação.

Os “engenheiros do caos”, termo que se refere aos atores que deliberadamente produzem e espalham desinformação para desestabilizar sociedades, são figuras centrais nesta nova ecologia da informação. Sua atuação é facilitada por plataformas que priorizam o engajamento acima da veracidade, o que cria um terreno fértil para a polarização e a radicalização.

A análise dos algoritmos, Internet e a câmara de eco destaca como os algoritmos de recomendação utilizados por redes sociais e mecanismos de busca exacerbam esse problema, ao criar ambientes onde os indivíduos são expostos repetidamente a conteúdos que reforçam suas visões de mundo, isolando-os de opiniões divergentes. Isso não só dificulta o diálogo entre diferentes grupos, mas também contribui para a formação de identidades políticas cada vez mais rígidas e antagonistas.

A pandemia de Covid-19, discutida no quarto capítulo, atuou como um catalisador que intensificou as tendências já existentes de desinformação. Durante a crise, o fluxo de informações falsas atingiu níveis alarmantes, com consequências diretas para a saúde pública e a coesão social. A análise da pandemia e da desinformação revela como a combinação de incerteza, medo e a sobrecarga de informações criou um ambiente propício para o surgimento de teorias da conspiração e a disseminação de tratamentos ineficazes ou perigosos. A politização da resposta à pandemia, observada em várias partes do mundo, complicou ainda mais o cenário, ao transformar uma questão de saúde pública em um campo de batalha ideológico.

A seção sobre os efeitos da contextualização realizada demonstra como a desinformação durante a pandemia não só distorceu a percepção pública dos riscos e das medidas de mitigação, mas também gerou desconfiança em relação às instituições científicas e governamentais. Isso evidencia a necessidade urgente de se desenvolverem estratégias eficazes para lidar com a desinformação em contextos de crise, que possam mitigar os impactos negativos e preservar a integridade do debate público.

Na introdução, fiz três perguntas que seriam, o eixo da discussão. Foram elas:

- As tecnologias de informação e a comunicação estão impactando a divulgação de informações e comunicações?
- Por que a desinformação on-line virou um conceito tão difundido?
- A Internet facilitou a divulgação das “desinformações” ou fez com que mais pessoas construíssem “desinformações”?

Podemos trazer algumas respostas iniciais. As tecnologias de comunicação e informação, especialmente a Internet e as plataformas digitais, transformaram radicalmente a maneira como as informações são divulgadas, compartilhadas e consumidas. A principal característica desse impacto é a velocidade com que as informações viajam, rompendo barreiras geográficas e temporais, e possibilitando que qualquer indivíduo, grupo ou organização publique e dissemine conteúdo instantaneamente. Isso democratizou o acesso à informação, permitindo que mais vozes sejam ouvidas e que o debate público ocorra em uma escala global, como discutido no primeiro capítulo, ao explorarmos a relação entre Internet e política.

Por outro lado, essa facilidade de comunicação também vem acompanhada de um fenômeno preocupante: a diluição das fontes de autoridade e a diminuição da confiança nas instituições tradicionais. Com o advento das redes sociais e de plataformas descentralizadas de comunicação, a distinção entre fontes confiáveis e não confiáveis tornou-se mais ambígua. Como mencionado ao abordar a Teoria Crítica de Feenberg, a tecnologia não é neutra e, ao ser

moldada por interesses econômicos e políticos, favorece certas dinâmicas de poder. Plataformas tornaram-se mediadoras centrais do debate público, utilizando algoritmos para amplificar conteúdo baseados em engajamento, e não necessariamente em veracidade.

Essa reconfiguração do ecossistema da informação impacta diretamente os processos democráticos e a esfera pública, como destacado na discussão sobre o capitalismo de vigilância. As grandes corporações tecnológicas controlam fluxos massivos de dados pessoais, permitindo segmentar e direcionar conteúdos a públicos específicos. Isso dá origem a campanhas personalizadas de desinformação, que podem ser moldadas de acordo com as vulnerabilidades de cada grupo, polarizando ainda mais as discussões. Portanto, o impacto das tecnologias de informação e comunicação na divulgação de informações é profundo e multifacetado, criando oportunidades para um debate público mais amplo, mas também introduzindo novas ameaças ao discurso democrático.

A desinformação on-line se tornou um conceito amplamente difundido, em grande parte, devido à sua eficácia em explorar as características estruturais da Internet e das redes sociais. Como discuti no segundo capítulo, a desinformação é uma manifestação moderna da propaganda, agora potencializada pelas capacidades técnicas das plataformas digitais. Ao contrário de épocas anteriores, em que o controle da informação estava nas mãos de grandes meios de comunicação ou governos, a Internet descentralizou a produção de conteúdo, permitindo que qualquer pessoa com acesso a uma conexão possa criar e disseminar informações.

Esse fenômeno é exacerbado por um ambiente digital que favorece o engajamento emocional e polarizado. As plataformas de mídia social foram projetadas para maximizar o tempo de permanência dos usuários, utilizando algoritmos que priorizam conteúdos que geram reações intensas. A desinformação, por sua própria natureza, tende a ser sensacionalista e emocionalmente provocativa, o que a torna particularmente adequada para esse tipo de ambiente. Na discussão sobre as câmaras de eco, os algoritmos das redes sociais acabam reforçando as crenças pré-existentes dos usuários, expondo-os apenas a informações que confirmam suas visões de mundo. Isso não só aumenta a difusão da desinformação como também contribui para a fragmentação da esfera pública e a polarização política.

Além disso, a desinformação on-line é alimentada por uma convergência de interesses. Governos, grupos políticos, corporações e indivíduos com diferentes motivações (econômicas, políticas, ideológicas) encontram na desinformação um meio poderoso de influenciar a opinião pública. No estudo dos agentes que criam o caos, esses atores utilizam a desinformação como uma ferramenta estratégica para moldar narrativas, semear dúvidas e manipular percepções. O

conceito de desinformação, portanto, tornou-se tão difundido porque reflete um dos principais desafios contemporâneos: a luta pela verdade em um ambiente onde a informação é abundante, mas a veracidade nem sempre é garantida.

Por fim, a Internet, ao transformar o modo como as informações são distribuídas, facilitou enormemente a divulgação da desinformação, tanto em termos de amplitude quanto de velocidade. A estrutura aberta e descentralizada da Internet significa que não há barreiras significativas para a criação e disseminação de conteúdos falsos ou enganosos. Qualquer pessoa pode publicar algo on-line e, através das redes sociais, essa informação pode alcançar milhões de pessoas em questão de horas, ou até minutos. Como discutido no quarto capítulo, a pandemia da Covid-19 demonstrou claramente como a desinformação pode se propagar quase tão rápido quanto o próprio vírus, ampliando a crise de saúde pública.

Porém, a Internet não apenas facilitou a divulgação da desinformação; ela também criou um ambiente propício para a construção ativa de desinformações. Como observado na análise sobre os algoritmos e câmaras de eco, as plataformas digitais encorajam os usuários a produzir conteúdo que gerem engajamento, e a desinformação se destaca nesse aspecto. Ao recompensar a viralidade e o engajamento emocional, a arquitetura das redes sociais incentiva a criação de desinformações que são projetadas para se espalhar rapidamente.

Além disso, a Internet, ao dar a todos uma voz, também amplificou os incentivos para que grupos e indivíduos criem desinformação. Governos autoritários, partidos políticos e até mesmo atores econômicos encontraram na Internet um campo fértil para a manipulação da opinião pública, seja para deslegitimar adversários, minar instituições democráticas ou para lucrar com a exploração de vulnerabilidades sociais. As ferramentas que permitem a disseminação rápida de informações também permitem a criação sofisticada de desinformações, como *deepfakes*, *bots* e campanhas coordenadas que simulam o apoio popular para determinadas causas ou narrativas.

A Internet desempenhou um papel duplo: facilitou a difusão de desinformações e fomentou um ambiente que incentiva a sua criação. A combinação dessas duas dinâmicas criou um cenário em que a desinformação se tornou uma ameaça persistente e global, demandando respostas robustas tanto em termos de políticas públicas quanto de alfabetização midiática, como destacado nas considerações finais.

Em conclusão, este trabalho reafirma a importância de uma abordagem crítica e interdisciplinar para enfrentar os desafios colocados pela desinformação on-line e pelas TICs. As consequências para a política, a economia e a sociedade são profundas e exigem uma reflexão contínua. A interseção entre tecnologia, poder e informação é um campo de estudo que

se mantém em constante evolução, e este trabalho apenas arranha a superfície das complexas interações que nele ocorrem.

Por fim, é fundamental que a academia, a sociedade civil e os formuladores de políticas continuem a colaborar para entender e mitigar os efeitos da desinformação. Somente por meio de um esforço conjunto será possível construir uma sociedade mais informada, justa e democrática, onde a tecnologia seja utilizada como uma ferramenta de empoderamento e não de opressão. Este trabalho, portanto, não é apenas uma conclusão, mas um ponto de partida para novas investigações que busquem aprofundar o entendimento e desenvolver soluções para os desafios que se apresentam na era digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLCOTT, H., & GENTZKOW, M. (2017). Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211-236. Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211> Acesso 20 jul. 2020.
- ANDERSON, A. A., BROSSARD, D., SCHEUFELE, D. A., XENOS, M. A., & LADWIG, P. (2014). The “nasty effect:” Online incivility and risk perceptions of emerging technologies. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 19(3), 373-387. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/jcc4.12009> Acesso 20 de jul. 2020
- AVELINO, M. R.; SILVA, A. S.; LEAL, S. R. (2020). DEIXE SEU LIKE! O Engajamento nas Publicações com Digital Influencers no Instagram das DMOs Brasileiras. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 14 (3), p. 50-67, set./dez.
- BASTOS, Elísio Augusto. Velloso, FIGUEIREDO, Fernanda Farias, COUTO, João Victor. Lima de Abreu. Algoritmos, Inteligência Artificial E Novas Formas De “Fazer Política”: Análise Da Influência Da Ia Nos Processos Eleitorais Democráticos Na Contemporaneidade. **Revista Direito E Justiça: Reflexões Sociojurídica**. 2021, p. 175-193. Disponível em <https://doi.org/10.31512/rdj.v21i41.635> Acesso em: 05 fev. 2019.
- BEZERRA, Arthur Coelho; CAPURRO, Rafael; SCHNEIDER, Marco. *Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital*. **Liinc em Revista**, v. 13, nº 2, 2017. Disponível: <https://bit.ly/2CGurqH>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- BOMFIM, Tomás. Interações digitais – usos sociais da internet em perspectiva etnográfica. 2013. **Relatório de Pesquisa (PIBIC)** – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2013/relatorios_pdf/ccs/COM/COM-Tom%C3%A1s%20Bomfim.pdf. Acesso em: 20 set. 2024
- BRADSHAW, S., & HOWARD, P. N. (2018). The global organization of social media disinformation campaigns. *Journal of International Affairs*, 71(1.5), 23-32. Disponível em: <https://jia.sipa.columbia.edu/news/global-organization-social-media-disinformation-campaigns> Acesso em: 20 jul. 2020
- BRINGEL, Breno. **Movimientos Sociales Y La Nueva Geopolítica De LaIndignación Global**. In In Protesta e indignación global: Los movimientos sociales en el nuevo orden mundial. Rio de Janeiro, Clacso, 2017.

- CANAVILHAS, João Messias. “Webjornalismo: Considerações Gerais sobre Jornalismo na web”. Comunicação Apresentada ao **I Congresso Ibérico de Comunicação**, Beira Interior. p.01-07, maio 2001.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTÓDIO, Marcela Gaspar. *A Informação Enfurecida e a Missão do Bibliotecário em Tempos de Pós- Verdade: Uma Releitura com Base em Ortega e Gasset*. In: **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 2, maio/ago., 2018
- CRUZ, Enriqueta de la. Carlos París, filósofo: Hay que conseguir la República. Bajo la Monarquía, continuamos el triunfo del franquismo. **Cronica Popular**, 28 out. 2013. Disponível em: <http://www.cronicapopular.es/2013/10/carlos-paris-filosofo-hay-que-conseguir-la-republica-bajo-la-monarquia-continuamos-el-triunfo-del-franquismo/>. Acesso em: 10 set. 2015.
- CULLIFORD, Elizabeth; DANG, Sheila. **Facebook vai remover publicações falsas sobre vacinas e pode excluir perfis**. 8 fev. 2021. Tecnologia. CNN BRASIL. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/facebook-vai-remover-publicacoes-falsas-sobre-vacinas-e-pode-excluir-perfis>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- DOWNES, S. **Semantic networks and social networks**. National Research Council Canada. The Learning Organization. Vol. 12 nº 5, 2005, p. 411-417. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/09696470510700394/full/html?skipTracking=true> Acesso em 20 jul. 2024
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FEENBERG, Andrew. “**Teoria Crítica da Tecnologia: um panorama**”. En: Tailor-Made BioTechnologies, vol.1, n. 1, abril-maio, 2005. Disponível em: http://www.sfu.ca/~andrewf/feenberg_luci.htm. Acesso em 20 jul. 2024
- FEENBERG, Andrew. **Between reason and experience: essays in technology and modernity**. Cambridge: MIT Press; 2010.
- FEENBERG, Andrew. **Questioning Technology**. New York: Routledge. (1999).

- FEENBERG, Andrew. **Transforming technology: a critical theory revised**. 2nd Ed. Oxford: Oxford University Press; 2002.
- FERREIRA, Alexandre Valério; RIOS, José Riverson Araújo Cysne. Filtro bolha, câmara de eco e a formação de opiniões extremas. In: **ANAIS DO XL CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 40., 2017, Curitiba. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44732>. Acesso em: 11 out. 2021.
- FLETCHER, John. *Deepfakes, Inteligência Artificial e Algum Tipo de Distopia: As Novas Faces do Desempenho Pós-Fato Online*. **Theatre Journal**, v. 70, n. 4, p. 455-471, 2018.
- FREND, Steven J.; NICHOLS, Rebecca M.; LOFTUS, Elizabeth F. *Current issues and advances in misinformation research*. **Current Directions in Psychological Science**, v. 20, n. 1, p. 20-23, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2IdU0Rt>. Acesso em: 12 jun. 2018
- GARRET, Filipe. Cinco riscos da tecnologia deepfake. Techtudo. Nov. 2020. Disponível em <https://www.techtudo.com.br/listas/2020/11/cinco-riscos-da-tecnologia-deepfake.ghtml> Acesso em: 15 jul. 2021.
- GOFFEY, A. Algorithm. In: FULLER, M. (Ed.). **Software studies: a lexicon**. Cambridge, MA: MIT Press, 2008. p. 15-20.
- GRAVES, L., & AMAZEEN, M. A. (2019). **Fact-checking as idea and practice in journalism**. Oxford Research Encyclopedia of Communication. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/display/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-808> Acesso em: 20 jul 2024
- GUESS, A. M., NAGLER, J., & TUCKER, J. (2019). **Less than you think: Prevalence and predictors of fake news dissemination on Facebook**. Science Advances, 5(1), eaau4586. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.aau4586> Acesso em 20 jul. 2024
- HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43. Trad.: Paulo Geiger.
- JASYN, Lorien; WAGGLE, Joseph; FISHER, Dana R. An empirical examination of echo chambers in US climate policy networks. **Nature Climate Change – Advance Online Publication**, EUA. Maio, 2015. Disponível em: www.nature.com/natureclimatechange Acesso em 09 jun. 2017.
- KIETZMANN, Jan *et al.* **Social media? Get serious! Understanding the functional Building blocks of social media**. Business horizons, v. 54, nº 3, p. 241-251, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2HvDwlf>. Acesso em 24 out. 2018.
- LEWANDOWSKY, S., ECKER, U. K. H., & COOK, J. (2017). Beyond Misinformation: Understanding and Coping with the “Post-Truth” Era. Journal of Applied Research in Memory

and Cognition, 6(4), 353-369. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2017-57700-001>
Acesso em 20 jul. 2020

MARKINES, Benjamin; CATTUTO, Ciro; MENCZER, Filippo. *Social spam detection*. In: **Proceedings of the 5th International Workshop on Adversarial Information Retrieval on the Web**. ACM, 2009. p. 41-48. Disponível em: <https://bit.ly/2WFht1W>. Acesso em 17 set. 2018

MARTELETO, R. M. **Análise de Redes Sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/6Y7Dyj4cVd5jdRkXJVxhxqN/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 jul. 2020

MCGREW, S., BREAKSTONE, J., ORTEGA, T., SMITH, M., & WINEBURG, S. (2018). Can students evaluate online sources? Learning from assessments of civic online reasoning. **Theory & Research in Social Education**, 46(2), 165-193. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00933104.2017.1416320>. Acesso em 20 jul. 2024

MEIRELES, A.V. Algoritmos e autonomia: relações de poder e resistência no capitalismo de vigilância. **Opinião Pública [online]**. 2021, v. 27, n. 1 disponível em <https://www.scielo.br/j/op/a/vryT7RHCQ8q8RvYXF3zKvZS/?format=pdf&lang=pt>

MINISTÉRIO DA SAÚDE. O que é a COVID-19? Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. 192 p.

NUNES, Amanda Maria de Almeida e TEIXEIRA, João Paulo Allain. *A Pandemia da Desinformação em Tempos de Coronavírus: Implicações Jurídicas e Sociais*. In TEIXEIRA, João Paulo Allain. **Pensar a Pandemia: Perspectivas Críticas para o enfrentamento da crise**. Tirant lo Blanch, São Paulo, 2020.

NUNES, Amanda Maria de Almeida. **Máquinas sociais e a desinformação em rede: o papel das entidades de software na formação de opinião na internet** / Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2020

OLIVEIRA, Júlia Venas. **A DESTINAÇÃO DE BENS DIGITAIS POST MORTEM: Conflitos entre sucessão dos herdeiros e os direitos da personalidade do usuário de cujus**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Católica de Salvador, 2020. Disponível em:

<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2529/1/TCCJ%C3%9ALIAOLIVEIRA.pdf>

Acesso em 24 jan. 2021.

OPAS (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Histórico da Pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> p.75-89. Mar. 2010. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1057/jit.2015.5>> Acesso em: 22 set. 2020.

PARISER, Eli. **O filtro bolha – o que a Internet está escondendo de você**. 1. Ed. Tradução: DiegoAlfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 254p.

PENNYCOOK, G., & RAND, D. G. (2019). The Implied Truth Effect: Attaching Warnings to a Subset of Fake News Stories Increases Perceived Accuracy of Stories Without Warnings. *Management Science*, 66(11), 4944-4957. Disponível em: <https://pubsonline.informs.org/doi/10.1287/mnsc.2019.3478> Acesso em: 20 jul. 2020

PENTLAND, Alex. Beyond the echo chamber. In: *Havard Business Review* – Nov. 2013. Disponível em: <https://hbr.org/2013/11/beyond-the-echo-chamber>. Acesso em: 13 jun. 2017.

PESSOTTO, Ana Heloiza Vita; TOLEDO, Glauco Madeira de. “*Inimigos mais perto ainda: Globo produz conteúdo para hater e troll*”. In: **Revista GEMInIS** | ano 5 - n. 2, 2014, p. 79-95. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/205>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PLEYERS, Geoffrey **Entre Las Redes Sociales Y Las Plazas**. In *Protesta e indignación global: Los movimientos sociales en el nuevo orden mundial*. Rio de Janeiro, Clacso, 2017.

POSSETI, Julie. BONTCHEVA, Kalina. Desinfodemia Decirar a desinformação sobre a Covid-19. In: *Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e a Cultura*. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por. Acesso em: 10 mar. 2018.

PROJECT DRAFT. **Verbete Draft: O Que É Capitalismo De Vigilância**. 2020, disponível em: <https://www.projetodraft.com/verbete-draft-o-que-e-capitalismo-de-vigilancia/>. Acesso em: 10 mar. 2018.

RECUERO, R. **Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Disponível em: *Anais do VIII Seminário Internacional de Comunicação*. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/seminario2005.pdf>.

RIBEIRO, Márcio Morreto. *Antipetismo e conservadorismo no Facebook*, In: GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018.

SANTOS, Gustavo Ferreira. *Uma Pandemia de Fake News: Desinformação na Internet e a Crise da Democracia Constitucional*. In TEIXEIRA, João Paulo Allain. **Pensar a Pandemia:**

- Perspectivas Críticas para o enfrentamento da crise.** Tirant lo Blanch, São Paulo, 2020.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Cia. das Letras, 2014.
- SILVEIRA, Marcelo, D. P da. *Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas.* In: **Psicol. cienc. prof.** Dez 2004, vol.24, n.4, p.42-51. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TwtP4fS3hfWVmx9HptM7pLn/abstract/?lang=pt> Acesso 20 jul. 2024
- SILVEIRA, Sergio Amadeu. Governo dos algoritmos. **Revista de Políticas Públicas** 2017; 21:267-81. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3211/321152454013/html/>
- SOUZA, Luis Eugenio Portela Fernandes de. Saúde, **Desenvolvimento e inovação: uma contribuição da teoria crítica da tecnologia ao debate.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 32, supl. 2, e00029615, 2016 .
- SULER, John. “*The online disinhibition effect*”. In: **CyberPsychology & Behavior**, v. 7, nº 3, p. 321-326, 2004.
- UGARTE, D. **El poder de las redes.** Manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo. 2009. Disponível em: <https://jardin.lasindias.com/el-poder-de-las-redes>. Acesso em: 15 jul. 2016.
- VALENTE, Jonas. Pesquisa constata só 8% de imagens verdadeiras em grupos de WhatsApp. **Agência Brasil.** Brasília, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/pesquisa-constata-so-8-de-imagens-verdadeiras-em-grupos-de-whatsapp> acesso em 01/02/2022
- VOSOUGHI, S., Roy, D., & Aral, S. (2018). The spread of true and false news online. *Science*, 359(6380), 1146-1151. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.aap9559> acesso em 20 jul. 2020
- ZAGO, Gabriela. “*Trolls e Jornalismo no Twitter*”. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 9, n. 1, janeiro a junho de 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n1p150>. Acesso em 22/06/2015>. Acesso em: 10 set. 2015.
- ZATTAR, Marianna. *Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação.* **Liinc em Revista**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Xhf4PG>. Acesso em: 11 jun. 2018.
- ZUBOFF, Shoshana. **Big other: Surveillance Capitalism and the Prospects of an Information Civilization.** Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1057/jit.2015.5> Acesso em: 20 jul. 2024.